



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Patrícia Manchini Silva

2 Ciclo de Estudos em História e Patrimônio - Ramo Mediação Patrimonial

Mediação Patrimonial no resgate da Memória Histórica. O processo de ensino-aprendizagem. Um estudo de caso: o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá.

Porto 2012

Orientadora: Professora Doutora Amélia Maria Polónia da Silva

Coorientadora: Professora Doutora Simone Scifoni

Classificação: Ciclo de Estudos:

Dissertação:

versão definitiva

“N-B.: Este trabalho segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na sua versão brasileira”.

Dedico este trabalho à minha mãe Angela Manchini.

Mediação Patrimonial no resgate da Memória Histórica. O processo de ensino-aprendizagem. Um estudo de caso: o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá.

Resumo

Este trabalho busca aplicar alguns dos pressupostos da educação patrimonial a um estudo de caso de aprendizagem não-formal: o do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, localizado na cidade de Guaratinguetá, no Brasil. Iremos analisar a importância da mediação patrimonial na divulgação da história local, a partir do acervo encontrado no Museu e Arquivo indicados e averiguar como a identidade de um grupo se constrói e se processa a partir de sentimentos de pertença. Além da conceituação acerca das formas variadas de patrimônio e de sua significância para o indivíduo, a comunidade e a sociedade, o trabalho irá, através de um estudo de caso, o do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, levantar a existência de ferramentas que possibilitam a interação, de forma dinâmica ou não, entre o sujeito e o ambiente, questionando de que modo se processa a educação patrimonial naquele contexto museológico.

Palavras-chave: Educação Patrimonial, Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, Memória, Identidade, História Social.

Mediation in recovery processes of Historical Heritage and Memory. Education and learning practices. The case study of the Museum Frei Galvão and Memory Archive of Guaratinguetá.

Abstract

This thesis is an analysis of the *Museum Frei Galvão* and the *Memory Archive of Guaratinguetá*, both described as environment for informal learning and as spaces to be used for educational purposes. The first is a local museum and the second a historical archive. This project aims to analyse the importance of heritage mediation in the promotion of the history of a community, using as a starting point the archives and collections currently present in the institution under analysis. It hypothesizes that group identity is influenced by feelings of affiliation to a group, in relation to its history. Within that premise, we consider heritage concepts, side by side with the local forms of heritage and its meanings to individuals, communities and societies. The objective of this essay is to bring forth tools otherwise lost in layers of complexity, to facilitate interactions between persons and place, featuring the museum and historical archive as a starting point. These institutions may offer, in the context of preservation of heritage and museology, meanings which are important in learning processes.

Keywords: Heritage Education, Museum Frei Galvão and Memory Archive of Guaratinguetá, Memory, Identity, Social History.

Índice

Agradecimentos	7
Introdução	8
1. Quadro teórico-metodológico.....	10
1.1. Patrimônio – análise conceitual.....	10
1.2. Educação Patrimonial	13
1.2.1. Os processos de ensino-aprendizagem ao serviço da Mediação Patrimonial	13
1.2.2. O Construtivismo na Educação Patrimonial	19
1.3. Opções metodológicas.....	22
2. Contextualização Histórica	25
2.1. A região do Vale do Paraíba e a cidade de Guaratinguetá	25
2.2. Guaratinguetá na História do Brasil: um breve excuro do século XVI ao século XIX	28
2.3. Personagens ilustres de Guaratinguetá que se destacaram na História do Brasil	34
2.4. As características de um passado predominante: Guaratinguetá nos séculos XX e XXI...44	
3. O Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá.....	48
3.1. A fundação do Museu.....	48
3.2. O acervo: museológico e arquivístico.....	59
3.2.1. O “arquivo” do Museu	59
3.2.2. Acervo – processos de aquisição e incorporação	63
3.3. Articulação Arquivo e Museu: complementaridade ou duplicidade?	67
3.4. Estrutura e funcionamento.....	72
3.5. Plano Diretor do Museu.....	75
4. Educação Patrimonial no contexto do Museu Frei Galvão	80
4.1. O público alvo do Museu Frei Galvão	80
4.2. A exibição do acervo	82
4.3. Exposições e ações educativas	85
4.4. Educação Patrimonial: Um olhar analítico em relação às ações sociais	91
Considerações finais	96
Bibliografia.....	102
Lista de abreviaturas e siglas.....	108
Lista de figuras	109
Lista de mapas e fotografias	110
Fotografias.....	111
Anexos.....	141
Apêndices.....	170

Agradecimentos

Aos meus pais Helio Alves e Angela Manchini, pelo apoio concedido durante todo o meu trajeto acadêmico e profissional.

Em especial à minha mãe, Angela Manchini, que percorreu comigo os caminhos mais tortuosos deste período, mas que nunca desistiu de amparar-me e dar-me forças para continuar. Obrigada pelo auxílio nas pesquisas quando estive ausente de Guaratinguetá, pela colaboração em forma de “críticas construtivas”. Obrigada por toda dedicação, paciência e amor.

Aos meus irmãos Rafael e Diego que, mesmo ausentes, transmitiram pensamentos positivos.

Ao meu namorado Ronald por estar presente nos momentos difíceis, pela paciência, atenção e carinho. E principalmente por ter me auxiliado a deixar as fotografias, anexos e apêndices deste trabalho mais apresentáveis.

Ao primo Roderson Siqueira pelas fotografias e as boas risadas ao longo deste trajeto.

A Aline Cunha, companheira de mestrado, por todo auxílio nos momentos que precisei.

Às amigas Cremilda Pedro, Juliana Figueiredo e Natalia Amaral, agradeço por todo otimismo que sempre me transmitiram.

A Maíra Alcoforado e Mariana Araújo, por todo o carinho e companheirismo pela experiência única que tivemos na cidade do Porto, sempre queridas.

Às funcionárias do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá: Thereza Maia, Alice Bittencourt, Ana Maria Maia e Sony Bartelega. Todas, com certeza, contribuíram para que a realização deste trabalho fosse possível. Agradeço especialmente Thereza Maia e Alice Bittencourt, por toda a colaboração na coleta de dados, respondendo a todos os meus questionários com informações que foram essenciais para a realização deste trabalho.

À professora Amélia Polónia por ter acedido a me orientar à distância e pela confiança que depositou em mim, os apontamentos e sugestões que fez, os quais me ajudaram a visualizar a ideia final desta dissertação.

À professora Simoni Scifoni por ter aceitado ser minha co-orientadora, por ter me recebido tão gentilmente e colaborado com a pesquisa.

A todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Muito obrigada a todos!

Introdução

A escolha do tema central da pesquisa conducente à presente dissertação de mestrado resulta de uma confluência entre a sua pertinência para o *Mestrado de História e Patrimônio – Ramo de Mediação Patrimonial*, da Faculdade de Letras do Porto, e a minha motivação. Esta relaciona-se com a minha história de vida, pois nasci na cidade de Guaratinguetá e a minha vivência na comunidade projeta-se neste trabalho. Durante toda a minha vida ouvi muitas histórias sobre a cidade e alguns de seus mais ilustres personagens. Pesquisar na instituição objecto de análise deste trabalho, o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, durante o período escolar, significava deparar-me com um ambiente apelativo, mas precário, tendo o Museu sido reformulado ao longo dos anos para se adequar às novas estruturas de educação e ensino. Desde então, a hipótese de partida deste trabalho: a de que o Museu contribuiu para a (re) construção das memórias de Guaratinguetá e surge a necessidade de uma reflexão metodologicamente orientada sobre a função e desempenhos do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá em processos de construção de memórias e de educação patrimonial.

Andar pela cidade de Guaratinguetá significa se deparar com construções públicas, herança de um passado que teve como patrono pessoas ligadas a famílias tradicionais dos tempos áureos dos engenhos de açúcar e café, juntamente com manifestações que evocam as novidades trazidas da Europa, diversificando a vida social de Guaratinguetá, ao informar e influenciar um imaginário construído em torno desse mito de evolução europeizada.

A cidade de Guaratinguetá foi uma das raízes do Vale do Paraíba. Graças à importância econômica sustentada no comércio, cujo maior impulso parece ter remontado ao movimento tropeirista, a cidade continua sendo uma das principais da região. Mas os traços mais marcantes da história local não se encontram só associados a memórias de elites sociais ou de desenvolvimento comercial. Eles encontram-se também associados a arquétipos, a figuras centrais da vida pública, nomeadamente religiosa, de que Frei Galvão se revela como exemplo. Através de diversos fatos históricos que ocorreram nas últimas décadas, percebe-se a construção do mito em torno da figura de Frei Galvão.

O Mestrado em História e Patrimônio trouxe elementos para aprofundar as minhas indagações preliminares. A partir de então passei a questionar a importância da Mediação Patrimonial na divulgação da história local, a partir do acervo encontrado no Museu Frei

Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Neste sentido, o papel da História e da Mediação Patrimonial foi colocado ao serviço da análise da construção de uma identidade coletiva: *“a história do patrimônio é a história da construção do sentido de identidade e mais particularmente, dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais”* (POULOT, 1997:36).

Partimos para este debate do pressuposto de que a identidade de um grupo se processa a partir de sentimentos de pertença, garantida por imagens ou símbolos partilhados, que permitem o reconhecimento do outro como a si mesmo. O sentimento de pertença a um determinado grupo a partir do reconhecimento de sua identidade, é que o caracteriza a construção de identidades. Este processo condiciona a forma que se molda quando um determinado grupo constrói e se apropria de seus valores, por meio de manifestações perpetuadas na sua história, passando de geração em geração. É nosso entendimento que o Museu de Frei Galvão e o Arquivo que lhe está associado tiveram uma contribuição ativa para este processo, que importa analisar com objetividade e rigor metodológico.

Entendendo que a Mediação Patrimonial constitui o meio pelo qual o patrimônio e a memória se projetam no meio social, envolvendo a comunidade e as pessoas que as constituem em um processo de identificação, preservação e disseminação de patrimônios coletivos, a educação patrimonial deve ser entendida como uma das componentes desse processo, tantas vezes responsável por moldar as representações da realidade pelas pessoas que fazem parte de uma determinada comunidade, bem como por fazer com que elas possam refletir sobre seu patrimônio, sobre a importância da sua preservação, para uma melhor compreensão da sua cultura, sendo também a comunidade desta forma parceira, contribuindo para dinâmicas de mediação e de preservação patrimonial. Isto significa que a comunidade não é apenas alvo de processos de mediação patrimonial, mas também agente ativo.

1. Quadro teórico-metodológico

1.1. Patrimônio – análise conceitual

Segundo Gonçalves (2003), na perspectiva do IPHAN, o patrimônio se divide em material e imaterial¹, também chamado de tangível e intangível. Esta classificação tem a intenção de ampliar o conceito de patrimônio mais tradicional, pois busca os saberes e formas de expressão que não seriam somente arquitetônicos ou materiais. Nesta perspectiva, o chamado patrimônio consagrado se prende à questão do próprio objeto histórico, sendo importante a busca de um novo tipo de patrimônio, logo de novos tipos de objetos históricos, que incluem as componentes imateriais e antropológicas.

Segundo Varine (*apud* COSTA 2006:72-73) o patrimônio é composto por três conjuntos de elementos complementares:

- *O patrimônio cultural (o termo “cultura” tomado em seu sentido antropológico), que resulta da atividade humana, no aspecto social,*
- *O patrimônio cultural, amplamente condicionado pela atividade humana num aspecto ambiental;*
- *O recurso humano, que abarca o patrimônio genético e o conjunto das capacidades adquiridas e transmitidas de geração em geração, mas também as forças, as energias, os valores espirituais e morais”.*

Como refere Choay (2001:11), patrimônio é uma “bela” e “antiga” palavra em cuja raiz se encontra a palavra “pai”, do latim *pater*. Ligou-se, desde suas origens, às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável e bem enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por adjetivos diversos, como genético, natural, histórico e outros, veio a expressar um conceito “nômade”.

Reconhecida a tarefa de proteger e preservar o patrimônio por meio de medidas de conservação ou de resguardo em museu, se faz notar, nos dias atuais, também a necessidade

¹ A tutela do patrimônio imaterial no IPHAN surge a partir de 2000 com o Decreto Federal de número 3.551. Fonte: IPHAN.

de recriar os seus significados e chegar a novas elaborações. Para a existência de um patrimônio vivo, ARIZPE & NALDA (2003:221) sustentam que é necessário trabalhar com variados recursos disponíveis e buscar a maior representatividade social. Como o patrimônio histórico-cultural sobrevive aberto a novas provocações e interpretações, ele favorece, então, a reinvenção de formas plurais de viver comunitariamente e com base na memória coletiva. Encontramos na fala de Sonia Regina do IPHAN um outro conceito:

“Quando as pessoas de uma comunidade discutem o que é patrimônio, isso é um campo de conflito, o que é patrimônio para mim, para você, pode ser uma noção diferenciada (...) como discutir a questão do patrimônio do passado para ser valorizado ainda nos dias de hoje? A questão é usar esse passado, as formas de representação, a simbologia desse passado, para discutir as questões do presente”².

A noção de patrimônio histórico é, em muitos casos, confundida com a expressão patrimônio cultural, herança composta por um complexo de bens históricos (SILVA & SILVA, 2006:324). A análise para a seleção de um determinado patrimônio deve ser feita de acordo com a sociedade que habita esse patrimônio e suas necessidades, pois esses são valores que contribuem para a conservação da memória histórica local. Podemos classificar quatro categorias de bens patrimoniais: os bens naturais, os bens materiais, os bens intelectuais (que são o conjunto do conhecimento humano) e os bens emocionais, em que estão inseridas as manifestações folclóricas, religiosas e artísticas de cada povo (SILVA & SILVA, 2006:325).

De acordo com os mesmos autores (Silva & Silva, 2006), é possível definir o patrimônio histórico-cultural como o conjunto de monumentos arquitetônicos, sítios históricos e parques nacionais de uma determinada região, lugar esse que possui valor histórico e, portanto, possui valor patrimonial. Esse conceito não se restringe apenas à produção material humana, mas também abrange a produção emocional e intelectual, ou seja, tudo o que permite ao homem conhecer-se a si mesmo e ao mundo que o cerca.

Nesse sentido, o homem, ao buscar compreender o seu papel na sociedade em que vive, parte para uma definição filosófica, antropológica e psicológica onde a identidade é o

² Transcrição da entrevista com Sonia Regina, para o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, que ocorreu em Ouro Preto - MG, em 2009. A entrevista foi realizada em conjunto com a TVUfop (canal da Universidade Federal de Ouro Preto). Em: <http://www.youtube.com/watch?v=sRikhvqt664> [Consultado em 26/09/2012].

caráter que permanece idêntico a si próprio, que permite a construção do “eu”, tornando-o semelhante a si mesmo e diferente dos outros. Enquanto a memória contribui com informações para a construção da identidade de uma pessoa ou grupo, o patrimônio é a possibilidade da realização deste percurso, pois é através de sua materialidade que as pessoas irão se lembrar de algo comum e que se define como diferente de outros lugares.

Percebemos que noção de patrimônio vem se transformando de acordo com as necessidades e valores de um determinado período histórico e isso se deve ao fato de que as condições e expressões criadas pelo homem são em grande parte culturais. Portanto, o patrimônio como fonte cultural expandiu-se em categorias que facilitam a classificação das funções desses estudos na compreensão e na formação de uma determinada identidade nacional. Ao inclinar-se sobre o patrimônio já estável socialmente, o historiador necessita:

“[...] compreender como e por que aquela sociedade o definiu como tal, desejando que não fosse destruído. Este último aspecto tem particular interesse para o conhecimento histórico, pois mostra como as sociedades contemporâneas lidam com seu passado e sua memória e como o patrimônio, como uma necessidade premente da humanidade em preservar restos do seu passado, demonstra a percepção do tempo histórico e da historicidade dos processos sociais” (POSSAMAI, 2000: 20).

Possamai (2000) relata alguns dos papéis fundamentais da história relacionados ao patrimônio. Dentre eles, um está direcionado para o processo de valorização do patrimônio, de valores históricos, políticos e econômicos. O outro está relacionado à historicidade do patrimônio, o processo que o construiu, associado aos interesses em preservá-lo. Interesses estes mediados por jogos de poder, observados por meio de lutas de representação, como cita Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1998:85-126).

De acordo com Possamai, as discussões em relação ao patrimônio são realizadas a partir de dois grandes aspectos supramencionados, que se relacionam entre si: o primeiro é relacionado às políticas de preservação, nas quais *“[...] o patrimônio é pensado no âmbito das políticas culturais das instituições públicas e privadas e suas inter-relações com os diferentes grupos sociais”* (POSSAMAI, 2000:14).

Entendemos então o processo de construção do patrimônio cultural como algo conjunto e precisamos buscar, enquanto educadores, o envolvimento de alunos e professores na promoção de discussões a respeito, pois conforme afirmou Ulpiano Bezerra de Meneses, a

percepção do monumento e sua valorização demonstram algum ponto conectado entre ele – o objeto de visualidade – e o observador (MENESES, 2003:13).

A História é componente essencial na construção orientada de políticas de identificação, preservação e disseminação de bens patrimoniais. Ressaltamos que a preservação como prática social é utilizada para a construção de determinadas narrativas e possui um caráter subjetivo, mascarado por discursos que se pretendem positivos, científicos e objetivos. Concluindo-se que o que está em jogo nos museus e também no domínio do patrimônio cultural é a memória e o poder, múltiplos significados e funções, silêncio e fala, destruição e preservação.

1.2. Educação Patrimonial

“Museu, memória e patrimônio configuram campos independentes, ainda que articulados entre si. Eles são arenas políticas, territórios em litígio, lugares onde se disputam o passado, o presente e o futuro. Para além de todas as diferenciações, resta a execução de uma música para a dança e, mais ainda, resta o reconhecimento de que o museu, o patrimônio e a educação configuram campos de tensão e intenção” (CHAGAS, 2006:3-4).

1.2.1. Os processos de ensino-aprendizagem ao serviço da Mediação Patrimonial

Tal como afirma Scifoni (2012), a educação não é um processo neutro, pois ocorre e projeta um campo de debate político-ideológico, lugar esse em que se confronta um modelo de sociedade e o papel do Estado, conforme discutiu Paro (*apud* SCIFONI, 2012). No entanto, segundo a autora Scifoni (2012), este confronto acontece entre duas posições divergentes: ou a educação é vista como um instrumento para a manutenção e perpetuação da ordem social, contribuindo para que tudo permaneça do modo como está, assim contribuindo para a

perpetuação de uma situação de desigualdade social, ou a educação pode ser observada como parte de um projeto de mudança social, um projeto de libertação.

“ainda não há uma legislação que fale o que é educação patrimonial, isso é um problema sério, existe uma portaria no IPHAN que diz que toda ação de arqueologia de contrato, quando uma empresa é contratada para fazer o trabalho arqueológico para o IPHAN, ela tem que ter uma ação de educação patrimonial, mas não diz como é essa ação, isso é um problema serio, porque algumas empresas, depois de fazer o trabalho arqueológico fazem um folheto, um folder e distribui isso na cidade, isso não é educação, isso é no máximo propaganda, no máximo divulgação, mas não é um processo de educação, um processo educativo”³.

Assim, e segundo a autora Scifoni (2012), a educação patrimonial se define em relação a estes dois diferentes caminhos e é a posição definida que determina a escolha de estratégias e a forma como se estruturam as ações educativas. Por se tratar de uma posição política no que se refere ao papel que deve caber à educação, importa que os projetos de educação patrimonial se auto-definam em questões de princípios orientadores.

Neste contexto e segundo Freire (2011), o principal protagonista do processo educativo em contexto de educação patrimonial é o público. O objeto (patrimônio) é o meio através do qual se dá a apropriação do conhecimento do qual ele é suporte. Essa é a perspectiva de uma educação libertadora, onde é possível construir juntos e socializar o conhecimento, ao mesmo tempo em que se aprende a valorizar as práticas locais. Esta é uma perspectiva que permite ao homem a tomada de consciência enquanto sujeito.

“Acreditamos em uma educação dialógica nos princípios de Paulo Freire, não acreditamos em uma educação onde tem um dono de saber onde irá dizer, isso aqui tem que saber, isso é patrimônio, isso vai ser valorizado porque eu sou técnico, eu entendo do assunto mais do que você. Essa postura esta superada, a sociedade brasileira conhece muito bem o que é o seu patrimônio e precisa só de situações de aprendizagem, que sejam geradas e ai entra o papel das instituições gestoras do patrimônio, elas são mediadoras nesses ambientes de

³ Transcrição da entrevista com Sonia Regina, para o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, que ocorreu em Ouro Preto - MG, em 2009. A entrevista foi realizada em conjunto com a TVUfop (canal da Universidade Federal de Ouro Preto). Em: <http://www.youtube.com/watch?v=sRikhvqt664> [Consultado em 26/09/2012].

aprendizagem, dessas rodas de conversa, na tentativa de construir um sentido coletivo de patrimônio”⁴.

A “conscientização” é teoria importante para Freire (2011), pois significa a superação pelo homem da sua mera condição de objeto passivo. Essa “conscientização” está diretamente relacionada com a atitude crítica perante o mundo, atitude essa que permite que o homem escolha e decida a sua própria construção enquanto pessoa, passível de transformar a sua própria realidade. Dentro da perspectiva de educação patrimonial, o significado que encontramos em Freire (2011), não é somente a conscientização do homem em relação à cultura, mas a tomada de consciência do ser como sujeito do mundo, onde a mediação da cultura e do patrimônio pode ser realizada por meio de práticas educativas baseadas na tomada de consciência do homem enquanto sujeito da sua própria história.

“Não é com uma metodologia impositiva que a gente vai chegar e dizer o que é patrimônio e trabalhar a educação patrimonial nessa postura instrucionista (...) o processo começa no momento da identificação do que é patrimônio para uma comunidade que você já faz uma ação educativa, desde o início tem que envolver a comunidade com oficinas de educação patrimonial com a comunidade dizendo o que é patrimônio e o que é referencia cultural para ela, a gestão compartilhada entre parcerias também é importante, entre município, estado e instituição, que se propõe a fazer essa valorização e preservação do patrimonial cultural”⁵.

Mas para que isso ocorra, segundo Scifoni (2012) é necessário garantir uma participação social na construção das políticas de proteção da memória e do patrimônio, participação essa em que a população possa se reconhecer, se ver e se sentir pertencente ao patrimônio e à memória oficial. Para tanto, devemos considerar no processo de valoração do patrimônio cultural, não somente os valores estéticos, mas também os laços afetivos, sociais e simbólicos. Além do mais, é necessário reconhecer o caráter desigual do patrimônio cultural.

Ao tratar o patrimônio, enfatizando somente a técnica e a arquitetura ou a qualidade do material, estamos a contribuir para a sua “fetichização” (Scifoni, 2012). Pelo contrário, e

⁴ Transcrição da entrevista com Sonia Regina, para o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, que ocorreu em Ouro Preto - MG, em 2009. A entrevista foi realizada em conjunto com a TVUfop (canal da Universidade Federal de Ouro Preto). Em: <http://www.youtube.com/watch?v=sRikhvqt664> [Consultado em 26/09/2012].

⁵ Transcrição da entrevista com Sonia Regina, para o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, que ocorreu em Ouro Preto - MG, em 2009. A entrevista foi realizada em conjunto com a TVUfop (canal da Universidade Federal de Ouro Preto). Em: <http://www.youtube.com/watch?v=sRikhvqt664> [Consultado em 26/09/2012].

segundo a mesma autora, é preciso antes perceber o patrimônio a partir dos processos sociais que o produziram. A educação patrimonial no Brasil está, pois, perante um grande desafio, se assumir o fato de que a população nem sempre se identifica em um contexto de patrimônio cultural nacional. Este pode ser o resultado de políticas patrimoniais com pouca ou quase nenhuma participação social em todo o processo, desde a seleção dos bens patrimoniais e sua classificação, passando pela definição de usos para esses bens, até aos projetos de restauração, que muitas vezes não levam em conta a relação afetiva entre as comunidades e o seu patrimônio:

“Só se valoriza aquilo que se conhece, eu diria mais, não é só o que se conhece, o que a gente se sente pertencendo (...) se você não se sente pertencendo ao patrimônio cultural, você não vai valorizar (...) o objeto é suporte de memória, ele é fundamental em um processo de valorização desse objeto”⁶.

Segundo Scifoni (2012) as consequências dessa quase nenhuma participação social revelam-se sob a forma de tensões, contribuindo até, e de certa forma, para uma imagem negativa do patrimônio e dos órgãos responsáveis pela sua preservação, assim como para o desconhecimento da população em relação aos valores atribuídos a esse patrimônio cultural.

No contexto brasileiro, os projetos de educação voltados para o patrimônio cultural foram elaborados e pensados ao longo de um processo que tem a sua origem oficial em 1937 (Casco, 2005), o qual redicava em uma estratégia nacional, de estado-nação, visando a preservação do patrimônio “brasileiro”. São, pois, debatidos no âmbito de políticas de Estado. Hoje, a multiplicação de iniciativas de movimentos sociais, no sentido de exercerem os seus direitos na escolha de bens a serem preservados, e na atribuição de valores a estes bens, são vistas como ações positivas frente aos desafios que a complexidade da vida contemporânea os coloca:

“A partir da memória e da cultura local, as pessoas começam a se sentir pertencendo ao local, portanto, vão resgatar uma memória coletiva, isso gera um processo de autoestima na comunidade, e essa autoestima é fundamental para escolher os caminhos do

⁶ Transcrição da entrevista com Sonia Regina, para o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, que ocorreu em Ouro Preto - MG, em 2009. A entrevista foi realizada em conjunto com a TVUfop (canal da Universidade Federal de Ouro Preto). Em: <http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=oLkJ31UvJw8> [Consultado em 26/09/2012].

desenvolvimento daquele lugar. Então, pra mim, o processo de valorização do patrimônio cultural e da memória, ele é um processo também que acaba sendo o indutor das discussões e das reflexões sobre o desenvolvimento local. Qual é o desenvolvimento que a gente quer? É esse? Que está posto em toda a sociedade com a realidade da globalização? Ou há a possibilidade de outro desenvolvimento levando em consideração a memória local, a história local e a história de vida das pessoas? Eu acho que a educação patrimonial possibilita esse tipo de reflexão nas comunidades. Portanto ela é fundamental como modelo de desenvolvimento local sustentável”⁷.

Para isso, precisamos considerar outros pontos de vista tornando compartilhada a tarefa da preservação e começando pelo processo de escolha e não somente a visão do Estado em relação à sociedade:

“É preciso saber que o museu, o patrimônio, a memória e a educação tiranizam, aprisionam, acorrentam e escravizam os olhares incautos e ingênuos. Para além de suas possíveis serventias políticas e científicas museu e patrimônio são dispositivos narrativos, servem para contar histórias, para fazer a mediação entre diferentes tempos, pessoas e grupos. É nesse sentido que se pode dizer que são pontes, janelas ou portas poéticas que servem para comunicar e, portanto, para nos humanizar” (CHAGAS, 2006:5).

A base conceitual desta temática está em Vygotsky (2007) com sua discussão sobre a cultura e a mediação simbólica. Segundo ele, a concepção de cultura está relacionada com o conceito de patrimônio, assim como a mediação simbólica é componente essencial para compreendermos como se constitui o processo cultural do patrimônio para a educação. Na perspectiva de Vygotsky (2007), os signos são representações mentais que substituem os objetos do mundo real.

Os sistemas de representação da realidade são socialmente representados através da linguagem. Para tanto, se para Vygotsky (2005) alguns contextos culturais (re) produzem a cultura de maneira a (re) significar o conceito de patrimônio, a sua relação com o sentido irá ampliar as diferentes formas de concebermos determinado patrimônio dentro dos grupos sociais. Nesta perspectiva, compreendemos que o patrimônio é dinâmico e renovável, pois as formas de interpretá-lo são relativas aos seus contextos. Precisamos ainda considerar a

⁷ Transcrição da entrevista com Sonia Regina, para o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, que ocorreu em Ouro Preto - MG, em 2009. A entrevista foi realizada em conjunto com a TVUfop (canal da Universidade Federal de Ouro Preto). Em: <http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=oLkJ31UvJw8> [Consultado em 26/09/2012].

educação, a preservação do patrimônio e da memória no que diz respeito ao território social e aos elementos que o estruturam:

“aquela constituída por interesses afetivos e, eu diria até, amorosos que são, por sua vez, transformadores. Ensinar o respeito ao passado, mais do que a sua simples valorização, é contribuir para a formação de uma sociedade mais sensível e apta a construir um futuro menos predatório e descartável, menos submetido a lógica econômica de um mercado cada vez mais voltado para jovens, seus hábitos e seus gostos (ou a falta e volatilidade destes) [...] Uma sociedade culta, é uma sociedade cultivada, seja pelos meios formais de educação – a escola – seja pelos informais – a família, os mestres, as praticas sociais etc – com os quais quer construir sua linha do tempo no mundo (CASCO, 2005:3)”.

A ideia de cultivar uma sociedade, para Casco (2005), é uma tarefa que deve ser orientada pela vontade de diminuir as desigualdades sociais, assim como a discriminação de acesso à informação. Para a autora, o processo educativo ideal é aquele que ensina a pensar e não a repetir valores, pois *“a boa educação tempera o sujeito tornando-o apto a ser crítico em relação a propostas educativas que contribuem para a submissão e sujeição do educando e da sociedade a qual pertence (CASCO, 2005:4)”.*

A somatória desses fatores para a escola “freiriana” de educação é um dos pontos fundamentais para o conceito antropológico de cultura, segundo Silveira & Bezerra (2007). A cultura material torna-se componente do processo de alfabetização cultural, integrando uma concepção de cultura que inclui as manifestações eruditas e populares. Porém, não é a intenção dos autores discutir as ideias de Paulo Freire, mas apontar que a prática educativa fundamentada na cultura não surge com a educação patrimonial.

Para explicar o porquê, os autores citam o próprio “Guia Básico de Educação Patrimonial” publicado pelo IPHAN em 1999 (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO), o qual é inspirado de forma convicta em Paulo Freire ao afirmar, em suas primeiras paginas, que *“a Educação Patrimonial é um processo de ‘alfabetização cultural’” (...)* como propõe Paulo Freire em sua ideia de ‘empowerment’” (SILVEIRA & BEZERRA, 2007:83)”.

Poulot (2003) observa que na atualidade “*os trabalhos de confirmação entre museus de história e historiografia, ou ensino da história são bastante fracos*” (p. 43). Segundo o autor, os museus ilustrariam a discrepância entre a escrita da história e as representações evocativas do passado e da memória nacional, mas, ao mesmo tempo, seriam lugares privilegiados para um diálogo entre saberes históricos diferentes. Este diálogo estaria fundamentado na problematização da cultura material e, através dele, seria possível empreender “*a reescrita simultânea da história do museu*” (p. 53). É exatamente o que nos confirmou Thereza Maia, a diretora do Museu Frei Galvão:

“Alguns gostam, vem visitar e tem interesse pela nossa história, outros ficam sentados ali na praça comentando: “Ah, é? Museu Frei Galvão? Nossa...””⁸

E assim como aponta Poulot (2003), as políticas públicas de valorização dos bens culturais das sociedades contemporâneas se ligam ao reconhecimento desses objetos, por parte das comunidades locais que se relacionam diretamente com eles. O patrimônio não deixa de ser o resultado de um processo consciente de seleção, mas ainda nesta perspectiva, é baseado em apreciações particulares.

Para Lemos (2000) no que tange as questões organizativas, que podemos chamar de “boas intenções”, o preparo dos municípios em relação à questão da gestão do patrimônio cultural, revela-se essencial na estruturação de uma política própria para o setor. Há pouco tempo, generalizou-se, mesmo entre pequenos municípios, a criação de setor específico para a mediação patrimonial.

1.2.2. O Construtivismo na Educação Patrimonial

O autor Hein (1998), reportando-se à teoria e metodologia do Museu Construtivista, assegura que a ocorrência de uma determinada interação social depende da construção de

⁸ Transcrição da entrevista de Thereza Maia, fundadora e diretora do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 07/11/2011.

programas capazes de capitalizar o aprendizado, assim como o da aplicação das teorias de níveis de desenvolvimento cognitivo. Estas, segundo o autor (Hein, 1998), devem servir de base para o desenvolvimento das ações públicas nos museus, aos quais recomenda a construção de ações com diferentes níveis de compreensão para os distintos públicos ou de ações separadas conforme o público, questionando também quais os tipos de aprendizagens que um museu pode inspirar.

Para melhor compreendermos a contribuição de Hein (1998) para a educação museal, é importante interagir com um ponto de partida, o da epistemologia: qual a natureza do conhecimento? Esta questão filosófica tem motivado inúmeras abordagens ao longo dos séculos. Idealistas e empiristas têm contribuído para uma reflexão activa, independentemente se são ou não conciliáveis, ao debaterem se o conhecimento reside apenas nas nossas mentes e, se assim é, como partilhá-lo?

Uma vez que o próprio Construtivismo consiste em múltiplas ideias, em torno de alguns princípios, nenhum exemplar real pode ilustrar todos os componentes, nomeadamente na sua aplicação a ambientes museológicos. Há, todavia, alguns princípios básicos. Um deles é o de que *“Não só é difícil, mas quase impossível aprender algo sem fazer uma associação com as categorias familiares.”* (HEIN, 1998:156, tradução nossa). A associação da aprendizagem a processos de descodificação que envolvem categorias familiares é, pois, princípio fundamental: a descodificação dos sentidos dos objetos, das representações museológicas depende dos universos de referência do visitante, e/ou da capacidade de o museu os criar e/ou evocar.

Em paralelo, a orientação em museus é um tema que está relacionado com o do conforto geral, como por exemplo, o Museu Construtivista, ao reconhecer este componente ao desenvolvimento da aprendizagem, precisa reconhecer a importância do ambiente físico: *“estar relaxado, confortável, não preocupado, não assegura que as pessoas vão aprender, mas sua condição necessária: os sentimentos opostos definitivamente atrapalham o aprendizado”* (HEIN, 1998:160, tradução nossa). É a partir deste pressuposto que passamos a questionar: como pode o conhecimento ser construído subjetivamente pelo indivíduo? Seria por meio de uma relação ativa com os materiais postos à sua disposição?

Hein (1998) explica que a escolha de um vocabulário apropriado é que permite o engajamento do público com diferentes características e níveis cognitivos. Isso não é fácil,

pois o sucesso dessas ações irá depender da qualidade da apresentação, do perfil do aluno-visitante, dos materiais utilizados e das expectativas e disposições do público se engajar em um determinado método de apresentação.

Para efetivar o Museu Construtivista, Hein (1998) propõe uma dinâmica de atuação do museu em direção à construção de um diálogo com o público, visando o aprendizado. Qual a nossa responsabilidade, enquanto educadores, para liderar os nossos visitantes de modo a incentivar que eles possam começar a aprender?

No que se refere à aprendizagem escolar, Piaget (1973) defende que a criança não inventa, mas rememora, copia o que está socialmente exposto e à disposição. A sociedade participa, pois, em um processo de transmissão de cultura, sendo o instrutor da criança o mediador desse processo. O autor (Piaget, 1973), considera, porém, a construção do conhecimento como um ato individual. Os fatores sociais influenciam, porém, o desequilíbrio individual por meio do conflito cognitivo e apontam para a construção a ser feita. O conhecimento anterior é reconstruído diante do desequilíbrio socialmente provocado e estimulado, uma vez que o papel do professor é visto basicamente como o de encorajar, estimular e apoiar a construção e a invenção.

Pensamos então que, se o Construtivismo significa que nada está pronto, o conhecimento em nenhuma instância é dado como algo terminado, mas que se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, em um processo em que interfere o simbolismo humano e o mundo das relações sociais. Entendemos, então, que o construtivismo na Educação deve ser tido como referente teórico no processo de ensino-aprendizagem em ambiente museológico. Esta corrente nos parece adequar-se ao que pretendemos com a educação patrimonial. Esta tendência possui em comum com as anteriores explicações sobre educação patrimonial a insatisfação com um sistema educacional e com uma forma particular de transmissão de conhecimento, que é o da Escola, que consiste em ensinar o que já está pronto, ao invés de fazer agir, criar e construir, por alunos e professores, a partir da realidade vivida.

Neste sentido, buscamos em Piaget (1973) a escola inovadora, ativa e que motive o sujeito a realizar suas descobertas. Escola essa que faça com que o educando possa se ver dentro da educação, como parcela importante do processo de ensino-aprendizagem, diante de uma educação compromissada com suas responsabilidades e conhecedora de sua importância para a mudança social.

1.3. Opções metodológicas

O presente trabalho, que integra uma reflexão sobre estas questões, desenvolve-se em duas componentes, não necessariamente sequenciais: realizamos um levantamento bibliográfico, onde foi possível averiguar o “estado da arte” referente à temática em questão. Realizamos uma conceituação acerca das formas variadas de patrimônio e de sua significância para o indivíduo, a comunidade e a sociedade. Procuramos levantar o conceito de educação patrimonial, a importância da realização das ações para a promoção e valorização do patrimônio, da memória cultural, da identidade de uma comunidade, para que aquilo que seja importante para uma dada sociedade não seja perdido, mas antes resgatado e mediado para todos os que fazem parte de um determinado contexto.

A segunda componente integra um estudo de caso: o do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, no intuito de questionar de que modo esta instituição contribuiu, através de uma educação patrimonial e através de uma mediação cultural, para esse processo de construção de memória.

Nesta segunda parte do trabalho foram feitos levantamentos de informação documental, observação participada, bem como foram realizadas uma série de entrevistas aos funcionários e aos responsáveis pelo Museu. Estas entrevistas tiveram como finalidade, primeiro complementar informações em falta; depois esclarecer a forma como se geriam internamente os processos de musealização e de gestão da informação contida no arquivo e, por fim, auscultar o envolvimento da equipe em processos de mediação da informação do Museu/ Arquivo com a comunidade local, visando a construção de conhecimento referente a patrimônio histórico da cidade de Guaratinguetá.

Na verdade, a educação patrimonial não deve ser estudada como uma simples transferência de informação, mas como a possibilidade da comunidade local poder participar das atividades propostas, neste caso as do Museu Frei Galvão, no intuito de se reconhecer como sujeitos da História local, e não como meros espectadores, ao receber a informação que lhes é transmitida.

No contexto brasileiro, usa-se o termo mediação para destacar as ações educativas com orientações construtivistas em contraposição a orientações tradicionais e reprodutivistas:

“O conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates falava da educação como parturição das ideias. Podemos, por aproximação, dizer que o professor assistia, mediava o parto. Rousseau, John Dewey, Vygotsky e muitos outros atribuíam à natureza, ao sujeito ou ao grupo social o encargo da aprendizagem, funcionando o professor como organizador, estimulador, questionador, aglutinador. O professor mediador é tudo isso” (BARBOSA, 2009:13).

Para entendimento de um conceito mais amplo de mediação e, conseqüentemente, da ideia do professor mediador, Barbosa (2009) cita importantes pensadores do ato educacional que atuaram em épocas e contextos diversos: - um deles é o brasileiro Paulo Freire, o qual acreditava que *aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo*. Essa simples constatação demonstra que o ato educacional é fundado no diálogo, onde o professor mediador que organiza, estimula e questiona sua ação educativa, precisa considerar as relações de *uns com os outros* e as várias camadas contextuais que o *mundo* nos oferece.

O projeto de pesquisa subscreve este conceito, de natureza e filiação construtivista e assim procura, no seu estudo de caso, para além dos critérios que presidem à formação e constituição dos conjuntos informacionais do Museu/ Arquivo, também o modo como estão a ser valorizados, na sua projeção para a comunidade, esses seus conteúdos informativos. Para tanto, algumas perguntas se fazem necessárias ao longo do desenvolvimento do projeto, em primeiro lugar ligadas à construção de um plano de atuação ideal:

- Como desenvolver a mediação de forma esclarecedora?
- Educação patrimonial e mediação cultural: que relações?
- O que desperta o interesse para preservar, no pressuposto de que, segundo a escola construtivista, antes de preservar, é preciso participar e conhecer, apreender ?

Segundo Hein, a proposta de um museu construtivista é a de promover o engajamento do público àquilo que lhe é familiar, ao propor ações utilizando diferentes modalidades de aprendizagem e a mobilização dos diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo.

A autora Hooper-Greenhill (1994 e 2007) no contexto de práticas e métodos em Museus irá discutir o que nós queremos dizer com “educação” no contexto museológico. Ela irá explicitar que nos dias atuais, essa educação significa interagir com a comunidade. Mas então, como entender o processo de comunicação nos museus? Para, por um lado,

diagnosticar, e por outro lado avaliar os critérios latentes no Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá no que se refere a esses processos de “arquivar” a vida e a memória, a metodologia do projeto irá então buscar questionar:

- A maneira como é feita a divulgação do acervo em nível de aprendizagem.
- O modelo de integração cultural entre a comunidade e o acervo.

A análise da documentação levantada e identificada no Museu e Arquivo será feita de forma a compor seu perfil. Estratégias e políticas governamentais também fazem parte do relacionamento entre escolas e comunidade na construção de relações próximas entre o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, pelo que serão também invocadas no presente trabalho.

Por acreditarmos que os Museus mobilizam formas de representação do mundo e assim permitem que dele possamos produzir uma configuração mental, que é também social, entendemos que ele é um instrumento de conhecimento, como observou Poulot (2003). É a partir dessa questão, ou seja, da crítica ao modo dominante como é tratada e apresentada a informação e do modo como é disponibilizado o conteúdo histórico contido nos objetos de um museu, ou mesmo de um edifício ou de uma obra patrimonial, que surge a proposta de discussão do processo de Educação Patrimonial passível de vir a ser identificado no Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá.

2. Contextualização Histórica

2.1. A região do Vale do Paraíba e a cidade de Guaratinguetá

Segundo o Diário Oficial do Estado de São Paulo⁹, no dia 9 de janeiro de 2012 foi criada a Lei Complementar Estadual 1166, que considera a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, uma das quatro regiões do estado de São Paulo, sendo formada pela união de trinta e nove municípios, agrupados em cinco sub-regiões. Guaratinguetá é um desses municípios.

De acordo com Joaquim Fagundes & Thereza Maia (2010), foram os índios quem nomearam a cidade de Guaratinguetá, que em Tupi-Guarani significa reunião de garças brancas. O local, às margens do rio Paraíba do Sul, já estava batizado, quando por ali passaram os primeiros homens brancos no final do século XVI, nas grandes expedições portuguesas que buscavam nas Minas Gerais ouro e pedras preciosas (vide fotografia 1: mapa de Guaratinguetá e região). A estratégica localização de Guaratinguetá foi muito importante para o desenvolvimento social e local: *“por sua privilegiada localização, Guaratinguetá era ponto de passagem para as Minas Gerais, para as vilas de São Paulo e para o porto de Paraty”* (FAGUNDES & MAIA, 2010: 29).

Ao buscar retratar o Vale do Paraíba Paulista, Pasin (2010) traça as características dos índios presentes na região até o período que compreende o processo de industrialização, assim como o seu legado quanto a patrimônio cultural. Dessa forma, o autor insere o Vale do Paraíba dentro de um cenário importante no contexto histórico brasileiro no que se refere às pesquisas direcionadas ao meio acadêmico, já que foi uma das primeiras regiões do Brasil a ser explorada pelos portugueses na busca por índios e metais preciosos.

A região do Vale do Paraíba possui ainda características herdadas da rota tropeira, inaugurada no período colonial, que se consolidou no abastecimento das regiões mineradoras. Especialmente no século XVIII, essas rotas foram a base do fortalecimento do comércio interno da região do Vale do Paraíba (MAIA & MAIA, 1995).

⁹ Diário Oficial do Estado de São Paulo, vol. 122, n. 6, 10 de janeiro de 2012.

Como fica bem destacado na obra de Furtado (1979) o tropeiro foi o principal abastecedor do mercado das Minas Gerais. O tropeiro é associado à imagem do paulista¹⁰, mas tal imagem é infundada, visto que uma grande parte dos paulistas foram em direção das Minas, e a atividade comercial dos tropeiros estava ligada a grupos de portugueses. Em um primeiro momento, os tropeiros utilizaram o escravo como meio de transporte das mercadorias, mas com a abertura de novos caminhos e melhoria dos antigos, passou a ser utilizado o lombo das mulas para tal tarefa.

Os estudos de Herrmann (1986) apontam para a existência, no período colonial, de unidades agrícolas ou mineradoras de monocultura, escravocratas e para áreas extensas na região do Vale do Paraíba, em especial em Guaratinguetá, caracterizadas por uma organização coletiva do trabalho, com predominância de classes extremas: grandes proprietários e escravos. Neste mesmo contexto, Maia & Maia (1995) apresentam um panorama geral de como se desenvolveu o comércio em Guaratinguetá, desde a chegada dos portugueses até a década de 1990, passando pelo período áureo da cana-de-açúcar, do café até a chegada das indústrias. As gravuras, desenhadas por Tom Maia, fazem parte de uma minuciosa pesquisa reunida em um ensaio de textos.

A tradição do comércio e o fácil acesso à São Paulo constituíram terreno fértil para gerar as condições que levaram essa região, no final do século XIX, a integrar o processo de industrialização de São Paulo. As rotas abertas pelo interior se transformaram nas vias férreas que tiveram em Guaratinguetá sua conexão principal, importante também destacar o papel da Rodovia Presidente Dutra¹¹. Por outro lado, segundo Herrmann (1986), a história econômica da região, de intenso comércio, era também reduto de grandes fazendeiros. Alguns deles, em declínio, vendiam suas terras a baixo preço. Informação encontrada em Pasin (2010) de que os acordos de isenção de impostos para emprego da mão de obra local, que era desqualificada

¹⁰ Paulista é a denominação dada àqueles que nasceram no Estado de São Paulo. Para aqueles nascidos na cidade de São Paulo, são denominados paulistanos. Segundo BORGES, (1997:11): “o bandeirante paulista é um personagem histórico bastante avultado. A concepção heróica deste personagem parece não restar dúvida, foi amplamente disseminada pelos livros didáticos, ou pelos *manuais escolares*, como se dizia mais costumeiramente tempos atrás”.

¹¹ A rodovia Presidente Dutra liga as duas principais metrópoles brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, possui influência direta na determinação de áreas para localização industrial, proporcionando à região do Vale do Paraíba Paulista, que compreende importantes centros urbanos como São José dos Campos, Taubaté, Jacareí, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, e centros de pesquisa científica e tecnológica (ITA, INPE, UNESP, USP) grande importância econômica, evidentes na reconfiguração das cidades ao longo dessa rodovia, modificando a estrutura interna das cidades, o aumento populacional e, conseqüentemente, a dinâmica do emprego. RIBEIRO, Ítalo Franco. *Atividade industrial e dinâmica urbana no eixo de desenvolvimento da via Dutra*. Em: http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_31946234869.pdf [Consultado em 26/09/2012].

em sua grande maioria e, portanto, barata, ainda era imune às influências das organizações de trabalhadores dos centros maiores, pois traziam vantagens ao facilitar a instalação de inúmeras empresas na região do Vale do Paraíba.

Segundo Pasin (1988), a região do Vale do Paraíba está localizada em um importante eixo de desenvolvimento do Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, tornou-se fácil a comunicação através da Estrada de Ferro Central do Brasil e a Rodovia Presidente Dutra, o que possibilitou crescimento às cidades. Com a instalação de indústrias de porte médio e a criação de novos centros de tecnologia e desenvolvimento, surgiram também as indústrias modernas e de grande porte como a Basf, Embraer, Ford, General Motors, Volkswagen, Monsanto, Nestlé, Kodak, Johnson & Johnson e outras.

Não podemos deixar de referir que, segundo Pasin (1988), a região do Vale do Paraíba possui um dos mais avançados centros de tecnologia da América Latina, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, a EMBRAER, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica. A região também possui programas de educação ambiental voltados para a preservação do equilíbrio ecológico e a restauração da fauna nativa. É uma região conhecida por seus poetas, cientistas, escritores, destacando-se entre tantos, Monteiro Lobato (revolucionário da literatura infantil), Brito Broca, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado (modernistas, fundadores do movimento verde-amarelo), cientistas, como Emilio Ribas, Oswaldo Cruz e no cinema internacional, Amâncio Mazzaropi (o típico caipira brasileiro).

Estudar a história de Guaratinguetá é conhecer um pouco da trajetória de uma das mais antigas atividades sociais, o comércio - não apenas por meio do desenvolvimento econômico ou de técnicas, mas também das afinidades entre comerciantes e clientes.

Para tanto, precisamos compreender os novos paradigmas que surgiram após a chegada dos portugueses e outros imigrantes na região, que contribuíram para diversificar o modo de vida em Guaratinguetá, seja na construção de monumentos arquitetônicos ou no legado cultural, predominantes até os dias atuais.

Segundo Regiane Aparecida¹², a cidade de Guaratinguetá abriga o maior complexo químico da América Latina, a BASF¹³. Além das indústrias químicas, destacam-se na cidade as indústrias dos setores têxtil, alimentício e de laticínios. E apesar da indústria se destacar

¹² História do comércio em Guaratinguetá. Em: <<http://www.infoescola.com/historia/historia-do-comercio-de-guaratingueta/>> [Consultado em 26/09/2012].

¹³ BASF. Em:<www.basf.com.br>

na cidade, não é considerado o setor que mais gera empregos: o setor do comércio e serviços é o que gera a maior quantidade de empregos para a população.

Este levantamento de informações é importante para aprimorar o conhecimento a nível histórico de uma região que foi muito importante para a economia brasileira. O que deixa então o entusiasmo em fazer novas leituras para apreender outras visões ao longo da historiografia Guaratinguetaense, na tentativa de traduzir o imaginário construído pela mentalidade popular local, e assim permitir avaliar de que modo o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá contribui para divulgar e (re) construir um pouco desta história. A partir desse pressuposto é que a educação patrimonial se mostra importante e necessária no sentido de “conhecer para despertar o interesse em preservar”.

2.2. Guaratinguetá na História do Brasil: um breve excuroso do século XVI ao século XIX

Para iniciar este capítulo buscamos o apoio bibliográfico principalmente de historiadores locais, tendo sido algumas obras consultadas no Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. A pesquisa de fontes historiográficas que nos informem os fatos ocorridos no desenvolvimento do comércio de Guaratinguetá é de extrema relevância para se compreender o que a presença portuguesa trouxe à cidade durante suas expedições e Entradas de Bandeiras. O enquadramento teórico para este trabalho se faz necessário diante da gama de dados e informações obtidas nas fontes pesquisadas e para guiar os estudos posteriores.

Neste longo processo, que envolveu a construção de um passado comum, constituíram-se acervos de documentos, tanto nas instituições locais quanto junto às famílias de moradores, que formaram seus arquivos pessoais, reconhecidos como os mais importantes da cidade.

A configuração do espaço, em conjunto com a produção do território, cria uma identidade regional, mas é por meio da representação da sociedade que permeamos o sentido de comunidades, em que se destaca o papel da história cultural, possibilitando uma análise mais ampla, na qual os historiadores são capazes de integrar os vários campos da história:

“a partir das necessidades pela convivência cotidiana, por mais que se queira compreender a sociedade do ponto de vista de seu movimento e vida própria, é o homem quem a inventa e reinventa” (SCHINIMANN, 2006:02).

O Vale do Paraíba é uma zona de passagem entre as altas serras minerais, constituindo um elo de comunicação e articulação entre o continente, o litoral e os portos. A primeira zona de passagem, conhecida como Caminho Velho¹⁴ é o trecho mais antigo e corresponde ao momento de interiorização das Minas Gerais. Surgiu por volta do século XVII, avançando sobre a Serra da Mantiqueira em direção às Minas Gerais (SODERO, 2001). Esse trecho da Estrada Real inicia-se em Paraty passando por Guaratinguetá (vide Anexo 1: mapa da Estrada Real) e era percorrido entre quarenta e cinco e sessenta dias em média. O Caminho de São Paulo seguia até Guaratinguetá, onde se bifurcava no Caminho Velho: para o Norte, Minas Gerais e para o Sul, Parati e Rio de Janeiro (SODERO, 2001).

A sua localização em relação a São Paulo explica também outras dinâmicas que caracterizavam a região. Pasin (2010) relata que no Planalto de Piratininga havia um pequeno núcleo de portugueses, administrado por João Ramalho, além da presença jesuítica de Manoel da Nóbrega e José de Anchieta. Este núcleo de povoamento português foi alvo constante de ataques indígenas, fato este que ocasionou o chamado “bandeirismo de apresamento” iniciado por João Ramalho. Os paulistas, isolados e sem meios de comunicação, passaram a buscar na região a sua sobrevivência. Ao mesmo tempo, os engenhos de açúcar do litoral não possuíam mão-de-obra suficiente para as lavouras, fato esse que fez com que os paulistas atacassem e aprisionassem os índios que viviam em torno do Rio Paraíba, transformando a região em uma das áreas mais invadidas pelas bandeiras de apresamento no Brasil.

Segundo o mesmo autor (Pasin, 2010), em 1646 o Capitão Domingos Luiz Leme, morador da Vila de São Paulo, recebeu de Jacques Félix uma grande sesmaria em Guaratinguetá, que deu origem à povoação que foi elevada à Vila em 1651. Todavia, de acordo com Fagundes & Thereza Maia (2010), já por volta de 1630, no dia 13 de junho, a igreja que é hoje a atual catedral da cidade foi nomeada de Santo Antonio.

Nas primeiras décadas do século XVIII, a região que compreende o sul de Minas Gerais foi abastecida por gêneros alimentícios vindo da Vila de Guaratinguetá. Com o

¹⁴ Guaratinguetá era usada como caminho, pelos “Paulistas”, ligando a Vila de São Paulo às Minas Gerais. Essa via iniciava-se na cidade de São Paulo, percorrendo o Vale do Paraíba até atingir Guaratinguetá, onde se encontrava com o “Caminho Velho”.

declínio da produção aurífera, a partir de 1750, foram instalados engenhos de açúcar e aguardente em Guaratinguetá, assim como se assiste à introdução da mão-de-obra africana de forma mais massiva para reerguer a economia local e superar a crise econômica observada em decorrência da diminuição do comércio. A estrutura econômica e social da Vila modificou-se com o processo de urbanização, com o predomínio da figura dos senhores de engenho, da atividade exportadora e também das atividades artesanais relacionadas à produção açucareira.

A base da sobrevivência indígena, conforme relata Pasin (2010), consistia na agricultura de subsistência. Seu modo de vida simples com base nos mitos e credices, seus utensílios domésticos e armadilhas, assim como suas casas de pau-a-pique e sapé influenciaram na caracterização do estilo caipira dos primeiros povoadores portugueses. A estrutura econômica da região do Vale do Paraíba era baseada no cultivo de subsistência, o suficiente para o sustento da família, sendo que a mão de obra era escassa e indígena, não havendo mercados consumidores e nem qualquer forma de entretenimento.

O ciclo da economia de subsistência em Guaratinguetá, segundo Herrmann (1986) compreende um período de 1630 a 1775. Observa-se um diferente tipo de estratégia de povoamento no Vale do Paraíba, conforme discorre a autora (1986), documentado pelas Cartas de Datas de Terras:

“cujos pedidos de obtenção vêm, sempre, acompanhados por uma justificação e um compromisso. As justificações nos mostram os diferentes motivos alegados pelas pessoas que desejam obter conclusões favoráveis em seus pedidos de obtenção de terras. O compromisso nos indica as obrigações a que se sujeitavam e as responsabilidades que assumiam perante os representantes do governo da Colônia” (HERRMANN, 1986:14).

Com o fim da produção aurífera nas Minas Gerais, o plantio de canaviais e a construção de engenhocas para a produção de açúcar e aguardente, a fim de superar a crise econômica, necessitou da mão de obra escrava africana, fato esse que modificou a estrutura social de Guaratinguetá. Em relação ao comércio, destacava-se o de subsistência de beira de estrada, onde os principais produtos trocados eram a mandioca e o milho, sendo que as grandes fazendas e as pequenas propriedades rurais se localizavam nas margens dos rios e próximas às trilhas de passagem.

Segundo Joaquim Fagundes & Thereza Maia (2010), Guaratinguetá tornou-se um núcleo irradiador de povoamento no século XVIII. Após ter sido elevada à categoria de Vila,

em 1651, as famílias dos primeiros povoadores receberam sesmarias nas terras dali. Dessas famílias surgiram os chamados “homens nobres” da terra, assim conhecidos por administrarem e governarem a Vila nos seus primeiros tempos.

Para além de uma estrutura social constituída pelos residentes, a sociedade de Guaratinguetá era também marcada por ativos agentes móveis, que a frequentavam ciclicamente. As informações trazidas por Joaquim Fagundes & e Thereza Maia (2010) em relação aos “mascates” provam-no à sociedade. Estes eram bem recebidos pelas famílias em Guaratinguetá, pois traziam artigos vistosos e de pouco preço, como novidades para vestidos e enxovais, assim como rendas, botões e perfumes, amostras de porcelanas, finos cristais e até mesmo peças decorativas para as casas. A presença desses mercadores foi tão marcante em Guaratinguetá que o apelido de “mascate” transformou-se em sobrenome de família de um respeitado comerciante, homenageado com o nome de uma rua no centro da cidade, a Rua Joaquim Mascate. Finalmente, na base da pirâmide social estavam os escravos, a parcela da sociedade que sustentava toda a dinâmica econômica apresentada através da mão de obra.

No que se refere à vida administrativa, há grande dificuldade no que diz respeito à localização e caracterização exata das primeiras sessões administrativas de Guaratinguetá: *“os documentos mais antigos de Guaratinguetá não identificam o local das primeiras sessões da câmara municipal, que se relacionavam diretamente com as cortes portuguesas”* (FAGUNDES & MAIA, 2010:48). Alguns documentos da época fornecem a ideia de que os Presidentes do Senado e da Câmara exerciam simultaneamente o cargo de Juiz ordinário e de Juiz de órfãos na Vila, em cumprimento às leis do Reino. O sistema de coleta de impostos da Coroa era extremamente rígido na zona mineradora, pois o ouro e os diamantes são produtos que podem ser transportados facilmente, muitas vezes de forma ilegal (FAGUNDES & MAIA, 2010).

O século XVIII é datado como um marco na história religiosa da região, pois foi nas águas do rio Paraíba que encontraram a imagem de Nossa Senhora Aparecida, hoje a Padroeira do Brasil. O rio Paraíba nasce em São Paulo e deságua no litoral fluminense, sua água era limpa quando, em 1717, pescadores encontraram a imagem da Santa. Na primeira tentativa, encontraram o corpo e na segunda, a cabeça da Santa. Segundo a tradição, a partir desse momento surgiram muitos peixes nas águas do rio e ao redor do barco onde estavam os pescadores. Em 1735 foi construída uma capela para que os devotos pudessem orar para a Santa, conhecida como Basílica Velha. Devido a necessidade de mais espaço para receber os

devotos, em 1955 iniciou-se a construção da Basílica Nova, capaz e abrigar quarenta e cinco mil pessoas em seus duzentos e setenta e dois mil metros quadrados, que em tamanho só perde para a de São Pedro, no Vaticano¹⁵.

Segundo Maia (2010) Guaratinguetá atingiu o ápice do período cafeeiro no século XIX, ao mesmo tempo em que sofria com o declínio dos engenhos de açúcar. Durante a “Trilha da Independência”, D. Pedro I pernoitou na cidade, em 18 de Agosto de 1822. Estimulada pelo desenvolvimento econômico, político e social promovido pela evolução cafeeira, a Vila elevou-se a categoria de Cidade em 1844, e de Comarca em 1852. Com o aumento da mão de obra nos campos, ampliam-se as construções na cidade e os filhos dos fazendeiros são levados a estudar na Corte ou na Europa. O comércio de mercadorias vindas em lombo de burro do porto de Parati expande-se.

Segundo Pasin (2010), se analisarmos as mudanças que o café fomentou no sistema de trabalho que se adotava no país, os cafeicultores foram subsidiários do sistema escravista dominante no Brasil. Foram os “coronéis” do café de São Paulo que estimularam a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, em busca de maior produtividade e, como resultado disso, maiores ganhos.

Ainda segundo o autor (Pasin, 2010), a partir da década de 1850, surgiram as primeiras iniciativas locais para a vinda de imigrantes europeus, especialmente de italianos, para substituir os negros nos cafezais. Além dos resultados no aumento do rendimento das lavouras, os paulistas foram motivados a tais ações pelas decisões jurídicas tomadas pelo governo brasileiro a favor da extinção da escravidão no país. O surgimento das leis escravistas (Lei Eusébio de Queiroz de 1850, Lei do Ventre Livre de 1871, Lei dos Sexagenários de 1885 e, finalmente a Lei Áurea em 1888) reduziu cada vez mais a oferta de escravos no território brasileiro e promoveu um aumento no valor dos escravos em oferta. Isso acarretou na diminuição dos lucros aos senhores, e por esse motivo foram promovidas as imigrações europeias em massa.

Encontramos também em Thereza Maia (1975) a informação de que Guaratinguetá deve o seu desenvolvimento urbano ao café. O contato com a corte no Rio de Janeiro feito por trem diversificou a vida em sociedade. Os aspectos urbanos do desenvolvimento da cidade são repassados por meio dos diários de viajantes europeus. Em 1827, Saint Hilaire

¹⁵ Em: <<http://www.portalvale.com.br/cidades/aparecida/historia-de-nossa-senhora-aparecida.php>> [Consultado em 26/09/2012].

descrevia Guaratinguetá como: *“esta vilazinha é muito mais comprida que larga, suas ruas são estreitas.”* (apud MAIA, 1975:4). A vilazinha é comprida porque Guaratinguetá se desenvolveu ao longo da estrada, pois o Vale do Paraíba não era mais do que um caminho de passagem. Quanto ao comércio, Saint Hilaire acrescenta que Guaratinguetá possuía vendas bem sortidas e que a cidade fazia algum comércio, mas segundo o seu testemunho: *“a maioria das casas, hoje que é dia útil, estão fechadas”* (apud MAIA, 1975:6).

Ainda segundo a autora (Maia, 1975), em decorrência do desenvolvimento geral do comércio, os grandes fazendeiros começaram a morar nas cidades e principalmente com a estrada de ferro em 1877, o comércio se desenvolveu, pois ocorreu um grande avanço no setor alimentício. Produtos de toda a Europa passaram a fazer parte do dia-a-dia da cidade, uma vez que eram trazidos com mais facilidade pelo trem e não pelos burros que demoravam em suas viagens. O trem também trouxe novos moradores de diversas etnias, que se fixaram não apenas no centro urbano, mas igualmente na área rural:

“Com o fim da mão de obra escrava e com o início da imigração europeia, começou a se desenvolver em Guaratinguetá, o trabalho remunerado (...) em 1891 foi criada a colônia italiana do Piagui. Havia então na cidade duas agências consulares: uma da Itália e outra de Portugal, naturalmente para melhor organização da imigração. Data também desse ano a fundação do Banco Popular de Guaratinguetá devido ao grande movimento econômico da cidade, decorrente do café, da ascensão industrial, pastoril e da agricultura (MAIA, 1975:15).”

Conforme apontam os estudos de Thereza Maia (1975), e segundo o anuário Guaratinguetaense de 1904, a cidade foi a que mais exportou café no norte de São Paulo, totalizando 67.996 sacas. Este mesmo anuário descreve:

“As casas são pela maior parte térreas, notando-se porém alguns sobrados de construção sólida e elegante. Os seus principais edifícios são: Paço da Câmara Municipal, edificado com certo gosto e capricho, com vastas acomodações para audiências, tribunal do Júri e Camara. A parte térrea que funcionava a Cadeia Pública, acha-se fechada, e necessita de grandes reparos para ser adaptada ao fim a que se destina. Foi reconstruído em 1890. A frente do edifício dá para a Praça 13 de Maio, ajardinada, a mais elegante e mais comercial da cidade. Possui um esplendido e vasto passeio público a margem esquerda do Paraíba, da qual se descortina a mais esplendida vista. Em seu perímetro urbano tem 43 ruas, 6 praças, 11 travessas, 2 avenidas, 1 ladeira, 2 becos. Tem ainda um total de 1.625 prédios” (MAIA, 1975:16).

A autora (Maia, 1975) conclui que partir de 1910 não houve desenvolvimento urbano considerável, e com a primeira Guerra Mundial tornaram-se difíceis as importações, o que acarretou reflexos negativos no comércio e na economia local. Paralelamente a este fator, ocorreu o aumento da população urbana, decorrente da desruralização que acompanhava o declínio da produção do café. Devido a falta de poder aquisitivo, o comércio decaiu, a presença da pecuária leiteira já é notada nas indústrias de produção de queijo e manteiga. Aos poucos, as fazendas de café convertem-se à pecuária. Essa transição acontece por total após a crise de 1929 e é a partir dessa data que se pode considerar extinto o ciclo do café no município e sua influência na urbanização de Guaratinguetá.

2.3. Personagens ilustres de Guaratinguetá que se destacaram na História do Brasil

- **Frei Galvão**

Frei Galvão nasceu em Guaratinguetá, não se sabe exato se em 1738 ou 1739. Herdando o nome de seu pai, o português Antonio Galvão de França, casado com a paulista Isabel Leite Barros, é trineto do bandeirante Fernão Dias. Foi batizado na Matriz, hoje Catedral de Santo Antonio, em Guaratinguetá. Cresceu em uma família católica, em casa que se encontra hoje restaurada entre as ruas Frei Galvão e Frei Lucas, em Guaratinguetá. Junto a imagem de Sant'Ana em seu oratório, era ali que a família se reunia todas as noites para as orações e novenas de costume. Foi nessas noites de preces que o menino Antonio encontrou sua vocação para a vida religiosa (SURIAN, 1998).

Com apenas treze anos de idade, Antonio seguiu para o Seminário de Belém, na Bahia. Esse Seminário foi fundado pelo Padre Jesuíta Alexandre de Gusmão, o qual era famoso pelo seu alto nível de ensino cultural. Devido a volta dos Jesuítas para Portugal, Antonio, então como dezoito anos, retornou a Guaratinguetá. Atendendo ao seu temperamento, ingressou no Convento Franciscano de São Boa Ventura de Macau, na Capitania do Rio de Janeiro. Após sua chegada no Convento, em 1760, acrescenta ao seu nome, o de Sant'Ana, em homenagem a santa de devoção da família e passou a se chamar Antonio de Sant'Ana Galvão (SURIAN, 1998).

Em 1774, enquanto desenvolvia as suas funções no Convento de São Francisco, fundou e iniciou a construção do Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Divina Providência, o famoso Mosteiro da Luz, conhecido até os dias atuais. A construção arquitetônica foi de sua autoria, ele mesmo foi o desenhista, o arquiteto, o mestre de obras e o pedreiro (SURIAN, 1988). Situado na Avenida Tiradentes em São Paulo, o Mosteiro da Luz é hoje declarado pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade (vide fotografia 2: Mosteiro da Luz).

No Convento de São Francisco em São Paulo foi eleito pregador, confessor de seculares, porteiro e confessor do Recolhimento de Santa Teresa. O seu desempenho foi tão destacado que recebeu elogios da Câmara Municipal de São Paulo considerado “um novo esplendor do Convento”. Quando fundada a primeira Academia de Letras de São Paulo, Antonio foi convidado a participar devido ao seus dons literários e de orador famoso, e aceitou o convite (vide Anexo 2: Frei Galvão).

A origem das pílulas de Frei Galvão surgiu no caso de duas vidas em perigo, o de uma parturiente e o de um rapaz com cálculos renais. Por não poder abençoá-los pessoalmente, Frei Galvão escreveu em um pequeno papel uma jaculatória à Nossa Senhora. A jaculatória é escrita em latim: “*Pos Partum Virgo Inviolata permaneceste intata. Genitrix intercede pro nobis*” (Depois do Parto, ó Virgem, permaneceste intata. Mãe de Deus, rogai por nós), enrolou-as em formas de pílulas e pediu que os doentes delas fizessem uso como medicamento. A parturiente, a criança e o rapaz se salvaram. A partir deste fato, a fé e a fama em torno das pílulas de Frei Galvão, amplificadas pela tradição e as narrativas populares, aumentaram. Devido ao fato da jaculatória referir-se ao parto, Frei Galvão passou a ser considerado pelo povo como “patrono das parturientes”. As pílulas podem ser encontradas no Mosteiro da Luz em São Paulo e em Guaratinguetá na Catedral de Santo Antonio, na Sala das Relíquias, na Casa de Frei Galvão, no Mosteiro da Imaculada Conceição e no Seminário de Frei Galvão, tal é a sua importância como componente do imaginário da comunidade.

Boa parte da vida de Frei Galvão foi ocupada pela construção do mosteiro e suas viagens a pé, em missões visionárias, entre São Paulo e Rio de Janeiro. Faleceu antes de completar 84 anos, na cidade de São Paulo e está sepultado na capela-mor da Igreja do Mosteiro da Luz. Frei Galvão foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 1988, recebendo os títulos de “Homem da Paz e da Caridade” e de “Patrono da Construção Civil no Brasil”. Em

seu processo de canonização e beatificação constam mais de 27.800 graças documentadas, além daquelas consideradas como milagres¹⁶.

- **Visconde de Guaratinguetá**¹⁷

Este ilustre cidadão nasceu na vila de Guaratinguetá em 1806. De origem humilde, começou a sua vida conduzindo tropas de burros para o Rio de Janeiro e as Minas Gerais. Em 1883 foi nomeado para os cargos de Escrivão de Órfãos, promotor público e sargento-mor da Vila de Guaratinguetá. Foi vereador e vice-presidente da Camara Municipal de Guaratinguetá, sub Delegado de Justiça e Juiz de Paz.

Em 1854 foi nomeado Coronel-Comandante da Guarda Nacional de Guaratinguetá e Anexos. Exerceu ainda os cargos de Provedor da Santa Casa de Misericórdia (fundada por ele), Inspetor de Obras Públicas executadas no município pelo Governo Provincial, grande colaborador na implantação da estrada de ferro. Em reconhecimento os seus grandes serviços prestados à comunidade, à instrução pública e ao Brasil, o Imperador D. Pedro II o homenageou com os seguintes títulos e honrarias:

- *Cavaleiro da Ordem Rosa, em 1 de dezembro de 1848,*
- *Barão de Guaratinguetá, em 2 de dezembro de 1854,*
- *Visconde de Guaratinguetá, em 10 de junho de 1867,*
- *Grande do Império, em 17 de maio de 1871,*
- *Grão Dignatário da Ordem da Rosa, em 19 de setembro de 1877.*

Em 1868, hospedou o Conde D'Eu e a Princesa Isabel em seu palacete à Rua da Figueira (conhecida nos dias de hoje como a Rua Visconde de Guaratinguetá), quando da visita dos príncipes imperiais à Guaratinguetá e Aparecida.

O Visconde de Guaratinguetá faleceu em São Paulo, em 1879, sendo sepultado no Cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos em Guaratinguetá.

¹⁶ Em: <http://www.saofreigalvao.com/w3c_beatificacao.asp> [Consultado em 26/09/2012].

¹⁷ As informações abaixo sobre a vida e obra do Visconde de Guaratinguetá foram consultadas no Arquivo Memória Guaratinguetá do Museu Frei Galvão. O folheto explicativo que faz parte da série “Visconde de Guaratinguetá” encontra-se em Anexo 3: Visconde de Guaratinguetá.

Segundo o inventário do Visconde de Guaratinguetá, verifica-se que ele devia ser um dos homens mais ricos do Brasil no Segundo Reinado. O monte-mor partilhável foi a mais de mil contos, soma enorme, pois segundo Afonso Arinos de Melo Franco, correspondia a mais de meio por cento de toda a circulação monetária do país. Sua fortuna consistia na posse de fazendas, grande escravaria, bens móveis e imóveis em Guaratinguetá, Aparecida, Cunha e São Paulo, dívidas ativas, ações da dívida pública, dinheiros em bancos e casas comissárias do café (vide Anexo 3 - *O Visconde de Guaratinguetá*).

Falecido em 1879, seu inventário terminou em 1880, sendo feito pelo Conselheiro Rodrigues Alves, seu neto por afinidade e advogado da viúva e herdeiros. Tanto o Conselheiro Rodrigues Alves quanto o seu irmão, o Coronel Virgílio Rodrigues Alves, eram casados com netas do Visconde, ambas eram filhas do Dr. José Martiniano de Oliveira Borges.

A grande fortuna do Visconde dispersou gradualmente nas mãos de seus numerosos herdeiros e legatários, não resistindo aos fatores que modificaram a situação socioeconômica do Vale do Paraíba. Segundo Carlos Eugenio Marcondes de Moura (1979) em *O Visconde de Guaratinguetá: um titular do café no Vale do Paraíba* aos poucos os descendentes do Visconde abandonaram a região em busca de novas oportunidades. A enorme descendência do Visconde, cerca de 1500 pessoas (até ao momento em que foi escrito o artigo, em 1979), encontrava-se dispersa pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso.

A cidade de Guaratinguetá, honrando a memória deste cidadão, único titular Guaratinguetaense do Império, nomeou uma de suas ruas principais como a Rua Visconde de Guaratinguetá, antiga Rua da Figueira, onde era sua residência, local onde é hoje a Escola Estadual “Conselheiro Rodrigues Alves”. Outras ruas de Guaratinguetá homenageiam seu filho, Dr. José Martiniano de Oliveira Borges (Rua Dr. Martiniano), e seus ilustres irmãos, Vigário José Martiniano de Oliveira (Rua Vigário Martiniano) e Arcipestre Joaquim Anselmo de Oliveira (Rua Arcipestre J. A. de Oliveira).

- **Rodrigues Alves**¹⁸

¹⁸ As informações abaixo sobre a vida e obra de Rodrigues Alves foram consultadas no Arquivo Memória Guaratinguetá do Museu Frei Galvão. O folheto explicativo, que faz parte da série “Rodrigues Alves”, encontra-se em Anexo 4: Rodrigues Alves.

Francisco de Paula Rodrigues Alves nasceu em 7 de julho de 1848 em Guaratinguetá. Realizou os seus primeiros estudos em sua cidade natal e, por suas aptidões especiais, foi enviado pelo pai para o Rio de Janeiro, a fim de estudar no famoso Colégio D. Pedro II, onde obteve sempre o primeiro lugar, o que lhe rendeu elogios do próprio Imperador.

Em 1866, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Quando concluiu o bacharelado, retornou a Guaratinguetá como promotor público e posteriormente exerceu o cargo em São Paulo. Retornou a Guaratinguetá novamente em 1875, como Juiz Municipal e de Órfãos da Comarca, nomeado por D. Pedro II. Nesse ano, foi eleito Deputado da Assembleia Legislativa Provincial, cargo que ocupou até 1875. Neste mesmo ano, casou-se com Ana Guilhermina de Oliveira Borges, neta do Visconde de Guaratinguetá.

Em 1878, foi eleito Deputado da Assembleia Legislativa Provincial, voltando a advogar na sua terra, ao término de seu mandato. Tão brilhante foi a sua atuação no Parlamento que em 1887 foi nomeado, pelo Imperador D. Pedro II, Presidente da Província de São Paulo. No ano seguinte, recebe da Princesa Isabel o título de Conselheiro. Com o advento da República, foi eleito Deputado da Assembleia Constituinte e, dois anos depois, convocado pelo Marechal Floriano Peixoto para assumir o Ministério da Fazenda. Foi eleito Senador Federal por São Paulo em 1893.

Em 1902 foi eleito Presidente da República e sua administração foi extraordinária. Muitas obras foram realizadas durante o seu mandato, em destaque a incorporação do estado do Acre ao Brasil, mediante acordo com a Bolívia; a extinção da febre amarela que assolava o Rio de Janeiro; o saneamento e a urbanização da cidade do Rio de Janeiro; a reorganização do ensino militar; a ampliação e melhoria dos Portos; a valorização da política cafeeira.

Após o seu mandato, Rodrigues Alves voltou a residir em Guaratinguetá, quando foi pela segunda vez eleito Presidente do Estado de São Paulo, em 1912. Marcaram esse governo a reforma do Museu Ipiranga, o combate a varíola e a febre amarela, o estímulo a imigração e a fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia.

Em 1918, foi eleito pela segunda vez Presidente da República, mas não chegou a tomar posse do cargo, pois faleceu em 19 de janeiro de 1919 e está sepultado no Cemitério do Senhor dos Passos em Guaratinguetá. No largo principal da cidade de Guaratinguetá que leva o seu nome: Praça Conselheiro Rodrigues Alves, encontra-se uma estátua em sua homenagem (vide fotografia 3: estátua de Rodrigues Alves na Praça Conselheiro Rodrigues Alves em

Guaratinguetá). Do mesmo modo, um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino da cidade carrega o seu nome desde a década de 1930: Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Conselheiro Rodrigues Alves (vide fotografia 4: Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves).

Com a inauguração do Museu Rodrigues Alves, em 1982, dedicado a vida e obra do Conselheiro, Guaratinguetá presta-lhe mais uma homenagem, valorizando a própria casa onde ele residiu e onde estão expostos os seus objetos, móveis, louças, quadros, retratos, peças de arte e de uso pessoal, além de uma biblioteca de sua época e uma valiosa documentação catalogada pelo Arquivo Memória de Guaratinguetá, que pretende reunir ainda uma relação de documentos sobre Rodrigues Alves, espalhados por Instituições Culturais e Públicas do Brasil, e em coleções particulares, visando um maior conhecimento sobre sua vida e obra, da maior importância para o estudo da Primeira República do Brasil (vide fotografia 5: Museu Rodrigues Alves).

A casa onde residiu Rodrigues Alves, atualmente Museu Rodrigues Alves, foi erguida em taipa e pau-a-pique em meados do século XIX. Nessa mesma residência, o Conselheiro exerceu a advocacia. Com o seu falecimento a casa permaneceu nas mãos da família, e na Revolução Constitucionalista de 1932 foi saqueada, e por esse fato, recebeu a sua primeira reforma. A segunda transformação ocorreu em 1940, quando recebeu as características arquitetônicas que hoje apresenta. Considerada monumento nacional, foi tombada pelo SPHAN e pelo CONDEPHAAT em 1970. Em 1981 foi restaurada pelo Ministério da Cultura do Estado de São Paulo para sediar o Museu Rodrigues Alves e o Arquivo Memória de Guaratinguetá (atualmente sediado no Museu Frei Galvão).

- **Bomfiglio de Oliveira**¹⁹

Nasceu em Guaratinguetá em 27 de setembro de 1894 um dos maiores instrumentistas do Brasil e do mundo. O pai de Bomfiglio, o contrabaixista da Banda Mafra, Feliciano José, foi quem semeou o amor pela música. Ainda menino, Bomfiglio ingressou na Banda União Beneficente e seu primeiro instrumento foi o bumbo.

¹⁹ As informações abaixo sobre a vida e obra de Bomfiglio de Oliveira foram consultadas no Arquivo Memória Guaratinguetá do Museu Frei Galvão, o qual o folheto explicativo que faz parte da série “Bomfiglio de Oliveira” encontra-se em Anexo 5: Bomfiglio de Oliveira.

Como aluno do Maestro Acosta, iniciou o estudo de pistom, e por volta de 1906 já fazia parte da Banda Mafra como pistonista. Respondendo ao convite do sacerdote salesiano Frederico Gióia, ingressou na Banda do Colégio São José em Guaratinguetá, onde aprendeu com o sacerdote as primeiras noções de regência e composição e em pouco tempo passou a ser o regente da Banda.

Com o fechamento do Colégio São José, em 1909, Bomfiglio foi para Lorena, cidade vizinha de Guaratinguetá, onde concluiu seus estudos no Colégio São Joaquim e passou a fazer parte de uma banda ali existente. A cada dia sua fama como músico, compositor e regente crescia, sendo muito requisitado.

Por volta de 1912, em uma apresentação na cidade de Barra Mansa no Rio de Janeiro, foi convidado pelo violinista Lafaiete Silva a se transferir para o Rio de Janeiro. Foi este convite que mudou a vida de Bomfiglio. No Rio de Janeiro, passou a tocar na orquestra Cinema Ouvidor, sendo colega de Pixinguinha (Alfredo Viana da Rocha Filho) e tornaram-se grandes amigos.

Concluiu os seus estudos no Conservatório Musical do Rio de Janeiro, onde passou a ser professor. Foi também músico da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro. Com a orquestra da Companhia Arruda, percorreu diversos estados do Brasil e esteve em Portugal com a Companhia de Revistas Jardel Jércolis, onde permaneceu durante longa temporada. Visitou a Itália, França e a Espanha, onde foi apontado pelos críticos europeus como um dos maiores instrumentistas do mundo, ao lado do norte-americano Louis Armstrong.

Foi homenageado no Brasil pelo presidente Washington Luis que o presenteou com um pistom de prata, em uma inscrição em chapa de ouro: “ao maior pistonista do Brasil, Bomfiglio de Oliveira – homenagem do governo de Washington Luis (1930)”. Constante era a presença de Bomfiglio em Guaratinguetá nas festas de São Benedito e Santo Antonio, onde sempre homenageava seus amigos pela Rádio Mayrink Veiga.

De todas as composições de Bomfiglio, a mais considerada é a valsa “Glória”, considerada por muitos uma obra-prima. Em 1931, participou da célebre gravação em solo de trompete do seu famoso choro “Flamengo”, homenagem ao bairro carioca onde residiu. O choro “Amor não se compra” foi gravado em solo de cavaquinho. Esta gravação é uma raridade e faz parte do Arquivo Sonoro do Museu Frei Galvão, dentre outros choros famosos no acervo do Museu Frei Galvão que fizeram sucesso do carnaval de 1934.

Em 1939, realizou a sua última apresentação em Guaratinguetá, no palco do Cinema Central em uma noite inesquecível, segundo depoimento de amigos. Faleceu no Rio de Janeiro, em 16 de maio de 1940, e está sepultado no Cemitério Municipal de Guaratinguetá. Para uma produção da série “Revivendo” da Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro (FEMURJ), em 1979, Copinha (Nicolino Cópia) e seu conjunto gravaram em disco uma seleção das mais importantes composições de Bomfiglio.

- **Dilermando Reis**²⁰

Uma vida dedicada ao violão, instrumento que ele tanto amou durante a sua vida. Considerado um dos maiores violinistas de sua época, nasceu em 22 de setembro em 1916 em Guaratinguetá, onde viveu toda a sua infância.

“Dilermando costumava recordar as tardes passadas na varanda da velha casa da família, quando seu pai Francisco dos Santos Reis, músico dileta e seresteiro, tocava violão acompanhando a mulher Benedita Vieira Reis em nostálgicas canções” (Revista Veja publicada pela Editora Abril em 12/01/1977, p.68).

Herdando dos pais o amor pela música, aos nove anos de idade Dilermando já tocava cavaquinho, logo depois seu pai lhe deu o primeiro violão, pois seu pai fora o grande incentivador e mestre, tendo o menino Dilermando convivido com grandes nomes da música em Guaratinguetá, como Bomfiglio de Oliveira.

Seu mestre do violão foi o concertista cego Levino da Conceição que, ouvindo-o tocar, convidou-o para ser seu aluno, e assim passaram a realizar juntos diversos espetáculos nas cidades do interior. Aos dezesseis anos, Dilermando mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro onde *“buscou manter-se como professor de violão, embora, como ele mesmo lembrasse, nesse tempo tocar violão era coisa de marginal social, mal visto pela gente fina (Jornal Folha de São Paulo, Brasil, 04/01/1977, p.36)”*. Para se manter na cidade, era professor de violão nas lojas de instrumentos musicais. Tal era o seu talento que, com

²⁰ As informações abaixo sobre a vida e obra de Dilermando Reis foram consultadas no Arquivo Memória Guaratinguetá do Museu Frei Galvão, o qual o folheto explicativo que faz parte da série “Dilermando Reis” encontra-se em Anexo 6: Dilermando Reis.

dezenove anos, fora contratado como violinista da Radio Transmissora, onde passou a tocar com nomes de destaque, como Carmen Miranda e Noel Rosa.

Durante certo tempo, Dilermando foi amigo e parceiro de Noel no programa popular “De Babado Sim” e despontou assim, no cenário artístico, como um dos maiores violinistas brasileiro. Ganhou no rádio um programa semanal exclusivo. Foi nesse tempo, em que já se tornara famoso, que organizou a primeira orquestra de violões do Brasil, que sob o seu comando se apresentaram em inúmeros espetáculos, rádios, teatros e cassinos.

Acompanhando conhecidos cantores ou sozinho, Dilermando, com a sua arte, foi enobrecendo o violão que passou de “coisa de malandro”, como antes havia dito, para ganhar espaço nos melhores salões. Todo o Brasil passou a aplaudir o famoso filho de Guaratinguetá. Entre os seus amigos estava o Presidente da República, Juscelino Kubitscheck, de cuja filha Maristela foi por muitos anos professor.

Virtuoso como intérprete e solista, Dilermando Reis eternizou inúmeras composições, consagrado como o maior violinista do Brasil. O Arquivo Memória do Museu Frei Galvão possui mais de quarenta músicas de sua autoria doadas pela família do músico. Tendo recebido finalmente a consagração nacional com exposições no exterior, dividia seu tempo com sua esposa no Rio de Janeiro, seu emprego de Fiscal de Rendas, com a família e amigos, e a gravação de seu último disco: *O melhor de Dilermando*.

Em Guaratinguetá, quando já abalado pela morte de seu amigo Juscelino Kubitscheck, e tendo sofrido um enfarte, veio a falecer em 2 de janeiro de 1977, onde foi sepultado, tendo sido decretado luto oficial por três dias. Consagrado como interprete, compositor e um dos maiores violinistas de todos os tempos, Dilermando Reis era considerado de “fina sensibilidade interpretativa, chamando a atenção para o som cheio e bem timbrado de seu violão, que nunca se confundiu com nenhum outro”.

- **A historiografia Guaratinguetaense: o trabalho de Thereza e Tom Maia**

José Carlos Ferreira Maia e Thereza Regina de Barros Camargo Maia possuem um website a qual foi consultado para melhor entendermos a trajetória e trabalho do casal neste capítulo²¹.

²¹ Em: <<http://therezaetommaia.com.br/site.asp>> [Consultado em 26/09/2012].

Thereza e Tom Maia são primos (vide fotografia 6: o casal Maia), nasceram em Guaratinguetá e cresceram juntos na rua em que Frei Galvão, tio de ambos, nasceu. Casados, o casal Thereza e Tom Maia iniciou uma série de pesquisas acerca dos valores culturais brasileiros, quando ele ainda era Promotor Público e ela professora de Cultura Brasileira, de Folclore, de Turismo e de Museologia na Faculdade Tereza D'Ávila, de Lorena - São Paulo.

Tom Maia é aposentado, exerceu a função de Promotor do Estado de São Paulo, pertence à Comissão de Apoio ao CONDEPHAAT, além de fazer uso de sua sensibilidade artística em desenhos à bico-de-pena. Desde 1970, passou a levantar e registrar nesses desenhos e pesquisas um pouco da paisagem histórica e regional, relatados nas publicações de livros em conjunto com sua esposa, Thereza Maia.

Thereza Maia é formada em Pedagogia e História. É fundadora e diretora do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, primeira Presidente do Instituto Histórico e Artístico de Paraty, fundadora e membro da Diretoria do Instituto de Estudos Valeparaibanos. Thereza é bisneta da Baronesa Maria Angélica Souza Queiroz de Barros, titular do império que hoje empresta seu nome à Avenida Angélica na cidade de São Paulo²².

Os autores Thereza e Tom Maia escreveram mais de cinquenta livros publicados, sobre os demais variados temas, de que destacamos:

- *Paraty - Religião e Folclore, 1974*
- *Vale do Paraíba - Velhas Cidades, 1977*
- *Recife e Olinda, 1978*
- *São João Del Rei e Tiradentes, 1978*
- *Do Rio a Santos - Velho Litoral, 1979*
- *Grão-Pará, 1979*
- *O Folclore das Tropas, Tropeiros e Cargueiros no Vale do Paraíba, 1981*
- *Frei Galvão, Sua Terra e Sua Vida, 1998*
- *Roteiro do Café, 2000*
- *Óbidos - Casa das Rainhas, 2000*
- *Ilhavo - Terra Maruja, 2003*
- *Vale do Paraíba: Velhas Fazendas, 2010*

²² Essa última informação foi retirada de uma entrevista sobre o lançamento do livro “Uma casa paulista”. Em: <<http://www.jornalonline.com.br/2012/fev/pages/entrevista-casal-maia.php>> [Consultado em 26/09/2012].

Durante toda essa trajetória, fizeram parcerias importantes com Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Leandro Tocantins e outros nomes de destaque na historiografia brasileira (vide fotografias 7a, 7b e 7c: o casal Maia com importantes escritores do Brasil). E também se destacam na coordenação de todo o processo de beatificação e canonização de Frei Galvão. A obra de Thereza e Tom Maia, em iconografia, textos e legendas, ajudou a documentar boa parte da memória brasileira, noticiada em jornais guardados no arquivo do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. O seu espólio abrange milhares de desenhos, que documentam em álbuns de arte, livros, revistas, capas de livros e ilustrações diversas (cartões postais, estampas, quadros, pôsteres e rótulos de aguardente) de antigas vilas e cidades.

Esse espólio está guardado no famoso “Solar Rangel de Camargo” em Guaratinguetá, um casarão que há seis gerações protagonizou significativos eventos históricos do Brasil, entre 1870 e 1930 (vide fotografia 8: o Solar Rangel de Camargo). O Solar foi construído em 1866 pelo bisavô de Thereza Maia, João Baptista Rangel, tropeiro e cafeicultor paulista. Atualmente é no casarão de dezesseis cômodos que o casal reside com uma filha e três netas. Trazido do litoral no lombo de uma mula, um piano francês Pleyel da década de 1860 se encontra na “sala dos homens”, já que, segundo Thereza, as mulheres não podiam participar das conversas e passavam direto para outro recinto: a “sala das mulheres”. Hoje, esta sala das mulheres é o quarto da filha e da neta caçula do casal. E lá se encontra um armário colonial - quando se gira a chave, um sininho badala dentro da fechadura: *“era para evitar que as escravas roubassem os bens de valor”*, segundo Tom Maia (PARRON, 2005).

2.4. As características de um passado predominante: Guaratinguetá nos séculos XX e XXI

O início do século XX foi marcado pela estagnação, devido ao declínio do café e o período de transição da economia cafeeira para a economia baseada na pecuária. Muitos Guaratinguetenses abandonaram o município em busca de emprego em outras cidades, mas não houve decréscimo da população, já que houve a chegada de indivíduos de outras cidades, atraídos pelos baixos preços das terras, pois *“o desenvolvimento da economia criadora faz*

com que os mineiros desçam em grande número para a região do Vale do Paraíba (MAIA, 1975:22)”. Os primeiros automóveis começaram a surgir em Guaratinguetá na segunda década do século: era já o sinal de evolução da cidade, pois mesmo em tempos de crise, da segunda para a terceira década, houve um aumento de 92 veículos na cidade.

Segundo Maia & Maia (2010), em 1902 ocorreu a instalação da Escola Complementar e posteriormente, a Escola Normal, destinada a formação de professores. Com a implementação dessas escolas e também com a criação do Ginásio Nogueira da Gama e o seu internato, da Escola de Comércio e Escola de Farmácia e Odontologia, Guaratinguetá tornou-se um centro de cultura, pois atraía estudantes e professores de outras regiões e estados. A rede elétrica e a instalação do bonde elétrico na cidade em 1905 possibilitou a ligação de Guaratinguetá com o seu antigo distrito, Aparecida. Por volta de 1915, são inauguradas na cidade duas casas de espetáculo, o Parque Cinema e o Cine Homero Ottoni; posteriormente, o Cine Teatro Central, e também o Clube de Regatas, onde funciona hoje a Câmara Municipal de Guaratinguetá.

O surgimento das primeiras associações de classe se deu devido ao desenvolvimento da economia da cidade, fato este que segundo Maia & Maia (2010), deu origem a Associação Empregados do Comércio, a Associação Comercial e Industrial de Guaratinguetá, a União Produtora de Laticínios, a Cooperativa de Laticínios de Guaratinguetá, a Associação Agropecuária, e também, a fundação de uma loja maçônica e de uma Caixa Rural.

Com a abertura da Rodovia Presidente Dutra, em 1960, o problema de colocação de produtos no mercado já não era mais um problema, ensejando em Guaratinguetá a modernização e a ampliação das indústrias já existentes, principalmente as do setor de laticínios. A partir de então, houve um aumento gradativo da população. O viajante que por Guaratinguetá passasse, na década de 1970, teria a impressão que Nice Lecocq Muller descreveu: *“uma cidade onde o traçado radial marca a Colina que lhe serviu de sítio original, contrasta com a simetria do seu traçado nos terrenos planos na margem esquerda do Paraíba (MAIA & MAIA 2010:24)”. Guaratinguetá deixa de ser a “vilazinha comprida e estreita”, uma cidade onde:*

“o campanário de sua matriz, a Igreja de Santo Antonio, que sempre se destacara na paisagem do alto de sua colina, sofre a concorrência dos edifícios que vão erguendo a sua volta. Uma cidade que ainda exerce a função de centro residencial para os proprietários rurais, com a diferença de não ser mais uma cidade de domingo, como no passado (MAIA & MAIA, 2010:24)”.

De grande vocação comercial, graças a sua estratégica posição geográfica, segundo Thereza Maia (2010), Guaratinguetá ao longo de sua história se manteve movimentada e permanece ainda hoje como polo de atração (comercial e turística) das cidades vizinhas, de Paraty ao sul de Minas Gerais.

Foi no final do século XIX que o Carnaval ganhou os salões das sociedades. Segundo Thereza Maia (2004), foi a partir de 1908 que começaram a surgir os primeiros grupos carnavalescos em Guaratinguetá e em 1965, as primeiras Escolas de Samba, que buscavam imitar as do Rio de Janeiro. Este fato fez com que os desfiles em Guaratinguetá se transferissem para novas Avenidas, além do rio Paraíba. A partir deste momento é que as Escolas de Samba se transformaram em verdadeiros teatros de rua, onde o destaque está no enredo e música de cada Escola de Samba.

Segundo Thereza Maia (2004), o Carnaval faz parte do Patrimônio Cultural de Guaratinguetá, tradição que é passada de geração a geração, de pai para filho. A famosa “Banda Mole”, conhecida na cidade, foi fundada em 1975 e é um dos destaques até os dias atuais no sábado de Carnaval. São seis Escolas de Samba que apresentam os seus enredos com cantores carnavalescos, mestre-salas e porta-bandeiras próprios. A Prefeitura Municipal de Guaratinguetá apoia o Carnaval na Organização das Escolas de Samba de Guaratinguetá (OESG), fundada em 2002.

O grande marco do século XXI para a cidade de Guaratinguetá foi a canonização e a beatificação de Frei Galvão como o primeiro santo brasileiro. Segundo Maia & Maia (2010), após a canonização do Frei, o turismo religioso aumentou e a cidade passou a receber devotos em visitas aos pontos históricos ligados ao nascimento e vida de Santo Antonio de Sant’Anna Galvão. A cidade de Guaratinguetá foi incluída no roteiro religioso, junto de Aparecida, considerada a capital espiritual do Brasil e o centro religioso Canção Nova, na cidade de Cachoeira Paulista.

Em 2009, segundo Maia & Maia (2010), Guaratinguetá ficou conhecida como a Primeira Estância Religiosa do Estado de São Paulo, fato este graças as peregrinações feitas pelos devotos em nome de Frei Galvão, o que faz a autora projetar que a cidade se tornará um grande centro de peregrinação por meio do turismo religioso

Conforme relata Maia & Maia (2010), a cidade passou a fazer parte do roteiro da Estrada Real, rota essa que faz parte do circuito do diamante e do outro entre as cidades de

Diamantina, Ouro Preto, Tiradentes e o Porto de Paraty, no Estado do Rio de Janeiro. Guaratinguetá passou a ser valorizada graças ao turismo local, recebendo visitas aos seus monumentos históricos, principalmente aqueles do ciclo do café e a organizar o seu turismo rural. Como exemplo, citemos o caso do Gomerai, na Serra da Mantiqueira, e da Estrada Real, pela Serra do Mar até Paraty. As fronteiras urbanas se expandiram no decorrer dos anos com a construção de viadutos e casas populares. A inauguração do Buriti Shopping e novos supermercados mantêm a tradição da cidade como polo comercial e de serviços, em novos moldes.

3. O Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá

A presente pesquisa elegeu, como estudo de caso, o Museu Frei Galvão, um museu histórico, constituído por peças e objetos doados pela comunidade, destinado a ser um local em homenagem à vida e obra do primeiro santo brasileiro nascido em Guaratinguetá. O Museu e o Arquivo congregam não apenas a memória local, sendo também um importante centro de pesquisa científica no âmbito de sua curadoria, por meio do acervo da história da cidade e região, bem como alguns de seus ilustres personagens. Seu acervo é composto por objetos, iconografia, livros e documentos de arquivo, que abrem perspectivas para pesquisas na área de História Social e Patrimônio Cultural. A escolha do Museu Frei Galvão como universo de observação dessa pesquisa está diretamente relacionada com o seu acervo expressivo e diversificado, que representa parte da história local, mas também da história brasileira.

3.1. A fundação do Museu

A ideia de criar um museu dedicado a Frei Antonio de Sant'Ana Galvão surgiu em 1940. E a sugestão era que esse museu se localizasse na casa onde nasceu o Frei, mas por falta de recursos financeiros, a Prefeitura Municipal vetou a iniciativa, alegando que o imóvel do século XVIII necessitava ser restaurado.

Em 1957, o jornalista João Martins de Abreu, na idealização da “Casa de Frei Galvão”, passou a reunir um acervo de peças destinadas a esse suposto museu, em conjunto com a Sociedade Frei Galvão:

“A Sociedade Frei Galvão consiste em um grupo de amigos que se reuniram com a finalidade de divulgar a cultura e prestar serviços beneficentes. O nome é em homenagem ao patrono da cidade. Essa Sociedade ainda existe e seu Diretor Presidente é o Doutor Antonino Kimaid. Atualmente a função da Sociedade Frei Galvão é administrar o

“Jornal O Eco”, com tiragens quinzenais e sua distribuição é feita nas bancas de jornal. Sobrevive graças aos assinantes e colaboradores”²³.

Após a campanha para a criação de uma nova casa de cultura, então nomeada Museu Histórico e Pedagógico de Guaratinguetá, a Sociedade Frei Galvão cedeu todo o acervo histórico para a nova entidade. Entretanto, em 1969, mais uma vez por falta de recursos financeiros e apoio, o Museu Histórico e Pedagógico encerrou as suas atividades (Jornal “O Eco” de 2/12/1972, Arquivo Memória de Guaratinguetá, Museu Frei Galvão).

O Museu Frei Galvão é de caráter particular, foi inaugurado em 1972 e reconhecido como sendo de utilidade pública por Lei Municipal número 1297, de 15/05/1973 (Arquivo número 170, ano 1997, Arquivo Memória de Guaratinguetá, Museu Frei Galvão). O espaço para a instalação do Museu foi concedido pelo Centro Social de Guaratinguetá, o qual cedeu dois pavimentos e um auditório em seu prédio na Praça Conselheiro Rodrigues Alves, número 48.

O prédio onde o Museu funciona é cedido gratuitamente pelo Centro Social de Guaratinguetá, que é o proprietário do prédio. O Centro Social de Guaratinguetá foi criado com fins culturais e apoia financeiramente o Museu. Seu presidente atual é Tom Maia. O prédio conta com 5 andares, sendo que o Museu ocupa o 1º e 2º andares. Os demais andares estão alugados para a Prefeitura Municipal de Guaratinguetá, e algumas de suas Secretarias ali funcionam²⁴.

A documentação reunida no Museu Frei Galvão suscitou a criação do Arquivo Memória de Guaratinguetá. Os primeiros documentos vieram do acervo recolhido para a “Casa de Frei Galvão” e Museu Histórico Pedagógico. Com o decorrer dos anos, o acervo do Arquivo se compôs com centenas de livros e documentos da história da cidade.

Para além do acervo documental, constituído de 1972 a 1997, o Museu Frei Galvão e o Arquivo Memória de Guaratinguetá promoveu o lançamento de 102 livros sobre a história, o folclore, a política, a poesia e a literatura na região do Vale do Paraíba. Muitos desses livros são de autoria de Thereza e Tom Maia (vide Apêndice 1: caracterização ao longo dos anos do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá).

²³ Transcrição da entrevista de Alice Aparecida Bittencourt dos Santos, bibliotecária do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 23/01/2012.

²⁴ Transcrição da entrevista de Alice Aparecida Bittencourt dos Santos, bibliotecária do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 23/01/2012.

O acervo da biblioteca está distribuído em estantes (de ferro), localizadas na sala do Arquivo Memória, e em vitrines de madeira, onde ficam expostos os livros de destaque, os “autores de Guaratinguetá”, no intuito de valorizar os assuntos publicados sobre a história local. A maioria desses livros foram doados pelos próprios autores e estão disponíveis para consulta, em especial as obras sobre Frei Galvão. Para melhor compreensão, conferir as fotografias 9a, 9b, 9c e 9d. Dentre os diversos títulos presentes na biblioteca do Museu Frei Galvão, citamos os mais consultados:

- **Estantes de ferro**

HERRMANN, Lucilla. *Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos*. São Paulo, Instituto de Administração, Universidade de São Paulo, 1948.

MAIA, Tom & MAIA, Thereza. *O Folclore das Tropas, Tropeiros e Cargueiros no Vale do Paraíba*. MEC-SEC, Universidade de Taubaté, 1981.
 _____. *Memórias do Comércio de Guaratinguetá*. Guaratinguetá, Editora Sindicato do Comércio Varejista de Guaratinguetá e Associação Comercial e Industrial de Guaratinguetá, 1995.

_____. *O Vale Paulista do Rio Paraíba*. Guia Cultural. Aparecida, Ed. Santuário, 2000.

PASIN, José Luiz. *A Evolução Socioeconômica do Vale do Paraíba num Período de Trezentos Anos*. Lorena, SHVP, 1972.

_____. *Algumas Notas para a História do Vale do Paraíba*. São Paulo, Serviço Gráfico da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

_____. *Os Ciclos Econômicos do Vale do Paraíba*. Lorena, C.E.H. Gustavo Barroso, 1968.

FILHO, Nestor G. Reis. *Guia dos Bens Tombados São Paulo*. Editora Exped e Unilivros, 1982.

PIRES, Leda Galvão de Avellar. *Uma família Paulista. Memórias diversas e fuga na Revolução de 32*. Editora Leda Galvão De Avellar Pires, 2011.

- **Algumas Fitas de VHF** (o número refere-se ao número de cadastro)

- *O Rio Ribeira de Iguape, O Rio Tietê, o Rio Paraíba* - Número 6
- *Festas do Divino Espírito Santo em Paraty* - Número 49
- *Vida Caiçara* - Número 99
- *Taipa de mão, casa de caboclo* - Número 98
- *Carnaval 2004* - Número 124

- **Vitrines de madeira**

Livros de Thereza e Tom Maia

- **Autores e livros de Guaratinguetá**

PASIN, José Luiz. *O Outro Euclides. O Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba 1902-1903*. UNISAL – Núcleo de Pesquisa Regional. Lorena, 2002.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *O Visconde de Guaratinguetá: Um Titular do Café no Vale do Paraíba*. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. MAIA, Tom. *Vale do Paraíba, velhas fazendas*. Editora da USP e Cia. Editora Nacional, 1975.

BARBOSA, Alexandre Marcos Lourenço. *Brito Broca. O cronista da vida literária*. São Paulo: Atelie Editorial, 1999.

- **Livros sobre Frei Galvão**

BACK, Frei Paulo. *História e Vida de Frei Galvão o Primeiro Santo do Brasil*. Editora Imprepel, 2007.

SANTOS, Armando Alexandre. *O Mosteiro da Luz e seu fundador Frei Galvão*. Editora Artpress, 1998.

MOURA, Carlos Eugenio Marcondes. *Os Galvão de França no povoamento de Santo Antonio de Guaratinguetá (1733 – 1972)*. Editora Perspective, 1972.

O acervo documental e a biblioteca pertencem ao próprio Museu Frei Galvão, sendo por ele catalogados sob o título geral de “Arquivo Memória de Guaratinguetá”. A sala que abriga o arquivo histórico denominado “Arquivo Memória de Guaratinguetá”, tem por intuito preservar a história local. Este acervo é composto por documentos originais, documentos cartorários, recortes de jornais, fotografias, convites, folhetos, DVDs, CDs, coleção de jornais encadernados e uma pequena biblioteca composta por revistas publicadas na cidade sobre assuntos diversos, livros de história e livros de autores da cidade. O traço mais importante do acervo arquivístico é todo o material impresso, gravado em CD, DVD que diz respeito a cidade e seus habitantes, onde tudo é arquivado.

Segundo a diretora, Thereza Maia, na tentativa de seguir o exemplo da cidade de Taubaté, decidiu solicitar ao Fórum da cidade de Guaratinguetá, através de ofício, a guarda do Arquivo Judiciário da cidade, o que foi aceito pela autoridade. O arquivo foi transferido para o Museu Frei Galvão em 1985, a partir de então, o Museu recebeu a guarda²⁵ do importante acervo do Arquivo Judiciário (1710-1960)²⁶. É possível encontrar nele documentos que descrevem o desenvolvimento da cidade e da região, da Estrada Real, o período da escravidão e das fazendas de café, a chegada de imigrantes europeus, a vida de personagens ilustres da história do Brasil e que estão diretamente relacionados com a cidade. O acervo do Arquivo Judiciário é ferramenta de estudo da sociedade brasileira, de suas mudanças ao longo do tempo, de personagens da história, reconstruída por intermédio de depoimentos de testemunhas, como agricultores e mulheres escravas, por exemplo. Tais processos refletem os usos e costumes do homem valeparaibano e Guaratinguetaense em sua sobrevivência diante das mudanças econômicas ocorridas entre os séculos XVII e XX, para além dos níveis de conflitualidade e de sociabilidade dessas comunidades.

Os arquivos judiciais, que registram os períodos de 1710 a 1960, vieram do Fórum em sua maioria, separados por assuntos. No Museu Frei Galvão, sob a responsabilidade de Helvécio de V. Castro Coelho e Joaquim Roberto Fagundes, foi realizado o trabalho de identificação de cada um dos documentos. O Arquivo Judiciário possui fundos documentais oriundos dos cartórios do 1º ofício (o mais antigo), 2º ofício, Cartório Eleitoral, Juízo de Paz,

²⁵ Anexo 7: “Museu Frei Galvão completa 40 anos em busca de visitantes”. Jornal Atos de 19/05/2012.

²⁶ Vide Apêndice 5: lista de documentos que compõe o Acervo Judiciário.

Cartório de Distribuição de Processos e Cartório de registro Civil. Encontram-se divididos em séries específicas, descritas em ordem cronológica, por ano e alfabética, por autor do processo:

- **Cartório do 1º ofício**

- Inventários e Testamentos: 1710 – 1960
- Processos Cíveis: 1750-1960
- Processos Crimes: 1836 - 1920
- Livros de Registro de Testamento: 1816 - 1893
- Livros de Protocolo de Audiência do Juízo Municipal: 1832 - 1921
- Livros de Protocolo do Juízo de Direito: 1890 – 1894
- Livros de Protocolo do Juízo de Direito: 1890 – 1894
- Livros de Audiência do Juízo de Órfãos e Ausentes: 1868 – 1889
- Livros de tutelas e Curatelas: 1815 – 1906
- Livro de Leilões do Juízo de Órfãos: 1842 – 1897
- Livro de Leilões do Juízo de Órfãos: 1842 – 1897
- Livro de Audiência Criminal e policial: 1869 – 1877
- Livro de Audiência Criminal e Policial: 1869 – 1877
- Livro de contas de órfãos: 1865 - 1872
- Livro Tombo das Tutelas de Órfãos Desvalidos: 1888

- **Cartório do 2º Ofício**

- Inventários e Testamento: 1838 -1960
- Processos Cíveis: 1855 – 1960
- Processos Crimes: 1838 -1960
- Livros de Registro de Testamento
- Livros de Atas do Júri: 1867 – 1917
- Livros de Sorteios de Jurado: 1903 - 1910
- Livro de Atas do Tribunal de Júri: 1908 - 1909
- Livro de Audiências Cíveis, Comerciais e Criminais: 1882 – 1884

- Livro de Notas de Compra e Venda de Escravos: 1872 - 1879
- Livro de registro de Protestos e Títulos: datas diversas.
- Livro de Rol de Culpados: 1889 - 1919
- Livro de Arrecadação da Provedoria dos Defuntos de Órfãos: 1825 – 1833
- Livro Orfanológico: 1907

- **Cartório Eleitoral**

- Livro de Registro de Eleições: 1890 – 1898
- Livro de Registro de Eleitores: 1900 – 1904
- Processos de Alistamento e Qualificação Eleitoral: 1880 - 1930
- Livro Atas – Instalação das Mesas e Eleições para Presidente da República: 1906
- Atas Eleitorais da 1 seção: 1894 – 1900
- Papéis Eleitorais Avulsos: 1921
- Relação dos Cidadãos Qualificados Nominalmente: 1890
- Folhas Avulsas de Recrutamento Militar: 1938

- **Cartório de Distribuição de Processos**

- Livros Distribuição de Escrituras: 1871 – 1960
- Livros de Distribuições de Ações Cíveis: 1855 – 1922
- Livro de Distribuição Criminal: 1907
- Livro de Distribuição dos Escrivães de Órfãos: 1863 – 1897

- **1º Cartório do Registro Civil**

- Processos de Habilitação de Casamentos: 1890 – 1980
- Livros de Proclamas e Editais de Casamentos: 1890 – 1920
- Petições de Registro de Nascimento: 1910 – 1920
- Óbitos expedidos por Inspectores de Quarteirões: 1890 – 1920

- **Juízo de Paz**

- Atas do juízo de Paz: 1828 – 1920
- Ata da 1 Seção do Juízo de Paz – 1904

Outro aspecto importante presente no acervo do Arquivo Memória Guaratinguetá é o processo contendo documentos essenciais no processo de beatificação e de canonização do Frei, o primeiro santo brasileiro, nascido em Guaratinguetá. Nele se destaca o inventário da mãe de Frei Galvão datado de 1756. Esses documentos estão disponíveis para consulta nas instalações Museu Frei Galvão e Arquivo Memória (vide Apêndice 2: lista completa dos documentos que compõem o processo de beatificação de Frei Galvão).

O acervo do Arquivo Memória de Guaratinguetá também conta com mais de 307 monografias escritas por autores diversos. Essas monografias estão disponíveis para consulta na série “*Conheça e Valorize sua terra e sua gente*” e a grande maioria dessas monografias foram pesquisadas e consultadas no próprio acervo do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá (vide Apêndice 3: Lista das monografias do Arquivo Memória de Guaratinguetá).

Faz parte do acervo também um arquivo fotográfico, motivo de inúmeras exposições, com cópias xerográficas das originais. No ano de 2012 foram feitas duas exposições com cópias do Arquivo Memória de Guaratinguetá, tendo como tema as noivas e a cidade de Guaratinguetá – ontem e hoje.

Não podemos deixar de mencionar o rico acervo de periódicos, que conta com mais de 100 títulos, muitos deles já fora de circulação, cujos exemplares estão disponíveis para consulta na biblioteca do Museu Frei Galvão (vide Apêndice 4: lista completa de todos os periódicos do Arquivo e Memória de Guaratinguetá).

O acervo museal é constituído por 556 peças, 33 móveis e 162 na pinacoteca. Em um bom estado de conservação, o acervo museológico existente é em maioria constituída por peças tombadas e catalogadas (LOURENÇO, 2008). Parte deste acervo está em exposição, sendo possível visitar uma exposição permanente e outra temporária. Para uma melhor compreensão vide fotografias 10a, 10b, 10c, que reproduzem as peças que compõem este acervo museal. Abaixo, algumas das mais relevantes:

- **Mobiliário**

1. Escrivaninha de madeira do século XIX. Doado por: Colégio do Carmo. Número ordem: M01. Observação: a escrivaninha de uso do Monsenhor Filippo.
2. Conjunto de móveis e peças de ourives e joalheiro que pertenceram a José dos Santos Sabará (1905 – 1983). Doado por: pela viúva Conceição Sabará Samahá em 1985. Pertenceu anteriormente a João Ourives e os objetos são do século XIX.
3. Cristais do antigo lustre da Matriz Santo Antonio. Doado por: Maria Virgilia Maia Fortes. Número ordem: P698. Observação: este lustre caiu em 1938.
4. Lampião Belga (de bronze). Doado por: D. Pedro P. de França Bueno. Número ordem: P218. Observação: no século XIX esse tipo de lampeão funcionava com querozene e era usado em casas e fazendas.

- **Quadros**

1. Documento emoldurado: Taxa dos escravos. Doado: José Loriggio. Número ordem: Pi180. Observação: o documento é de 1880.
2. Diploma emoldurado: Embaixador Sylvio Rangel de Castro. Doado por: Luiz Jorge Rangel de Castro. Número ordem: Pi272.
3. Fotografia preta e branca: Capitão Alfredo Antunes de Oliveira. Doado por: Dr. Pedro Paulo F. de Bueno. Número ordem: Pi28. Observação: personagem ilustre da cidade, exerceu os cargos de Intendente e Prefeito.
4. Fotografia preto e branco: Monsenhor Filippo. Número ordem: Pi41.
5. Fotografia: Comendador Antonio Rodrigues Alves. Doado por: Hilda Rodrigues Alves Pedroza. Número ordem: Pi115.
6. Bandeira do Brasil Império emoldurada. Doado por: Câmara Municipal de Guaratinguetá. Número ordem: P121.

- **Peças indígenas**

1. Urna funerária indígena (de cerâmica). Número ordem: P14. Observação: o objeto foi encontrado na estrada que faz divisa entre as cidades de Cunha e Guaratinguetá.

- **Imagens de Santos**

1. Arte sacra: Doadas pela família do Dr. Carlos da Silva Lacaz.

2. Imagens da Santíssima Trindade, Santa Marta, Nossa Senhora Aquirópita, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Cabeça, Nossa Senhora da Conceição, de São João, São Pedro, Santo Antonio, São Benedito, Frei Galvão, Senhor dos Passos.

- **Artesanatos**

1. Escultura em isopor da “Santa Ceia do Senhor” e Presépio em isopor. Artista: Edílio Cipro.

2. Artesanato em barro do Vale do Paraíba: imagens de figurantes da festa “Moçambique de São Benedito”. Imagens de personagens do folclore brasileiro: lobisomen, boitatá e cuca.

3. Presépio “Natal brasileiro” em papier-maché. Artista: Ismenia Camargo Faro.

- **Instrumentos:** bigorna, laminador de ouro, balança de farmácia, estribos, buzina para chamar cachorro, luva de ferro, lâmpada antiga.

- **Porcelanas:** bule japonês, prato de porcelana holandesa, xícaras francesas e japonesas, jogo de chá, aparelho de café e chá, licoreira.

- **Objetos femininos**

1. Cinto de prata que pertenceu a Viscondessa de Guaratinguetá. Doado: Eunice de J. Zerbini Viariz. Número ordem: P309. Observação: tirado em uma rifa por Eurydice Zerbini em 1918.

2. Leque (bege com estampa pintada a mão). Doado: Odete Criscuolo Martins, Número ordem: P30. Observação: objeto do século XIX, pertenceu a italiana Catharina Criscuolo.

- **Instrumentos musicais**

1. Cavaquinho marca Giannini. Doado por: Família de Paulo Alfaiate. Número ordem: P661. Observação: pertenceu ao Bloco Carnavalesco “Os Tesouras”.

2. Violino (artesanal). Doado por: Emilio Cortez da Silva. Número ordem: P258.

3. Banjo. Doado por: Família de Paulo Alfaiate. Número ordem: P663. Observação: pertenceu ao Bloco Carnavalesco “Os Tesouras”.

4. Clarineta. Doado por: Sociedade Beneficente Santa Luzia. Número ordem: P40. Observação: objeto do século XIX pertenceu a Banda Mafra.

5. Requinta. Doado por: Sociedade Beneficente Santa Luzia. Número ordem: P41. Observação: objeto do século XIX pertenceu a Banda Mafra

- **Peças escolares**

1. Palmatória usada nas escolas (de madeira). Doado por: Dr. José da Silva Lacaz. Número ordem: P51. Observação: objeto do século XIX.

2. Mata borrão. Doado por: Dr. Pedro Paulo de F. Bueno. Número ordem: P39. Observação: pertenceu ao Prof. Climério Bueno.

3. Tinteiro (de metal prateado). Número ordem: P113. Observação: objeto do século XIX.

- **Peças religiosas**

1. Cilício (cinto usado sobre a pele como objeto de penitencia voluntária). Pertenceu ao Vigário Antonio Martiniano de Oliveira.

2. Rosário. Número ordem: P51. Observação: pertenceu ao Monsenhor João Filippo.

- **Objetos da Revolução Constitucionalista de 1932:** fardas, selos, dinheiro, certificados, anéis, medalhas e capacetes.

O acervo do Museu Frei Galvão e do Centro de Memória é um acervo privado, resultante, na sua componente de arquivo documental, da confluência de documentos avulsos e de fundos documentais de múltiplas proveniências. Há documentação doada, adquirida e transferida. O critério orientador da constituição deste “Arquivo Memória” foi, essencialmente, o de documentar a história local de Guaratinguetá, da região do Vale do Paraíba e as biografias dos personagens mais ilustres da cidade. Trata-se, no fundo, de prosseguir a intenção de preservar a memória histórica da cidade.

Para auxiliar na manutenção do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, foi criada em 1973 a “Associação dos Amigos do Museu Frei Galvão”,

destinada a colaborar com a sua manutenção e é com a colaboração destes amigos-membros que o Museu Frei Galvão permanece ativo até os dias atuais.

“A prefeitura cede de manhã uma funcionária que já está aposentada, a Sonny, ela continuou aqui - mas não dá recurso nenhum, aí a gente mantém. Com o mês que dá para pagar os funcionários, o mês que não dá, a gente intera. É difícil mesmo. E aqui no museu é a mesma coisa. Nós estamos investindo em divulgação para manter.”²⁷.

Importa levar em consideração, ao analisarmos as estruturas do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, que a instituição sobreviveu e sobrevive ao longo dos anos graças à iniciativa e todo o empenho da diretora e historiadora, Thereza Maia.

Thereza Maia é a grande responsável pela organização do acervo, tanto museológico quanto arquivístico da instituição, e os mantém muitas vezes com recurso financeiro próprio. Além do Museu e do Arquivo, a historiadora também mantém a casa onde nasceu Frei Galvão, que é aberta a visitação e é também um museu. Mas neste momento o foco deste trabalho é o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, de que consideraremos, quer o seu acervo arquivístico, que ajuda a perpetuar a memória da cidade, quer as estratégias museológicas.

3.2. O acervo: museológico e arquivístico

3.2.1. O “arquivo” do Museu

De acordo com Costa (2006) documentação museológica é toda a informação referente ao acervo do museu. Trata-se, no fundo, do arquivo do próprio Museu. O museu que não mantém sua documentação atualizada e em bom estado, principalmente as informações

²⁷ Transcrição da entrevista de Thereza Maia, fundadora e diretora do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 07/11/2011.

relativas a seu acervo, deixa de cumprir uma de suas principais funções, que é a preservação de sua memória. Começemos, pois, por considerar essa componente na nossa análise.

Segundo Maroivic (2006), existem três dimensões das quais o objeto se comunica no museu: o tempo, o espaço e a sociedade. O tempo está relacionado ao objeto como documento, o objeto como testemunho de acontecimentos históricos. O espaço reporta-se ao contexto espacial em que um objeto real foi encontrado, ou seja, o espaço onde os acontecimentos históricos tiveram lugar. A sociedade está ligada ao significado social do objeto na história. Os objetos de museus são observados, investigados e interpretados a partir de cada uma dessas dimensões, onde as três dimensões estão relacionadas e compõem o que se denomina biografia do objeto.

Neste contexto, Meneses (1997) relata que os objetos possuem uma trajetória e traçar a biografia do objeto faz entender os artefatos na sua interação social. Isso implica que este objeto participou da vida das pessoas, ligando-se a ele conceitos de utilidade, valor e significado. Ao afastá-lo do contexto em que vivia recolhido em um museu, perdeu-se a sua utilidade, mas o valor e o significado estão na memória de seu proprietário e é esta memória que deverá ser resgatada pelo historiador. Dessa forma, entendemos, com Meneses (1997) que é esse registro de informações que constam no laudo técnico, quando da entrada do objeto no museu, que será importante para que o curador possa estabelecer o histórico do objeto, associando-o a uma identidade social.

Em relação à aquisição de peças, Costa (2006) afirma a importância do museu em possuir um Conselho Consultivo para opinar a respeito das peças a serem ou não recebidas, a fim de que a responsabilidade não seja exclusiva do diretor, pois o museu, ao receber um objeto, precisa observar se a documentação está correta, o estado de conservação e seu valor de mercado para efeitos de seguro. A documentação de um objeto pode ser composta por recibos de compra ou venda anterior, cópia de testamento do doador que se incorporará ao arquivo documental. Aquando da compra de um objeto pelo museu é necessária a apresentação de recibos ou outros documentos que comprovem a realização de tal transação comercial. Já as peças coletadas em expedições científicas e arqueológicas, devem conter todas as informações do local onde foram recolhidas.

MODELO DE TERMO DE ABERTURA PARA LIVRO DE TOMBO

Este Livro do Tombo, contendo ____ (____) folhas numeradas que levam a minha rubrica (*) servirá para inscrição do Tombo dos Bens Arqueológicos, Etnológicos, Paisagísticos, Arquitetônicos e Urbanísticos, de Belas Artes, Artes Aplicadas e Históricos e Bibliográficos, na forma da Lei Municipal n.º _____, de ____ de _____ de 20__ e do Decreto Municipal n.º _____, de ____ de _____ de 20__.

_____, ____ de _____ de ____.

*Diretor do Museu / Museólogo responsável pelo acervo

Figura 1 - “Livro Ata” ou livro especializado, elaborado para tal fim (COSTA, 2006: 39).

IMPORTANTE LEMBRAR sobre o livro Tombo

- Páginas numeradas
- O livro tombo deve ser manuscrito, sem rasuras, usando as duas folhas.
- O termo de Abertura e o de Fechamento podem / devem ser registrados em cartório.
- Nas páginas seguintes ao termo de abertura, de forma contínua, as informações sobre o objeto, na seguinte ordem:
 1. Número de registro
 2. Classe
 3. Descrição sumária
 4. Forma e data de ingresso
 5. Histórico resumido do objeto

Figura 2 - Outras informações relevantes para o Museu (COSTA, 2006: 40).

Segundo Yassuda (2009) os museus brasileiros, como outras instituições brasileiras, não recebem a atenção que deveriam receber dos poderes públicos, ou seja, o trabalho no ambiente museológico fica restrito à área de maior visibilidade do público em geral, que é a

exposição – e reflete todos os papéis atribuídos ao museu. Deste modo, a autora relata que muitos museus não possuem um sistema de documentação pertinente, por falta de infraestrutura ou por outras razões, porque a diversidade do acervo do museu requer uma extensão maior dos campos de descrição, que atenda a todas as informações dos itens da coleção. Nos museus, cada peça do acervo é tratada de maneira singular, mesmo que faça parte de uma coleção específica. Ademais, como o perfil do museu privilegia um tipo específico de informação, as leituras serão diferentes, tais quais os valores que permeiam essas leituras.

O que ocorre no Museu Frei Galvão, em caso de doações, é que é escrito um documento de agradecimento pela Diretora ao doador, com registro detalhado do documento ou peça recebida. No caso de aquisição, é registrado o recibo de pagamento, bem como a descrição da peça ou documento adquirido. Doações e aquisições recebem número e registro em livro específico (vide Anexo 8: exemplo de carta de agradecimento de doações, escrito pela diretora do Museu Frei Galvão, Thereza Maia).

Conforme Yassuda (2009) bibliotecas, arquivos e museus são classificados como unidades de informação, pois são responsáveis por todo o processo de gestão da informação, da produção até a sua disseminação. Cada uma dessas instituições trabalha com diferentes tipos de coleções e com propósitos diferenciados. Assim, o tratamento da informação em um âmbito geral, será diferenciado:

“Se, na biblioteca e no museu, o tratamento documental é feito peça por peça, ainda que totalizando uma única e grande coleção, no arquivo, em geral, o tratamento técnico é dispensado não à unidade, mas às séries documentais que formam agrupamentos lógicos e orgânicos dentro dos diferentes fundos” (BELLOTTO, 2004:39).

Para Bellotto (2004), o arquivo tem por desígnio provar e/ou testemunhar; a biblioteca instruir e/ou informar e o museu informar e/ou entreter. Os registros produzidos por qualquer um destes serviços de informação visam não só propagar as informações pertinentes às suas coleções, mas aproximar o item do usuário ou pesquisador. E é esta aproximação, física ou intelectual, que delega a tais registros a função de transmissores de informação. Deste modo, os materiais documentais são criados a partir de políticas que buscam a expansão do fluxo de informações e contribui, no caso dos museus, para a preservação da memória coletiva de uma sociedade, uma vez que a propagação dessa memória contribui para sua preservação.

3.2.2. Acervo – processos de aquisição e incorporação

A manutenção de um acervo museológico é uma tarefa trabalhosa que exige um processo de estudo e aperfeiçoamento. Para Bruno (2007) muitas das questões que vêm sendo discutidas por especialistas, ainda não foram regulamentadas. O acervo é o núcleo do museu, pois é em torno dele que todas as atividades acontecem. Por isso, segundo Ladkin (2004), o acervo ideal deveria ser gerido por um curador ou por uma equipe especializada, na tentativa de manter organizada a coleção em seus depósitos.

Entendemos que o curador possui um papel importante na aquisição e descarte das peças. É ele o responsável pela gestão do acervo, segundo o que foi definido no Plano Diretor do museu, sendo que cada museu adota a sua própria política de aquisições. No processo de aquisição de peças, a tendência, segundo Gary (2004), é abandonar o diletantismo e convocar a intervenção de conhecedores. Para tanto, percebemos que o trabalho de Thereza Maia é também o de curadora:

“Dificuldades têm de todos os tipos e alegrias também, os acervos estão chegando, eu tenho, por exemplo, um acervo que ganhei - que o Museu ganhou - que recebi há uns quatro meses, um acervo de Música Sacra. O que eu vou fazer com esse acervo aqui? Arquivo de Música parado, tá morto. Aí telefonamos para Aparecida, se lá eles aceitavam, porque lá tem pesquisa, tem coral, eles poderiam aproveitar, porque aqui vai ficar fechado, nós não temos nada de Música”²⁸.

Assim, como afirma Roberts (2004), cada peça antes de ser incorporada ao acervo deve ser avaliada por um curador, neste caso a própria diretora do Museu Frei Galvão, que é quem faz as suas escolhas em consonância com a política da instituição, incorporando o que julgar ser necessário e adequado. Segundo o autor (Roberts, 2004) é importante desde o início que sejam traçado formalmente os critérios de aquisição que o museu irá seguir, segundo um plano diretor e uma política de aquisições, para que se defina a coleção e ela sirva de utilidade pública. O autor cita, como exemplo, os grandes museus contemporâneos, onde essa avaliação não é feita somente pelo curador, mas por uma equipe, além de um conservador e um educador, para minimizar a possibilidade de erros de avaliação.

²⁸ Transcrição da entrevista de Thereza Maia, fundadora e diretora do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 07/11/2011.

Devido a falta de recursos financeiros e espaço físico, a diretora do Museu Frei Galvão busca aproveitar o espaço disponível de todas as maneiras possíveis, em ordem a incorporar todo o acervo possível:

“Sempre está chegando coisas e documentos, a gente vai catalogando, faz uma revisão, dos jornais também (...) tudo doações, porque não temos dinheiro para comprar. E acho que já é um grande avanço. Antigamente se perdia tudo, diziam: “Ah, que bobagem!” As pessoas morriam e colocavam fogo nos documentos, então se perdia muita coisa”²⁹.

Diante da fala de Thereza Maia podemos pensar que existe uma política passiva de incorporação de tudo o que é oferecido ao Museu Frei Galvão enquanto acervo documental, seguido da ausência de plano e de uma política de incorporação, onde se deveria analisar cuidadosamente o que é realmente interessante e importante para fazer parte do acervo, de acordo com um plano diretor e a missão definida para o Museu.

Após ser aprovada a peça, Roberts (2004) diz que ela deve ser higienizada antes de ser recebida no acervo, podendo ser necessário um período de quarentena, para que sejam eliminadas as pragas ou contaminantes e para que não venha infestar o resto da coleção. Após esse processo, o acervo deve ser documentado, catalogado no sistema da instituição, somente depois é transferido para o depósito do museu.

O que ocorre no Museu Frei Galvão é, que muitas vezes, a própria população de Guaratinguetá não possui mais interesse em manter a guarda de determinado objeto/peça ou documento em seu poder e nem entende o seu valor histórico. As pessoas entram em contato com o Museu e a diretora Thereza Maia que, após análise, decide pela aceitação ou não dos documentos/ peças. Quando determinada peça é aceita, ela é separada para limpeza e é registrada no Livro Tombo, onde recebe um código de registro e em seguida é levada para as vitrines de exposição. No caso de documentos, são separados para limpeza, recebem um carimbo ou código com número, são registrados em Livro Tombo e são arquivados em pastas adequadas aos assuntos já existentes e disponíveis para consulta (vide Anexo 9: o Livro Tombo do Museu Frei Galvão. Lembramos que devido a segurança precária que o Museu possui e por questões de segurança, somente foi permitido a cópia da primeira e última página do Livro Tombo que contém o registro das peças do acervo) .

²⁹ Transcrição da entrevista de Thereza Maia, fundadora e diretora do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 07/11/2011.

No ano de 2012, o Museu Frei Galvão recebeu as seguintes doações:

- **Instrumento caseiro usado para fazer macarrão:** essa peça foi doada por Márcio Cavalca e foi incorporada ao acervo por pertencer a família de imigrantes italianos que formaram uma colônia a partir do século XVIII e contribuíram com a sua cultura e costumes para a cidade de Guaratinguetá. O instrumento foi tombado, recebendo um número de registro, constando no Livro Tombo com todos os dados referente ao objeto e está disponível na vitrine para exposição.
- **Coleção de Programas de Festas Religiosas:** essa coleção foi doada pela Tipografia São Benedito. Realizada a limpeza adequada, recebeu o carimbo do Museu. A coleção foi incorporada ao acervo por registrar as diversas festas religiosas realizadas em várias igrejas e bairros da cidade de Guaratinguetá, na década de 1980 a 1990. A coleção foi tombada, recebendo um número de registro, constando no Livro Tombo com todos os dados referente a coleção e arquivada na “Pasta de Festas Religiosas”.

As peças e documentos não recebem um registro informatizado. O registro informatizado talvez seja a maneira mais prática de acessar determinada documentação para uso diário, pois além da cópia (que deve permanecer em local seguro), o registro informatizado pode ser acessado no banco de dados da instituição e caso o original seja perdido, a recuperação das informações será possível. Todavia, o Museu não possui um sistema informatizado de catalogação.

Em relação ao tratamento do acervo recebido, a higienização é feita de forma básica, onde se utilizam produtos anti-fungos no intuito de conservar principalmente os documentos, mas não possui câmara de limpeza. O espaço é restrito para acomodar todo o acervo:

“O Museu possui duas partes: uma com os objetos e outra com os documentos, por isto é Museu e Arquivo de Memórias. Ele não possui outro espaço fora do prédio. Os assuntos da canonização ficaram na Casa do Frei Galvão”³⁰.

³⁰ Transcrição da entrevista de Alice Aparecida Bittencourt dos Santos, bibliotecária do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 23/01/2012.

Segundo Mirabile (2010), a Reserva Técnica (RT) ou Depósito, é a área onde a coleção deve permanecer quando não está em exibição ao público e as condições deste local dependem do tipo de objeto a ser preservado no museu, pois alguns materiais exigem conservação específica. Portanto, os critérios que devem direcionar a construção dessa Reserva são a facilidade para consulta, funcionalidade, segurança e condições de preservação.

O Museu Frei Galvão não possui Reserva Técnica de suas coleções. O Inventário do Museu é o que está registrado no Livro Tombo, pois não é feito nenhum tipo de balancete semestral ou anual para verificar se todas as peças ainda permanecem no Acervo. Sabe-se “por intuição” e experiência por tempo de trabalho da parte dos funcionários, todas as peças que compõe o acervo museológico.

Precisamos lembrar que todos os cuidados exigidos podem parecer excessivos para o público leigo, conforme cita Ogden (1997), mas eles possuem uma razão de ser, uma vez que a conservação museológica não é produto do acaso, está relacionada com o passado, presente e futuro. O objetivo não é manter um objeto em boas condições por um curto prazo, mas, em tese, por toda a eternidade, o que parece ser uma tarefa difícil de ser executada diante das técnicas utilizadas no Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. A intenção é a de manter conservado o acervo, para que esse se estenda o máximo de tempo possível, para que outras gerações com ele possam interagir, mas os meios técnicos disponíveis não são suficientes para cumpri-lo da forma definida nos manuais de conservação e preservação. Não podemos nos esquecer de mencionar que o tratamento recebido por obras de arte ou outros variados objetos que possuíamos em nossas residências é um processo diferente daquele realizado em um museu moderno, pois ali é obrigatório se pensar em longo prazo.

Nesse contexto de preservação e conservação, conforme aponta Drumond (2006), a mudança de temperatura e umidade relativa do ar são desestabilizadoras para a estrutura das peças, especialmente em países onde o clima é sujeito a grandes variações. Os materiais mais frágeis, em combinação com a umidade, podem ser devastados rapidamente. É necessário um conhecimento aprofundado para que o acervo seja conservado adequadamente.

A iluminação é outro fator importante, que gera degradação de certos materiais, como bem aponta Oliveira (2008), tanto pela intensidade, como pela duração da exposição à luz,

quanto pelo tipo de radiação. Como podemos observar nas fotografias 11a, 11b, 11c e 11d, tiradas do Museu Frei Galvão, a iluminação é intensa, e pode ser emissora de radiação ultravioleta: é uma questão relevante que pode comprometer o acervo ao longo dos anos. Por isso, segundo Michalski (2004), é importante entender que a iluminação exerce efeitos sobre os materiais sensíveis, desde o primeiro instante de exposição: mesmo que a deterioração ainda não apareça de imediato, tais efeitos são cumulativos e irreversíveis.

Além do exposto, é importante que nenhuma peça seja restaurada por pessoa desqualificada ou que tenha feito algum “curso rápido”, pois esse procedimento pode gerar ainda mais danos à peça, sendo uma das preocupações apontadas por Drumond (2006), porque esses danos muitas vezes são irreversíveis.

Tal não é sequer o caso do Museu Frei Galvão, considerado de pequeno porte, que não conta com um restaurador em seu quadro de funcionários, o que torna necessário a contratação desse serviço. O restaurador deve ser escolhido por sua reputação, é o que aponta Michalski (2004), principalmente por suas credenciais e currículo, os quais devem ser cuidadosamente checados pela administração do museu com muito cuidado.

3.3. Articulação Arquivo e Museu: complementaridade ou duplicidade?

Para se compreender a especificidade da natureza da instituição que analisamos importa sublinhar que se trata, na verdade, de um “centro de memória”, que associa, em simultâneo, um núcleo museológico e um núcleo arquivístico, a par de uma biblioteca de suporte temático. Importa compreender como se articulam, no nosso estudo de caso, estas componentes.

Os estudos de Terry Cook (1998) trazem uma discussão consistente sobre questões da teoria arquivística³¹, quando e porquê instituições locais formam acervos específicos sobre determinados acontecimentos, temas ou personagens. Qual é o sentido que se pretendia dar a eles? O que se deseja valorizar e a que interpretações desses fatos se pretendiam conduzir o seu consulente?

³¹ Para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. Em: Estudos Históricos, 1998, nº21, p. 129-150.

No que diz respeito ao Museu Frei Galvão, a conservação de tais bens se faria por motivações ancoradas nos propósitos de salvaguarda da memória, da história, e por argumentos fundados na expectativa do “desenvolvimento local ou nacional, em função de práticas mercantis do saber e do lazer” (POULOT, 2009:200), inseridas na valoração do local.

A identificação do patrimônio documental guardado por instituições locais e que está presente também nos acervos pessoais, cria a perspectiva de quem viveu uma história costurada junto à construção da modernidade do país. Segundo Artières:

“Arquivamos nossas vidas para responder a uma injunção social (...) mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira, (...) fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” (ARTIÈRES, 1998: 10-11).

Os arquivos podem ser utilizados no domínio da pesquisa social para compreender uma trajetória biográfica, redes de relações e de sociabilidade entre grupos, formas de representação social, processos de produção intelectual e de formação de ideias, níveis de articulação política e ideológica e tantas outras temáticas que nos preocupam no tempo presente. Como afirma Poulot, *“a história do patrimônio é a história da construção do sentido de identidade e mais particularmente, dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais”* (POULOT, 1997:36).

Segundo Le Goff (1996), durante o século XIX o termo “monumento” era usado também para designar coleções de documentos. Foucault, em trecho citado pelo historiador, faz a seguinte observação sobre a relação entre monumento e documento:

“A história na sua forma tradicional dedicava-se a ‘memorizar’ os monumentos do passado, a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e o que, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, construir um conjunto” (FOUCAULT:13-14, apud LE GOFF, 1996:546).

A missão da História é não somente basear-se em documentos, em arquivos de memória, mas através das suas narrativas deve buscar construir conjuntos com significado

histórico e social. Esta deveria ser também a função dos museus. Para assim compreendermos a pertinência do projeto, iremos discutir a efetiva relação dessa suposta articulação entre o Museu Frei Galvão e o Arquivo Memória de Guaratinguetá, que nos os remete a outros domínios.

Para a escrita de uma história que fosse capaz de reconstituir elementos de identidade nacional e regional, o pressuposto é de que os objetos expostos no Museu Frei Galvão constituem essências que falavam por si mesmas. Ainda que se leve em conta os limites técnicos e funcionais enfrentados pelos administradores do Museu, notamos que permanecem artificiais os vínculos que ligam o espaço museológico e o arquivo histórico.

Segundo (CERTAU, 1982:79), se por um lado, [...] *em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira [...], essa própria sistemática de organização, por outro, tem uma relevância para a história.* Tal processo heurístico, que precede o exercício metódico de transformar objetos, resíduos e papéis em um ambiente cultural, tem uma dimensão temporal relevante para a passagem da memória através de gerações e para a própria compreensão de mecanismos da operação histórica.

É a partir desse pressuposto histórico que nos questionamos em relação ao Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá: o que pode ser articulado ao visitante que frequenta o espaço?

O Museu e o Arquivo se articulam na tentativa de divulgar a história de Guaratinguetá, através de pesquisas, exposições e palestras. O ponto principal parece ser a produção de monografias, de cujos assuntos mais procurados destacamos o folclore e as festas populares. O objetivo do Arquivo Memória é “guardar” os documentos para não se perderem ou se deteriorarem, através das pesquisas, publicações que o Museu distribui e exposições temporárias que realiza durante o ano.

A documentação de suporte é composta por um arquivo histórico que funciona em conjunto com o Museu, e pelas produções e publicações integradas na série “Conheça e Valorize Sua Terra e Sua Gente”. As monografias mais procuradas são sobre o turismo, prédios arquitetônicos, história da cidade e personalidades ilustres. Existem dissertações e teses escritas que servem como modelos de projetos de pesquisa sobre a região do Vale do Paraíba, a partir do conhecimento e utilização das fontes disponíveis no Arquivo do Museu

Frei Galvão, importantes para a construção de uma história ampla, sob análise diferenciada da sociedade e economia regional.

Quando analisamos o acervo do Arquivo e Museu podemos encontrar elementos que traçam um pouco da identidade local, por meio dos documentos relativos à vida e obra de Frei Galvão, mas também sobre o período da escravidão, que durante o grande ápice do café, movimentou a economia da cidade e região. De entre as fotografias presentes no Arquivo, algumas delas descrevem o cotidiano da elite Guaratinguetaense, em particular dos barões do café, personagens de grande prestígio na sociedade da época. As peças do Museu relatam a diversidade cultural brasileira, como o floclore, expressão da cultura popular. São objetos que podem ser vistos nas vitrines da exposição permanente do Museu. Os artesanatos revelam um pouco também da cultura indígena com artefatos que nos remetem à arqueologia de Guaratinguetá.

Os elementos-chave que marcaram a história e a sociedade de Guaratinguetá estão presentes nos objetos/peças, documentos e pinturas no Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, elementos de uma sociedade dividida em classes, que com o desenvolvimento do comércio ao longo dos anos distanciou e separou ainda mais as classes sociais: a elite, a burguesia e os trabalhadores.

A percepção desses elementos-chave, que compõem a identidade da cidade de Guaratinguetá, só foi possível após análise feita para este estudo, pois o Museu Frei Galvão era tido então como lugar para mera reunião de objetos descontextualizados, aparentemente portadores de essências singulares. O facto é que se reproduz visões que empobrecem o entendimento da dinâmica histórica, onde a maneira em que as peças/objetos estão dispostos, principalmente nas vitrines da exposição permanente, não esclarecem o propósito de resgatar a memória local.

Segundo Mário Chagas (2012), o que está em discussão nos museus não é o papel dos objetos em exposição, mas a possibilidade desses objetos despertarem ideias e sentimentos nos visitantes. A preservação do patrimônio não dispensa então o seu uso social, pois museus, arquivos e bibliotecas existem, guardam coisas, para serem usados por pessoas.

Segundo Grossmann (1991), os museus, como quase todas as instituições que nos cercam, estão vivendo em um momento de crise, pois se vêm debatendo entre sentidos opostos, desde que suas portas foram abertas ao público até os dias atuais, na tentativa de

sobreviver. É essa tentativa de sobreviver, seja como um espaço aberto ou como instituição pública, que o autor considera como a razão de sua existência dinâmica.

Neste sentido histórico, nesta tentativa de sobrevivência, Grossmann (1991) classifica o conceito de “anti-museu” como uma tentativa de ler e classificar um fenômeno ao longo da modernidade. No entanto, para melhor compreendermos a importância do museu para a sociedade, podemos pensar no que acarretaria a não existência desta instituição em nosso meio:

“A não-existência de museus nas localidades implica o acúmulo de objetos com significados coletivos guardados (escondidos) em espaços privados (residências), o que não contribui nem para a construção nem para a consolidação da identidade local, processo este que ocorre contínua e indefinidamente. Os museus resgatam e reforçam o papel simbólico dos bens culturais, de modo a construir um patrimônio que reafirmará e reforçará a continuidade histórica, que dá significado ao presente e que embasará, em uma perspectiva sustentável, a construção do futuro” (DIAS, 2006: 220).

Questionamos se o Museu Frei Galvão faz parte deste paradigma citado acima por Dias (2006) e para melhor classificá-lo, buscamos nas palavras de Montaner (2003:110) o conceito de antimuseu: *“museu que quer deixar de sê-lo, dissolvendo-se na realidade, negando qualquer solução convencional e representativa”*. O antimuseu não exige a utilização do espaço dos museus, mas sim a existência de exposições espalhadas pela cidade, como em estações do metrô e obras em construção, por exemplo.

Segundo o autor (Montaner, 2003), os antimuseus estão à margem da cultura oficial, pois representam a memória esquecida dos grupos sociais menos favorecidos e *“com escassa publicidade, não são facilmente acessíveis e consumíveis: requerem sempre a eleição, vontade e esforço daqueles que os visitam”* (MONTANER, 2003:128).

É neste contexto, entre a teoria e a prática, que buscamos entender o papel do Museu Frei Galvão na sociedade moderna, assim como a sua tentativa de sobreviver ao longo dos anos. Ainda que com todas as dificuldades e a falta de recursos financeiros, indagamos o que poderia ser modificado em sua estrutura de planejamento para que melhor pudesse ser aproveitado e assim, divulgado o seu acervo. Este é o ponto que iremos discutir no próximo item, a importância do Plano Diretor no planejamento de um museu em tempo de crise, seja essa crise financeira ou criativa.

3.4. Estrutura e funcionamento

Definir o que é um museu é uma tarefa bastante complexa. Segundo o Internacional Council of Museums (ICOM)³², respeitado órgão internacional, em sua 20ª Assembléia Geral, na cidade de Barcelona, o museu é uma:

“instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”³³.

O Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN (Ministério da Cultura do Brasil), em outubro de 2005 definiu da seguinte forma:

“O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I - o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;

II - a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;

III - a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV - a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V - a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI - a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais”.

Diante da complexidade que envolve as atividades museais, conforme citou Lewis (2004), um museu deve se dividir em vários setores, geridos por profissionais qualificados para desenvolver as suas funções, neste caso, o diretor do museu deve ser um administrador

³² O ICOM é uma organização não-governamental internacional criado em 1946 e dedica-se em elaborar políticas internacionais para museus. Além de manter relações formais com a UNESCO, faz parte do Conselho Econômico e Social da ONU. Fonte: <<http://icom.museum/who-we-are/the-organisation/icom-in-brief.html>> [Consultado em 26/09/2012].

³³ Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Em: <<http://www.museus.gov.br/museu/>> [Consultado em 26/09/2012].

competente e é fundamental que possa contar com uma equipe de profissionais especializados em diversas tarefas particulares, a fim de assessorá-lo.

Dessa forma, segundo Gary (2004), o diretor responde por todo o trabalho da instituição e por isso também deve ser o maior captador de recursos com os patrocinadores ao estabelecer intercâmbios culturais entre diferentes instituições. O diretor é também o responsável pela elaboração do Plano Diretor do museu, responsável por definir e detalhar o objetivo da instituição e possivelmente terá um corpo de funcionários administrativos próximo a ele para distribuir tarefas de gestão.

Diante da questão de como é realizado o trabalho de gestão do espaço, a diretora confirma que ela é a grande responsável pela existência do acervo:

“Sim, porque não tinha quem fizesse. Principalmente do Frei Galvão. E o Museu também, porque o que vem de TV Globo que está aqui a toda hora perguntando, pesquisadores, agora calcula se eu não tivesse feito esse trabalho? Então, é uma coisa que eu acho maravilhosa conseguir juntar esse acervo³⁴”.

O Museu Frei Galvão e Arquivo Memória Guaratinguetá não possui website próprio (ainda não foi possível criar um), pelo que os interessados devem ir pessoalmente até a Instituição para maiores informações e pesquisas. Atualmente o Museu conta com um pequeno número de funcionários os quais são:

Thereza Regina de Camargo Maia - Diretora

Alice Aparecida Bittencourt dos Santos – Bibliotecária

Ana Maria Maia Braga – Secretária

Sonny Bartelega – Atendente (funcionária da Prefeitura Municipal de Guaratinguetá)

Eliana Perrenoud – Responsável pela parte de informatização

Jorge Rodinei de Queiroz – Zelador

Segundo Costa (2006), a entrada do museu é espaço de grande importância na sua estruturação, devendo ser acolhedora e convidativa, permitindo acesso à parte destinada ao

³⁴ Transcrição da entrevista de Thereza Maia, fundadora e diretora do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 07/11/2011.

público, e deve abrigar uma recepção, com atendimento e controle dos visitantes. À portaria caberá a responsabilidade de acolher, fiscalizar e controlar as visitas em um livro onde deverão constar os seguintes dados: data, nome do visitante, cidade, ou quaisquer outros que sejam importantes para o controle do museu (faixa etária, profissão, grau de escolaridade, endereço, email, etc.). A entrada deverá ter um local para a guarda de valores dos visitantes: sacolas, malas, guarda-chuvas. Na entrada é o local onde deve acontecer a distribuição de folders explicativos, podendo ainda, no intuito de controlar o número de visitas e até mesmo para aumentar a segurança, a instalação de catracas (vide, para confronto, as fotografias 12a, 12b, 12c e 12d: a portaria e o rol de entrada do Museu Frei Galvão, em Anexos).

Conforme Costa (2006) salas de exposições são aquelas destinadas à apresentação do acervo do museu e devem ter de preferência paredes. Pelas fotografias 13a, 13b e 13c, verifica-se a situação em que se encontram as paredes do Museu Frei Galvão. Contínuas e com poucos vãos (portas e janelas) elas são ocupadas incessantemente para um melhor aproveitamento do restrito espaço e distribuição das peças. O que também deve ser levado em consideração é o tipo de circulação a ser adotado, que irá depender da arquitetura do edifício. Limpeza, boa iluminação, ventilação e condições de segurança contra roubo e incêndio são exigências básicas que devem ser tratadas com seriedade. Pelas condições de iluminação no Museu, a que já nos referimos, a autora aconselha o uso de cortinas ou persianas que permitam a regulagem da luminosidade para evitar a incidência direta de luz solar sobre as obras expostas.

Pelas condições físicas em que está instalado o Museu, pelo fato de fazer uso de instalações que não foram concebidas para os fins a que se destinam, assim como pelas limitações de meios técnicos, financeiros e logísticos, o Museu Frei Galvão não cumpre, na verdade, porque não poderia cumprir, estes requisitos que a literatura aponta como desejáveis, fato este que podemos constatar após observarmos as fotografias de número 11 a 14.

Em termos de segurança, alguns acervos, de alto valor monetário acabam por incitar atos de furto, roubo ou depredação. Grinspum (2008) recomenda que o museu elabore um completo programa de segurança que envolva todos os funcionários, mas que seja sigiloso para o público. E deve incluir a proteção de itens nos depósitos contra roubos, furtos, vandalismos e acidentes. Dessa maneira, museus bem amparados financeiramente podem instalar sistema de segurança que incluem circuito interno de TV, detectores de metais nas entradas e saídas, detectores de incêndio e alagamento, alarmes, além de um corpo de

segurança especializado, e que esteja no local 24 horas por dia. Em confronto com este desiderato, e como citou a bibliotecária do Museu, no caso do Museu Frei Galvão:

“A vigilância do Museu é feita pelos funcionários, não possui câmeras de segurança, nem profissional habilitado, apenas um zelador. Já ocorreu roubo de fotografias e uma imagem de Nossa Senhora de Santana no Memorial de Frei Galvão³⁵”.

Nos problemas de segurança relativos ao público em geral, Ogden (2001) observou que um dos que mais se destaca é o vandalismo involuntário. Muitas vezes, por falta de informação ou por curiosidade, as pessoas tocam nas peças expostas e algumas delas, extremamente frágeis, não suportam toque ou manuseio. Já outras, mesmo sendo resistentes, são passíveis a sujidades, suor e gordura das mãos que as tocam, o que agrava as condições de conservação do material, ou podem ser vítimas de acidente: um simples escorregão basta para que a peça se danifique de modo irremediável e a pessoa envolvida ainda pode se ferir gravemente.

O Museu, conforme Costa (2006) sendo entidade responsável pela guarda, preservação e divulgação da memória de uma comunidade, precisa compreender a questão da segurança de seu acervo. A perda ou destruição de qualquer componente do acervo significará prejuízo para toda a comunidade. Assim, a palavra segurança nos museus implica proteção contra incêndio, proteção contra roubos e depredações, proteção contra danos causados por condições de guarda e exposição inadequadas, proteção relativa a incidências climáticas: inundações, ventos fortes, raios, desmoronamentos.

3.5. Plano Diretor do Museu

O plano diretor do Museu Frei Galvão, segundo a diretora Thereza Maia, está integrado às propostas do Museu em “recolher, catalogar, preservar e divulgar” o acervo e documentos relativos ao município, mas não possui um roteiro ou plano específico. É neste sentido que levantamos alguns questionamentos em torno do tema, a partir do que disseram alguns especialistas da área.

³⁵ Transcrição da entrevista de Alice Aparecida Bittencourt dos Santos, bibliotecária do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 23/01/2012.

Segundo Stuart (2011), o chamado Plano Diretor não pode guiar os museus ao longo dos tempos difíceis que muitos deles enfrentam nos dias atuais, e vir a resultar em melhores serviços e maior eficiência. Muitos órgãos financiadores exigem provas de que um museu possua um planejamento e a Museums & Galleries Commission recomenda o plano diretor como uma das características essenciais para um museu bem administrado.

Podemos indicar algumas questões que Garry (2004) adianta para definir o plano diretor de um museu: Que tipo de museu se pretende constituir? É um museu histórico, artístico, etnológico? Há condições para conservar e exibir adequadamente a coleção? Qual o propósito da coleção? Que público se deseja atingir e como se poderá fazer isso? Como o museu vai se inserir na vida de sua comunidade? Que laços se estabelecerão com outras instituições similares, pesquisadores, patrocinadores e parceiros? Como serão captados e geridos os recursos financeiros?

Segundo Costa (2006), o processo de elaboração de um plano diretor é de importância para qualquer documento que se possa produzir, pois viabiliza a tomada de decisões, sendo uma prova dos processos pelos quais determinada pessoa passou, e pelos quais continuará a passar. Não existe um modelo de plano diretor, mas devem-se considerar os pontos contidos no diagrama que de seguida se apresenta:

ESTRATÉGIA	Focalizar as ESTRATÉGIAS realmente importantes para o sucesso do museu a longo prazo: é importante que a “missão” e as estratégias para atingi-la sejam claramente elaboradas.
INTEGRAÇÃO	Todas as atividades essenciais do museu devem ser INTEGRADAS num único plano diretor.
SÍNTESE	O documento deve ser concentrado nas questões ESSENCIAIS, pois: a) um documento sintético é mais facilmente usado no cotidiano b) comunica de forma sucinta as intenções e aspirações aos parceiros (internos e externos) c) um plano mais sucinto tem mais probabilidades de ser lido.
CLAREZA	Deve definir CLARAMENTE os objetivos para o ano em curso e como eles serão alcançados: a) Como será alcançado, ou seja, qual a estratégia? b) Quais os recursos disponíveis para sua realização? c) Quem (pessoas/setor) é responsável por sua concretização? d) Qual o prazo para sua concretização? e) Que indicadores/medidas serão usados para monitorar o progresso do objetivo estipulado?
REALISMO	O número de metas e objetivos deve ser limitado àquilo que possa ser REALIZÁVEL, tendo a clareza de não ser excessivamente ambicioso, mas também não limitar-se por causa de pequenas dificuldades.
COERÊNCIA	Os objetivos devem estar COERENTEMENTE relacionados à missão ou finalidade do museu.
PRAZO	Na maior parte dos casos, um plano diretor abrange um período entre 2 a 5 anos. A duração mais apropriada irá variar de uma instituição para outra. Instituições mantidas com recursos públicos normalmente têm base anual de recursos, sendo assim é complexo estabelecer um PRAZO muito longo; aconselha-se o uso de uma margem de 2 a 3 anos. É essencial que o plano diretor seja revisado anualmente.

Figura 3 – Roteiro para o plano diretor (COSTA, 2006:18).

O cumprimento destas tarefas exige planejamento, é o que concluiu Ladkin (2004), pois é preciso envolver profissionais especializados. É importante intencionar a atuação do museu no futuro, para evitar mudanças frequentes que prejudicariam o seu bom funcionamento, o que não quer dizer que fazer adaptações ao longo da história do museu seja desnecessário, mas seguir uma linha estável é um componente importante na sua afirmação como instituição de respeito.

Os assuntos relacionados ao uso de verbas, especialmente a falta delas, é um desafio para diretores de museu. O que aparece pertinente em Garry (2004) é a aquisição de novos itens, o gerenciamento de recursos humanos, intercâmbios culturais e a harmonização das necessidades do museu com a legislação vigente. Todavia, cada diretor deveria se adequar às

demandas e usos locais e considerar também as práticas internacionais. Estes casos são previstos no Plano Diretor segundo as orientações do ICOM em seu Código de Ética para Museus³⁶.

Para contribuirmos para uma reflexão sobre o plano diretor do Museu Frei Galvão (agora inexistente enquanto tal) e sua articulação com o Arquivo Memória de Guaratinguetá, apresenta-se, como exemplo, as considerações expendidas no trabalho de Yassuda (2009), que realizou recortes de alguns trechos do Plano Diretor do Museu Paulista da USP (1990-1995). Esse ensaio faz referência à documentação e à pesquisa científica no Museu, pelo que pode servir-nos de base na tentativa de (re) pensar o plano proposto pelo Museu Frei Galvão.

Quadro 6 – Plano Diretor do Museu Paulista (1990-1995)

2. META GERAL: MUSEU HISTÓRICO UNIVERSITÁRIO

2.1 Museu

Fonte: YASSUDA, 2009:92).

Trata-se, pois, de museu, não de outro qualquer organismo científico, cultural ou educacional. Por isso, o que deve caracterizá-lo é a referência obrigatória e permanente a um acervo de coisas materiais, no desenvolvimento das responsabilidades da curadoria, que compreende a execução ou orientação, de todo um ciclo de atividades: a formação e ampliação permanente das coleções, sua conservação física, seu estudo e documentação, assim como a socialização, seja do acervo assim disponível, seja do conhecimento que ele permite gerar e completar. São, assim, solidárias, as tarefas científicas, culturais e educacionais. Importa, por isso, evitar duas situações polares, igualmente redutoras e inconvenientes (museu como exclusivo arquivo documental ou instituto de pesquisa e formação superior; museu como exclusivo veículo pedagógico repassador de informação e produtor de eventos).

Análise do Quadro 6 – Plano Diretor do Museu Paulista (1990-1995) segundo YASSUDA (2009:92):

Podemos inferir que compete à curadoria, entre outras tarefas, a execução e orientação da documentação do acervo e também a socialização do conhecimento que o acervo permite gerar e

³⁶ ICOM. *Código de Ética para Museus*. 21ª Assembléia Geral do ICOM. Seul, 2004.

completar. Neste sentido, entendemos que a produção e a disseminação da informação, seja no âmbito da documentação ou da exposição, são de inteira responsabilidade do museu enquanto instituição social. Em seguida, diz-se que as tarefas científicas, culturais e educacionais são solidárias, ou seja, devem se relacionar e completar, formando um conjunto. Como coloca Ferrez (apud YASSUDA, 2009), a documentação de museus transforma as coleções de fontes de informação em fontes de pesquisa ou instrumentos de transmissão do conhecimento.

A análise efetuada por Yassuda (2009) ao caso do Museu Paulista mostra que existe interesse e total conhecimento em relação aos objetivos inerentes de um sistema de documentação museológica enquanto produtor e disseminador de informação no contexto científico.

O estudo da autora (Yassuda, 2009) é relevante para levantarmos alguns questionamentos em torno da gestão do Museu Frei Galvão, nomeadamente ao fato do museu não dever ser visto exclusivamente como um arquivo documental ou como um instituto de pesquisa, mas na verdade como um elemento capaz de complementar ambos com uma projeção dinâmica para a comunidade. De igual modo, o museu não deve ser visto como exclusivo veículo pedagógico transmissor de informação e de eventos, mas como entidade capaz de mobilizar o seu acervo em ações de verdadeira mediação patrimonial. No caso do Museu Frei Galvão, espera-se que possa vir a ser capaz de integrar coleções de fontes de informação e fontes de pesquisa num verdadeiro sistema de documentação museológica.

4. Educação Patrimonial no contexto do Museu Frei Galvão

4.1. O público alvo do Museu Frei Galvão

Se o público alvo do Museu são os munícipes, pessoas de outras cidades, estudantes, pesquisadores e escritores, ao prosseguir com a reflexão em torno do tema, Hopper-Greenhill (2007) ressalta: por que que nós precisamos saber quem visita os museus?

Primeiramente o museu é um serviço público, pelo que é importante estar ciente dos parceiros que utilizam os museus e galerias. Hopper-Greenhill (2007) diz ser importante para os profissionais de museus ter um amplo entendimento das funções sociais dos museus e galerias: em que proporção e em que seções do museu há visita de determinadas populações? Isso varia em relação aos diferentes tipos de museu?

“Que imagem e quais as expectativas as pessoas vêem e têm dos museus quando visitam? Por que algumas pessoas acham que alguns museus não são para elas? Questões a serem feitas: Atraem mais ou menos um determinado público de elite? Mais ou menos grupos escolares? Os visitantes sentem mais ou menos prazer em suas visitas a esta determinada instituição ou a outras?” (HOPPER-GREENHILL, 2007:48, tradução nossa).

Algumas das perguntas permaneceram em silêncio quando tentamos encontrar respostas no Museu Frei Galvão. As fotografias do Museu e Arquivo mostram como as informações são confusas pela maneira como o acervo está exposto ao público e como é difícil descortinar uma estratégia narrativa dirigida a determinados públicos.

Roland Barthes (*apud* HOOPER-GREENHILL, 1994), no capítulo “The Great Family of Man” do livro “Mythologies” (1973:100-102), analisou uma exposição fotográfica em Paris (nos anos 70) através da maneira em que cada objeto (as fotografias) foi distribuído. Baseado na escolha e na maneira como foram divididas as seções e os subtítulos, na forma estilística em que o texto foi escrito nas exposições, o autor relata como os mitos podem ser construídos por meio de exposições.

A exposição em questão procurou estabelecer uma mítica comunidade social. As fotografias, conforme aponta Barthes, estavam acompanhadas por textos introdutórios, juntos os objetos e textos estabeleceram um discurso, no qual foi celebrada uma condição humana

atemporal histórica harmoniosa (segundo o catálogo de ‘a Terra é a mãe que nunca morre’). Sobre o significado das fotografias, Barthes nos diz que elas são constituídas por meio de uma ideologia, significando os objetos como um todo, e exibindo a construção de um mito da harmonia humana, em oposição à realidade social de conflitos e competições. O mito serve para manter o ‘status quo’ e preservar as definições de mundo, feita pela existência dos poderes dos grupos (HOOPER-GREENHILL, 1994:17-18, tradução nossa).

Do mesmo modo, Duncan e Wallach (*apud* HOOPER-GREENHILL, 1994) afirmam que a primeira função do museu é ideológica, sua tarefa é impressionar os visitantes, interferir nos valores e crenças de uma sociedade de visitantes. Eles analisaram a programação do Louvre constatando que o visitante desavisado incorpora-se ao Museu pela agenda experimental, ou seja, por meio de um panfleto escrito em vários idiomas que direciona o visitante às Salas Expositivas.

No Capítulo “The value of museums to teachers” Hopper-Greenhill (2007), vem questionar: por que professores se dão ao trabalho de ter suas aulas em museus? Como eles se sentem sobre o que os museus podem oferecer e o que afeta as atitudes para com os museus? A autora explica a importância de perceber que, para estas visitas escolares, os museus devem oferecer workshops e sessões ativas de aprendizagem para que os jovens estejam envolvidos na manipulação de objetos, resolução de problemas, desenhos, dramatização e teatro, e não condizidas num itinerário passivo de observação não participante.

Estes modelos teóricos são compreensivelmente diferente da realidade traçada pela diretora do Museu Frei Galvão:

“O maior público é em agosto, são as escolas para ver as exposições de folclore, esse é o maior público. Fora isso são pesquisas como a sua, teve brasileiro que veio dos Estados Unidos, escreveu sobre o Dilermando Reis e mandou a tese em inglês aqui para nós”³⁷.

O Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá recebe mais de cinco mil visitas mensais em média: este dado é o que informa o livro de visitas que fica na entrada do Museu. Incluem-se nessa contagem também os devotos de Frei Galvão que buscam informações sobre sua vida e obra. Há meses em que o número de visitantes aumenta. Em relação as pesquisas no Arquivo, o mês de agosto é o mais movimentado, pois é o mês do

³⁷ Transcrição da entrevista de Thereza Maia, fundadora e diretora do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 07/11/2011.

folclore brasileiro, mês da cultura popular. A menor faixa etária neste período específico são crianças de cinco a sete anos de idade.

Os centros de educação não formal, como são os Museus, são importantes para o processo de aprendizagem. Notamos, porém, que mesmo esses centros de imenso potencial educacional muitas vezes caminham de encontro à realidade tradicional das escolas, reproduzindo a ineficiente forma de interpretar o processo de ensino-aprendizagem, e não constituem uma alternativa a este paradigma. Fato esse possível de se notar no Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, tendo em conta a organização já descrita.

4.2. A exibição do acervo

A exibição de um acervo é um processo complexo segundo Herreman (2004), pois envolve direta ou indiretamente todos os funcionários da instituição, porque é praticamente a única parte das atividades do museu que o público pode conhecer, portanto é o cartão de visita do museu. O contato direto com as peças e com a sua lógica narrativa é o momento em que se efetiva a educação do público, a qual se constitui nos objetivos da exposição e do próprio museu.

Quando levantamos a questão da exibição do acervo e o que os visitantes buscam no Museu Frei Galvão, a bibliotecária relata:

“Alguns pedem para consultar os documentos, outros pedem explicação sobre o que está exposto e outros só observam, os assuntos mais pesquisados no museu referem-se a Frei Galvão, a história da cidade, personalidades e sobre o patrimônio histórico, principalmente sobre o prédio da Estação Ferroviária. Buscam conhecimento e também para pesquisas escolares, trabalhos de conclusão de curso, historiadores, escritores. Os devotos mesmo procuram mais pela Casa de Frei Galvão³⁸”.

De acordo com Wollard (2004), uma mostra, para ser bem sucedida no aspecto cultural, não pode ser improvisada, mas um trabalho coletivo de grande escala que implica pesquisa e produção de material, como publicações, assim como um planejamento logístico, incluindo um roteiro de marketing e divulgação da mídia. Todo esse processo deve acontecer

³⁸ Transcrição da entrevista de Alice Aparecida Bittencourt dos Santos, bibliotecária do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 23/01/2012.

antes da data da inauguração e assim continuar por algum tempo, para que seja feita uma avaliação dos resultados. O que se requer do museu, é também um bom conhecimento do perfil do seu público e para isso, o autor indica as pesquisas de opinião, que exigem uma proposta pedagógica bem fundamentada e consistente. No Museu Frei Galvão não são realizadas pesquisas de opinião aos visitantes que por ali passam diariamente, o que compromete a qualidade e eficácia do trabalho de educação patrimonial.



Figura 4 – Exemplo de como se realizar uma pesquisa voltada para exposições (COSTA, 2006:61).

Pelo que foi possível perceber, o Museu não possui um controle efetivo de seus visitantes, mesmo porque a sua entrada é gratuita, o que dificulta este processo. A partir destas questões é importante para o Museu conhecer e tipificar os variados tipos de público que o frequenta, as características deste público, a quantidade e também o grau de satisfação do mesmo após a visita, pois, a partir destas informações é possível estar sempre repensando e remodelando o seu formato, a disposição do acervo, a maneira com que esse acervo é apresentado e trabalhado.

Quando questionada sobre o perfil do público que frequenta o Museu e se a presença dos professores de História na Instituição era uma constante, a bibliotecária do Museu ressalta:

“Há participação das escolas desde a pré-escola, principalmente quando o Museu promove as exposições temporárias com temas variados (de acordo com o mês e motivo, por exemplo: época do folclore, carnaval, semana santa etc). A participação dos professores de História poderia ser maior”³⁹.

As visitas guiadas, quando solicitadas, são feitas pela funcionária do Museu que estiver disponível no momento, incluindo a própria diretora, Thereza Maia, e tem a finalidade de tentar transmitir um pouco da história de Guaratinguetá por meio dos objetos expostos, contar a história de Frei Galvão, sobre a imagem de Nossa Senhora encontrada no Rio Paraíba, discorrer sobre fotos antigas de pessoas da comunidade, livros, objetos pessoais e o que mais despertar o interesse do visitante. Porém, o Museu não possui uma web site para consulta e também não possui um serviço gráfico especializado para a impressão de informativos sobre as exposições, tanto as temporárias quanto a permanente. Nem existem roteiros específicos ou estratégias de visitas diferenciadas e programadas para diversos perfis de utilizadores. Nesse momento, o que falta são recursos financeiros para atender a demanda de atividades pedagógicas que exigem tais procedimentos básicos.

De um riquíssimo acervo, podemos julgar que o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá poderia ser mais bem utilizado e apresentado aos seus visitantes em diferentes abordagens metodológicas, com mais clareza em seus objetos e também nas suas visitas individuais e guiadas. Assim sendo, por meio da proposta da criação de atividades mais dinâmicas, e de aparelhos capazes de proporcionar um maior contato entre o público e o acervo, o Museu seria capaz de assegurar, em simultâneo, mais suporte também ao professor e ao seu grupo, e de mudar o tipo de relação existente entre o público espontâneo e a história da cidade através de uma relação mediada pelos objetos do acervo.

³⁹ Transcrição da entrevista de Alice Aparecida Bittencourt dos Santos, bibliotecária do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em 23/01/2012.

4.3. Exposições e ações educativas

Segundo Casco (2005), a elaboração de projetos educativos deve ser voltada para a disseminação de valores culturais, preservação e salvaguarda de património, assim como para a transmissão desse património a gerações futuras. Para tal tarefa, é necessária a tomada de algumas mediações e proceder a algumas articulações. Sem a iniciativa do Estado em desenvolver mecanismos de auxílio para tais ações educativas voltadas para a preservação, a iniciativa de indivíduos e instituições torna-se imprescindível ao processo:

“a dimensão coletiva, conquistada e reafirmada, que permite ao individuo resignificar termos como cidadania, participação, responsabilidade e pertencimento. A educação pode ser um dos meios através dos quais se desvende o rosto digno da diversidade brasileira (CASCO, 2005:4-5)”.

Tal ocorre a todos os níveis, incluído o da montagem de exposições. As estratégias para montagem de uma exposição de sucesso depende de seu planejamento. Segundo Costa (2006), torna-se imprescindível:

*“• Definir a temática ou estipular uma linha a seguir de modo a dar coerência à exposição.
 • Definir o número de peças do acervo a serem expostas.
 • Listar e providenciar com antecedência o material a ser utilizado na montagem (fio de nylon, tesoura, estilete e o que mais for necessário, tomando cuidado com fitas adesivas que não devem entrar em contato com as peças).
 • Fazer o projeto museográfico (a planta baixa) da exposição de modo a visualizar o espaço a ser ocupado e o espaço para circulação do visitante.
 • Levar os objetos ao local de exposição somente depois que este estiver diagramado e higienizado.
 • Trabalhar somente em lugares apropriados, usando luvas.
 • Não é permitido comer ou fumar no local de exposição em qualquer circunstância, mesmo durante a montagem” (COSTA, 2006:62).*

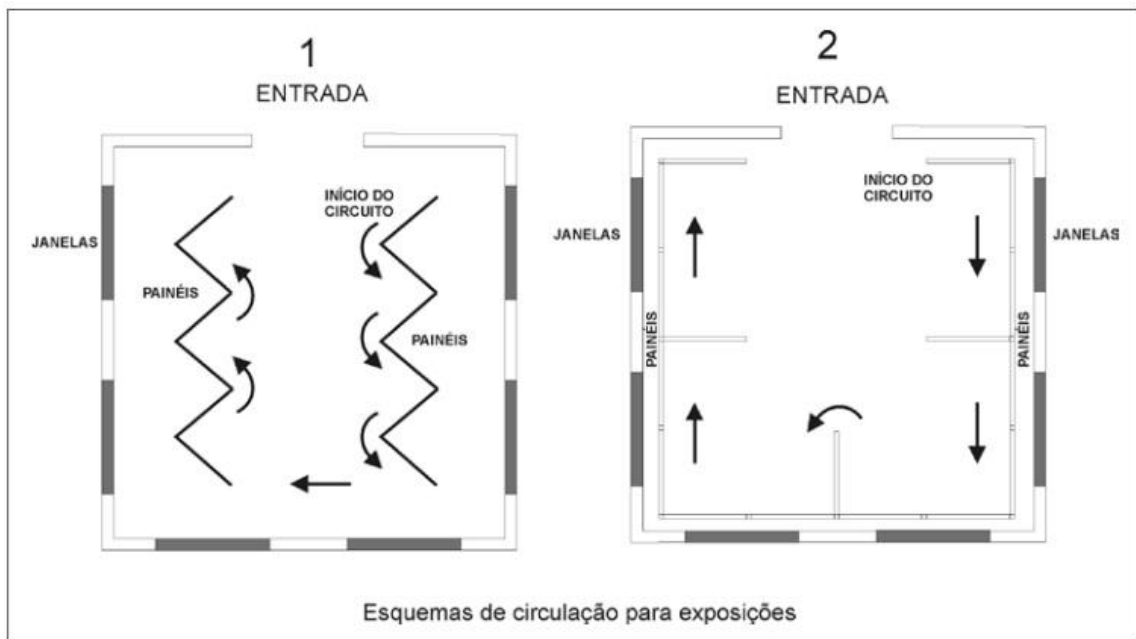


Figura 5 – Estratégia para exposições (COSTA, 2006: 62).

Conforme Costa (2006), objetos de pequeno e médio porte devem ser expostos em vitrinas com etiqueta informativa ao lado de cada peça, utilizando números para identificar as peças. Evitar número excessivo de objetos em cada vitrine é outra das orientações-chave (ver para confronto, as fotografias 14a, 14b, 14c e 14d relativas a etiquetas das peças do Museu Frei Galvão).

As pinturas devem ser alinhadas na posição horizontal, dispostas de modo que seu centro fique aproximadamente na altura do olhar do observador. Dispor a etiqueta à direita do quadro, alinhado à base:

“Ao expor desenhos e gravuras: usar a mesma técnica de identificação sugerida anteriormente, colocando a etiqueta à direita, alinhada à base; caso a obra não esteja em moldura, deve-se protegê-la com vidro ou acrílico e usar grampos próprios para a exposição sem usar fita adesiva, tachinhas ou pregos (COSTA, 2006:63)”.

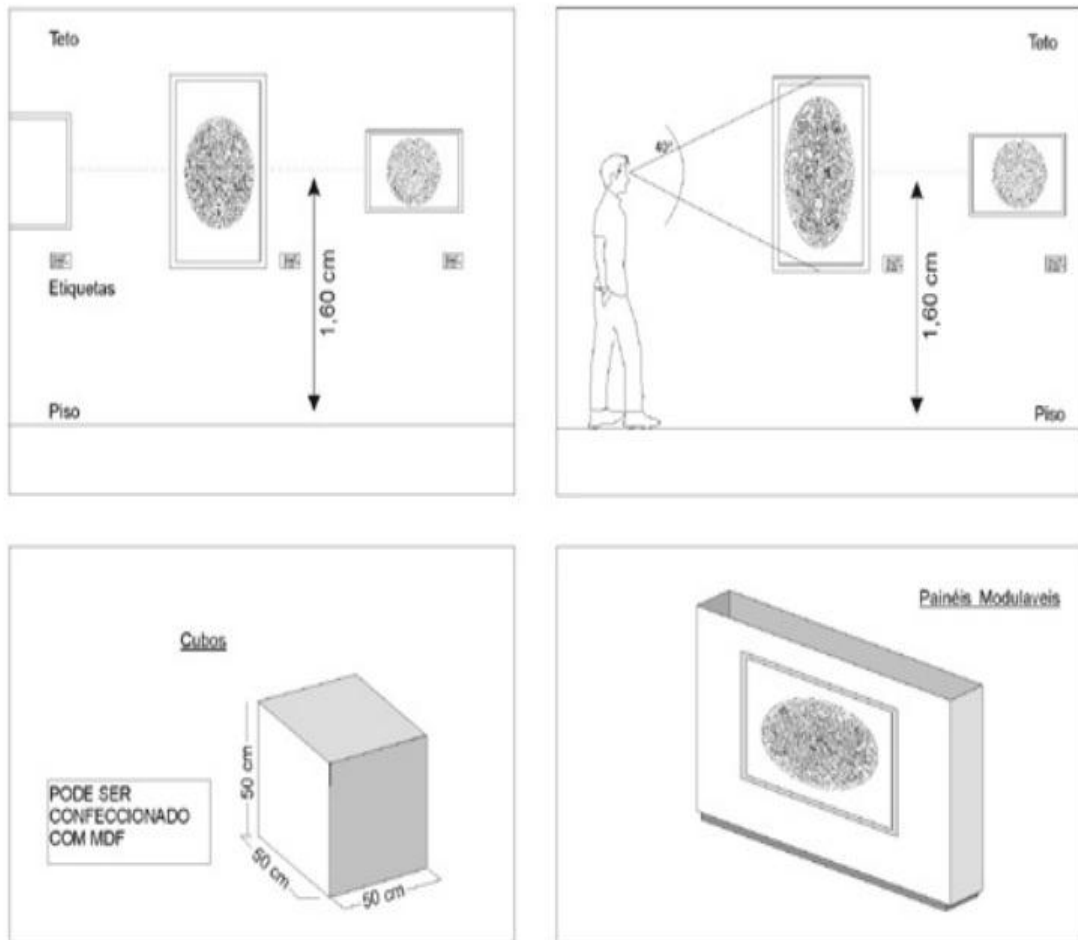


Figura 6 – Exemplo para exposição de imagens (COSTA, 2006: 63).

Segundo *Costa (2006)*, os critérios de montagem de uma exposição fotográfica são diversos, mas, de uma maneira geral, aconselha-se a seguir uma linha temática coerente e manter próximos os trabalhos de cada fotógrafo, sempre que possível, desde que seja mantida uma coerência estilística ou temática:

“• *Fotografias devem ser fixadas sob “passe-partout” ou “borda francesa”, para que não colem no vidro (esse mesmo critério pode ser usado ao expor gravuras e /ou desenhos). Usar cores neutras como areia, branco, preto, bege, cinza.*

• *Jamais usar caneta ou carimbo, tanto na frente como no verso das fotografias.*

• *Usar iluminação indireta para que a luz não incida diretamente sobre a obra, causando reflexo e dificultando a visualização.*

• *Manter a mesma distância entre as fotos, alinhando-as pela base; colocar as etiquetas à direita, logo abaixo da moldura” (COSTA, 2006:65).*



Figura 7 – Exemplo de exposição de fotografias (COSTA, 2006:65).

Conforme relata Costa (2006), o museu é um espaço destinado à comunidade e quando uma exposição é preparada, é necessário ter em mente que existe um determinado público a ser atingido. Partindo deste ponto é que se devem definir as funções de um monitor no museu. O monitor é a pessoa responsável por receber o público, ele é o porta-voz do museu. Para isso, ele deve ser uma pessoa comunicativa e deve ter algumas noções de didática, para transmitir ao público o conteúdo do museu da melhor maneira possível e tornar a visita mais agradável. Se o acervo é rico em informações, o público precisa ser convidado a refletir a respeito. Para tanto, citamos alguns caminhos para proporcionar um melhor trabalho de monitoria:

O primeiro passo é o estudo da clientela, é indispensável que o monitor conheça o que busca a visita guiada, por meio do livro de assinatura do museu e/ou análise por abordagem, junto ao visitante. O cadastro escolar também é um bom guia para o monitor: é nele que o monitor deve se orientar, podendo ser realizado da seguinte forma: definição geográfica das

escolas existentes no município e por região, assim como a confecção de fichas unificadas (as quais devem ser entregues às escolas para preenchimento).

O segundo passo é a realização de um calendário de visitas guiadas. Este calendário deve ser planejado para mais de uma visita por dia, onde será um ponto de referência para facilitar o trabalho do monitor, contendo informações que servirão para estruturar e direcionar a visita guiada: nome da escola, bairro e telefone ou o nome do professor que marcou a visita; data e horário em que será a visita e o número de alunos que irão visitar o museu.

O terceiro passo é estabelecer os horários das visitas com certa flexibilidade para receber diversos públicos, distintos entre si, de escolas de ensino fundamental e médio, universidades, visitação espontânea, grupos de lazer a turismo e outros.

O quarto passo é a pesquisa realizada pelo monitor, que irá lhe fornecer bases para o seu trabalho diário, onde se manter informado por meio da consulta de bibliografia básica sobre cada acervo é imprescindível.

O quinto passo é documentar as atividades desenvolvidas no museu, seja por fotografias ou assinatura no livro de visitas. Esses dados irão constituir uma base de dados para a memória do museu.

O sexto passo é a divulgação do Museu e do serviço de visita guiada, pois sem esta divulgação não será possível a realização do trabalho. Portanto, essa divulgação deve ser constante, seja na imprensa, visitando as escolas, estabelecendo contatos com a comunidade, cartazes, via correio ou email. Um museu vazio é sinal de pouca divulgação.

E por último, o museu deve buscar desenvolver um relacionamento agradável com a Prefeitura local, escolas, bibliotecas, outras instituições do município e cidades vizinhas, a fim de convidá-los a participar das programações feitas pelo museu.

Para tanto, conforme Costa (2006) é preciso elaborar material para a divulgação do museu e de sua programação, seguindo alguns critérios importantes, como utilizar fotos de eventos anteriores, de artistas, obras ou imagens do acervo. O material de divulgação pode ser conatituído por cartazes ou panfletos, que devem ser distribuídos e/ou afixados próximo do museu, seja em lojas, pontos de ônibus, cinema etc. Deve-se, quando possível, utilizar o site do museu e correio eletrônico. Essas são dicas importantes para o Museu Frei Galvão para melhorar o seu sistema de divulgação, e assim angariar mais visitantes.

Bruno (1998:78), para descrever a ação educativa dos museus, subdivide-a em dois processos. No primeiro, a autora define serviço educativo como sendo os “*projetos elaborados pelos museus, a partir de seu perfil e propostas, comprometidos diretamente com o atendimento do público infanto-juvenil escolar, com especial atenção ao professor*”. No entanto, para atender a públicos diferenciados do público escolar, Bruno (1998) utilizou o termo ação cultural, que corresponde aos “*projetos elaborados para atender às expectativas dos diferentes tipos de público (3º idade, minorias sócio-culturais, comunidades) e, em alguns casos, seu desenvolvimento conta com a participação direta dos participantes*”.

Com efeito, segundo Hooper-Greenhill (2007), se os Museus são ativos em moldar conhecimento, como as pessoas aprendem? O museu constrói uma visão, utilizando seus objetos, pinturas, fotografias, textos em um processo interpretativo, que nada mais é que o próprio currículo dos museus. A maneira como ele se mostra, o que o museu ensina, a própria identificação dos objetos e o seu método pedagógico em como usar os objetos para ensinar, corresponde à sua identidade no processo de ensino/ aprendizagem. Estratégias e políticas governamentais também fazem parte do relacionamento entre escolas e comunidade e da construção de relações próximas entre museus nacionais e regionais. Todas estas questões devem ser reflectidas, de forma crítica e construtiva, para o delinear de ações educativas em museus.

Tendo em conta o plano teórico formulado, também se pode fazer uma crítica sobre o método de apresentação da exposição permanente do Museu Frei Galvão. Nela é nitidamente observada a tradicional forma de expor os objetos sem nenhum tipo de atividade interativa entre o observador e o acervo. Dessa forma, o visitante não participa e não se sente pertencente, em nenhum momento, à história que os objetos possuem e as diferentes funções desses objetos⁴⁰. Não identificamos também, no cotidiano do Museu, o cuidado de adequação das exposições a públicos-alvo diferenciado; a sua correspondência a prévios estudos de perfis-tipo de público, ou a monitorização do feed-back de cada uma das exposições exibidas. O Museu não dispõe também, pela falta de meios que lhe é inerente, de um ativo programa de divulgação das suas exposições e ações educativas.

⁴⁰ Fotos 8: Exposição Permanente do Museu Frei Galvão.

4.4. Educação Patrimonial: Um olhar analítico em relação às ações sociais

A pergunta com que finalizamos este capítulo é: afinal, o que é a educação patrimonial? Pretendemos aqui induzir uma reflexão sobre o seu conceito no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem no campo do patrimônio:

“A Educação Patrimonial situa-se nos interstícios disciplinares. Portanto, estamos longe de propor qualquer tipo de definição. Além disso, entendemos que não há como dissociar a prática educativa da ideia de cultura e patrimônio, o que acaba por tornar a expressão “Educação Patrimonial” um pleonasma (CHAGAS, 2006; BEZERRA, 2006), que segundo Chagas (op.cit.), “caiu no gosto popular” – mas em nossa avaliação, de forma acrítica” (SILVEIRA & BEZERRA, 2006: 82)”.

Segundo Bourdieu (*apud* SILVEIRA & BEZERRA, 2006), a ideia de conscientizar o *outro*, divulgada por educadores e técnicos do campo do patrimônio, denuncia uma violência simbólica ante as comunidades, pois se apresenta distante do olhar antropológico que aceita o *outro* como um sujeito capaz de tornar real a sua própria interpretação do mundo no qual está incorporado.

Segundo Chagas (*apud* SCIFONI, 2012) a educação patrimonial está presente no cotidiano dos museus desde o século XIX. No início da década de 1980, a expressão educação patrimonial foi introduzida no Brasil, a partir de experiências na área de museologia que foram trazidas da Inglaterra e aplicadas no Brasil, através das quais se buscava o uso dos museus e dos monumentos históricos para finalidades educacionais.

Conforme afirma Scifoni (2012), após mais de duas décadas, a educação patrimonial ultrapassou as ações centradas nos acervos, para a compreensão da cidade como documento da história e também da cultura, passível de interpretação por meio de estratégias educativas. Uma vez que as ações são focadas na cidade, é possível superar a visão de “*reificação*” dos objetos do passado, pois, ao retirar objetos de seu contexto, o tecido social isola-os do conjunto dos processos sociais. É preciso, então, superar esta visão pontual, onde a educação patrimonial em sua dimensão política não se restringe apenas aos bens tombados, mas diz respeito principalmente àquilo que faz parte da memória social.

O texto de Scifoni (2012) busca abordar questões necessárias em torno da temática da educação patrimonial ao problematizar concepções e práticas em moda hoje pelo Brasil, ao

ressaltar que tais reflexões estão baseadas na crítica em relação à realidade objetiva, como defendia Freire⁴¹.

Para Scifoni (2012) grande parte das publicações sobre educação patrimonial no Brasil encontra-se em uma mesma conceituação ultrapassada, e ainda é possível encontrar, em projetos espalhados pelo Brasil, o uso do mesmo referencial teórico apresentado no Guia Básico de Educação Patrimonial publicado pelo IPHAN na década de 1990 (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999). Este mesmo guia foi importante para a afirmação de uma área nova da tutela patrimonial e contribuiu para sistematizar questões que estavam dispersas, e por isso, conforme relata Scifoni (2012), tornou-se uma referência no Brasil. Porém, as práticas em educação patrimonial rogam que se avance em relação às antigas propostas.

Ao pensarmos a educação patrimonial a partir dos princípios propostos por Freire (2011), alguns princípios são fundamentais na concepção libertadora do educador. Primeiramente, devemos salientar o nosso papel atuante como sujeitos de uma comunidade, ou seja, todo e qualquer projeto deve ser planejado em conjunto com a comunidade, analisando as suas próprias necessidades. Não estamos falando aqui de projetos criados de cima para baixo, sem levar em consideração as necessidades dos interessados, sem levar em conta as pessoas e sem conhecer o local, mas sim de projetos que envolvam o local em questão, e que se concebem e concretizam de baixo para cima, numa construção em que as bases são essenciais.

Segundo a visão de Bezerra & Silveira (2007) esta é a problemática maior da questão, já que, por norma, se desconsidera a visão de mundo dos envolvidos, concebendo os públicos como pessoas que precisam da “luz do conhecimento”.

Outra questão importante a destacar é a desigualdade do patrimônio. De acordo com Canclini (apud SCIFONI, 2012), a desigualdade começa na eleição do patrimônio, uma vez que não há participação por igual em sua construção. Portanto, alguns grupos sociais são excluídos da chamada “memória nacional”, pois há uma hierarquia dos valores culturais, onde foi definido o erudito e o científico como superiores ao popular. É preciso, neste sentido, desmistificar essa ideia do caráter subalterno das classes populares e desmistificar a ideia de que os patrimônios tombados são neutros e a de que o poder público é responsável pela tarefa de reconhecer o seu valor. Essa é uma ideia errônea, segundo Scifoni (2012), de que os

⁴¹ Scifoni (2012) refere-se a: FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Centauro, 2001.

valores estão nas coisas e por isso são apenas reconhecidos pelo Estado. Valores são atribuídos e são relativos ao seu tempo histórico, portanto redefinidos no tempo.

Ao questionar essas questões de patrimônio desigual é onde buscamos na educação patrimonial a perspectiva de libertação. O que não significa desconsiderar o conjunto de bens já constituídos, mas compreender esse legado patrimonial a partir de outras perspectivas críticas, onde é possível considerar o patrimônio dentro do contexto de processos sociais, em um cotidiano contraditório e com limitações. O que se pretende é destacar um patrimônio que possua relação com a riqueza material, cultural e social, mas que não se esconda as relações de desigualdade e opressão, conforme discute Benjamim (2010). É neste sentido de assumir o patrimonial como tal que:

“Nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie. E assim como a cultura não é isenta de barbárie, não é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo” (BENJAMIM, 2010:225).

Dentre as diversas formas de aproximação entre os órgãos de preservação do patrimônio cultural e a sociedade, a Educação Patrimonial tem um papel estratégico. Porém, ela não pode ser entendida como uma mera atividade de divulgação de informações. Assim, conforme discutem Silveira & Bezerra (*apud* SCIFONI, 2012), as diversas relações que as comunidades estabelecem com os lugares e seus patrimônios, nem sempre são construídas a partir de uma memória social de alegrias, mas de momentos de dificuldades e de sofrimento.

A educação patrimonial, segundo Scifoni (2012) é essencial no processo de identificação do patrimônio, pois se revela como uma possibilidade para envolver uma determinada comunidade na construção de um patrimônio a ser compartilhado, considerando as necessidades dessas comunidades. A educação patrimonial possui, neste contexto, um papel importante, pois se coloca além da simples divulgação: não se trata de uma estratégia de marketing ou de reproduzir informações e discursos a um maior número de pessoas possível. Trata-se, antes de tudo, de construir uma relação com as comunidades e os lugares, possibilitando, assim, a apropriação social de conhecimentos, dos quais o patrimônio é o suporte.

Em um sentido amplo, a educação patrimonial, segundo Scifoni (2012), não se limita apenas às atividades de visitação em museus, mas faz parte de outras ações educativas de

caráter diversificado e participativo, que promovam a inserção de uma comunidade local no desafio de pensar a proteção de sua memória coletiva, onde a construção de ações para as comunidades, a partir de suas necessidades, envolva segmentos públicos e da sociedade civil, em estratégias determinadas a partir das problemáticas de cada local.

Segundo Chagas (2006:02), *“a explicitação do lugar do falante é também a exposição da tensão entre o que fala, e o que ouve; uma tensão que tanto pode produzir amarrações, quanto iluminações”*. Para o autor, a educação patrimonial parte das seguintes hipóteses:

1. *O campo museal contém o campo patrimonial.*
2. *Museu, patrimônio e memória são campos de tensão;*
3. *Os museus são entes antropofágicos;*
4. *Educação e patrimônio são praticas socialmente adjetivadas.*

Da mesma forma, Chagas (2006) explica como, a partir dos anos setenta do século XX, o conceito de museu (que se verificava nas concepções de edifícios, coleção e público) foi comparado com novos conceitos, que desenvolveram e problematizaram as categorias do patrimônio, seja ele no social praticado ou construído, em comunidade, por laços de pertencimento. *“Museu e patrimônio constituem campos distintos e complementares, que frequentemente dançam ao som de uma mesma musica. Ora é um, ora é outro que conduz a dança”* (CHAGAS, 2006:3).

Ainda assim, para Chagas (2006), a educação deve ser considerada uma prática sócio-cultural, onde o conceito de “educação patrimonial” representa nada menos do que o avanço de práticas educacionais, manifestações essas consideradas como patrimônio cultural. Portanto, a tal educação patrimonial e o seu diferencial estão localizados no mesmo encontro entre a educação, a memória, a cultura, o patrimônio e a preservação. Desta forma, o conceito ou a expressão em si, refere-se a uma prática de educação socialmente presente não subordinado a nenhuma metodologia, lugar ou data própria.

A conclusão a que chegamos, segundo Casco (2005), é que não podemos organizar ações de educação patrimonial a serem desenvolvidas pela sociedade, por meio de metodologias e normas. Mas, no entanto, a composição de diretrizes para uma política de patrimônio direcionada para a educação, para a preservação do patrimônio e da memória, é responsabilidade do Estado, por meio de seus distintos ministérios e instituições. Nelas é, porém, importante considerar os espaços culturais, como os museus, por exemplo. É essencial

que tais diretrizes orientem a ação institucional, que precisa ter criatividade e iniciativa própria para sugerir trabalhos de educação patrimonial.

Pelo atrás exposto, em confronto com as teorias e pressupostos aqui explanados em torno dos rumos a seguir para a prossecução de uma política e uma praxis de educação patrimonial, percebe-se o desfazamento existente entre o campo teórico e as práticas cotidianas, no que concerne ao Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Esta é a situação de muitos dos museus brasileiros, detentores de um projeto meritório e suportados por um esforço louvável de equipes abnegadas, mas sem meios para se aproximarem e implementarem orientações decorrentes das mais recentes teorias sobre mediação e educação patrimonial.

Considerações finais

A partir das entrevistas concedidas por Thereza Maia, a historiadora e diretora do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, assim como em todo o processo de pesquisa de informações que buscamos levantar no Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá durante o período de elaboração e escrita dessa dissertação, percebermos que existe um interesse enorme por parte de Thereza e Tom Maia em perpetuar a memória de Guaratinguetá e em transmitir um pouco daquilo que faz parte da identidade da comunidade. Há vontade em fazer parte do universo que é considerado a segunda casa da historiadora, herança de um passado ainda presente na vida de muitos Guaratinguetenses, no que diz respeito a patrimônio cultural.

Procuramos seguir alguns caminhos a partir da teoria de autores como Hooper-Greenhill, Hein e Costa, em torno do que poderia ser feito no espaço do Museu em questões educativas, de preservação e divulgação do seu acervo, para melhor atender os visitantes, na tentativa de se efetivar um nível de aprendizado que vá de encontro às ideias do construtivismo, que de certa forma, estão relacionadas com a educação patrimonial, tema este discutido no quadro teórico e no capítulo 4.

Buscamos levar em consideração também a falta de recursos financeiros e de investimentos dos órgãos públicos. Tratando-se de uma instituição particular, sem vínculo institucional direto à autarquia, a sobrevivência ao longo dos anos deve-se à iniciativa e abnegação de Thereza Maia. Ao traçarmos um paralelo entre a realidade e aquilo que consideramos perto de um modelo ideal, que melhor aproveite o potencial do Museu e Arquivo, procuramos abordar alguns pontos e critérios que deixamos como sugestão para o Museu e Arquivo.

Tratar um tema como o do acervo arquivístico de museus no Brasil, em pleno século XXI, nos mostra como ainda há restrições, por exemplo, em relação ao inventário de uma coleção, aspecto que deveria preocupar todos os envolvidos em processos de mediação patrimonial. Ainda há uma visão muito limitada no que se diz respeito à documentação de suporte informativo em museus, onde em muitos casos, essa documentação não é facultada de forma prática, assertiva, nem eficaz.

Percebemos que em ambientes de gestão e disseminação de informação, tais como bibliotecas, arquivos e museus, existe uma inclinação direcionada ao usuário da informação,

que nos deve fazer pensar em um sistema que atenda esse usuário, seja nos aspectos linguísticos, de comunicação ou tecnológicos. Principalmente a documentação em museus, precisa ser criada, propondo suprir, ou ao menos atender, às necessidades de informação do usuário.

Foram realizadas observações referentes ao sistema documental do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Em relação à análise do Plano Diretor, observamos que ele tenta se aproximar das orientações da literatura científica, mas é inconsistente, por falta de melhor embasamento em seu planejamento e direcionamento de metas a ser cumpridas. O desafio é o de superar a divisão entre as atividades de documentação, pesquisa e divulgação de modo a que passem a revelar uma visão contemporânea de equipe multidisciplinar e de cooperação recíproca. Desta forma, compreendemos que o Plano Diretor necessita de uma reformulação do sistema documental vigente no Museu Frei Galvão, assim como da implantação de um sistema digital documental.

A segunda análise, relativa às fichas catalográficas, limitou-se a uma pequena demonstração que nos foi oferecida, porventura não representativa de todo o trabalho documental realizado pelo Museu Frei Galvão. Por isso, imaginamos que deverão existir mais fichas catalográficas com descrições mais completas do que as apresentadas neste trabalho.

Em um terceiro nível, procuramos aferir até que ponto se intersectavam as informações contidas no Arquivo, na Biblioteca e no Museu. A documentação informativa, contida em museus em etiquetas e em folhetos informativos, requer um processo onde a mediação do historiador é diferentemente ponderada, em diferentes épocas, mas sempre requer que as informações sobre um determinado objeto/peça devam resultar em uma meticulosa catalogação museográfica. Verifica-se que a catalogação de peças no Museu, bem como a documentação de suporte informativo (condensada por normas em folhetos específicos elaborados em função de determinados eventos ou determinadas personagens) poderia usufruir mais do conteúdo informativo disponibilizado pelo próprio acervo arquivístico e biblioteconômico presentes nas outras componentes do Museu e Arquivo de Memória.

Ao buscar relacionar o aporte teórico consultado e discutido, nomeadamente o da vertente construtivista quando aplicada ao processo de ensino-aprendizagem com o museu visitado, pôde-se perceber que o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá não apresenta, na disposição e na organização do seu acervo, características que o aproximem

de um museu construtivista. Nas exposições temporárias, o acervo não está distribuído de uma maneira lógica e intencional para o seu entendimento, o que se observa é uma exposição suaceptível de criar uma atitude contemplativa em relação aos objetos espalhados pela sala. Nenhum tipo de iniciativa interativa entre o visitante e os objetos é observado, fazendo com que o visitante apenas observe e contemple o acervo, sem poder interagir com o mesmo.

Após a realização de multiplicadas visitas de estudo ao Museu/ Arquivo de Memória, e após todo o esforço metodológico para melhor compreender a teoria construtivista aplicada a um ambiente duplo - museológico e arquivístico - julgamos importantes os resultados do trabalho. Foram-no desde logo para a investigadora, já que este esforço foi muito enriquecedor para compreendermos um pouco mais as complexas formas do processo de ensino-aprendizagem, que podem ocorrer dentro de um centro de educação não-formal, neste caso, em um museu, em espaço real, e perante constrangimentos ainda tão presentes na realidade do Brasil, e não só do Brasil.

Baseado na questão acima levantada é que também se pode fazer uma crítica sobre o método de apresentação da exposição permanente dos objetos no Museu Frei Galvão. Mais uma vez, é nitidamente observada a tradicional forma metodológica de expor os objetos sem nenhum tipo de atividade interativa proposta entre o observador e o acervo. Dessa forma, o visitante não participa e não se sente pertencente em nenhum momento à história que os objetos possuem, às diferentes funções desses objetos e a quem pertencia no passado.

Além disso, consideramos também que o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá estão inseridos no atual contexto dominante dos centros de educação não formal, que tendem a reproduzir o processo educacional estático e já terminado, hierarquizado na figura do professor nas escolas, o que, segundo a bibliografia consultada, não proporciona uma aprendizagem eficiente. Desta forma, um esforço na tentativa de tornar a exposição mais atraente ao público, através de objetos mais interativos e propostas pedagógicas mais dinâmicas por parte do museu: workshops, atividades artísticas, desenhos, encenações sobre a história da cidade e de seus personagens ilustres, é o que julgamos ser ideal dinamizar.

Pelo que foi possível perceber, o Museu Frei Galvão não possui um controle efetivo de seus visitantes, é então que, um maior controle, no sentido da tipificação e perfilação do tipo de público seria desejável e necessário, para uma melhor adequação das ações do Museu. Este poderia ser feito por meio da análise por parte dos guias do museu nas visitas monitoradas pelo prédio, que devem ser agendadas previamente. Foi possível notar também que, do

público espontâneo, ou seja, aquele que visita o museu sem fazer parte do grupo monitorado, a sua maioria é composto por cidadãos locais, turistas e também pesquisadores. Seria importante ter-se uma ideia, por breve inquérito por questionário, quais os seus interesses, motivações e expectativas perante o Museu e o Arquivo de Memória.

Um museu que busca dialogar com o seu visitante e estabelecer suas propostas de exposições e ações educacionais de forma a proporcionar aprendizados que o público considere interessantes, deve, segundo nosso julgamento, baseado em todos os autores lidos, tentar se aproximar o mais possível da metodologia construtivista no que diz respeito a um plano de educação patrimonial enquanto meio para a preservação do patrimônio e da memória local. É esta a proposta defendida por este trabalho, levando em consideração todo o potencial e toda a riqueza histórica e informativa que o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá podem proporcionar.

Em “Museum and Education”, Hopper-Greenhill (2007) explica que as visitas escolares em museu não devem assumir a forma de passeios à galeria, mas envolver os alunos e visitantes ativamente em oficinas, fazendo com que eles posteriormente possam recordar mais coisas do que apenas olhar para os objetos.

É esta a questão já tão discutida no presente trabalho que deve ficar clara: é por meio destes variados e complexos processos de interação social e interação física entre os visitantes e os objetos e pessoas do museu que se assegura um eficiente processo de ensino-aprendizagem, e é isso que a teoria Construtivista propõe. Fato mais uma vez não observado no Museu Frei Galvão, nem mesmo durante as visitas guiadas, onde apenas é feito a apresentação do espaço e do acervo.

Detentor de um grande potencial educativo, de uma interessante história e de um significativo acervo, podemos julgar ter o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá possibilidades de ser mais bem utilizado e apresentado aos seus visitantes em diferentes abordagens metodológicas, com mais clareza em seus objetivos.

Assim sendo, por meio da proposta da criação de atividades mais dinâmicas, de aparelhos que possam proporcionar um maior contato entre o público e o acervo e mesmo repensando a forma das visitas guiadas, poder-se-ia facilitar muito a relação do processo de ensino aprendido nos grupos que ali fariam uma visita, e dessa forma, daria mais suporte também ao professor e ao seu grupo. Essa diferente estratégia poderia também mudar o tipo de relação existente entre o público espontâneo, os objetos do acervo e a história local.

Pensamos que as instituições fazem escolhas, e essas escolhas determinam as prioridades, os objetivos, os universos para quem iremos trabalhar. Essas escolhas, baseadas em princípios de autodeterminação das instituições e dos projetos, condicionam os destinos dessas instituições, seja do ponto de vista social ou comunitário.

A história brasileira não é uma história em que as instituições, sejam públicas ou privadas, estejam habituadas a conceder satisfação dos seus atos para a sociedade. A história da participação popular no Brasil é uma história diminuta. Não estamos dizendo que o povo brasileiro não é participativo, mas o poder público, o governo nunca se interessou e nem promoveu sólidas participações populares. Portanto, não faz parte da tradição brasileira prestar contas do que se faz, ou incorporar auscultações à comunidade em processos de tomada de decisão.

Ao atentarmos ao Museu Frei Galvão e a cidade de Guaratinguetá, nos colocamos dentro do seguinte impasse, onde uma cidade que não tem por tradição prestigiar o Museu local, certamente não possui o interesse em preservar o patrimônio da cidade, pois antes de tudo, se não há o interesse em buscar conhecer a história local da cidade em que se mora e as origens, fatos que marcaram a vida dos antepassados que ali viveram, certamente será uma sociedade desmemoriada e de valores culturais dispersos. Todavia, a realidade é bem mais complexa do que esta leitura linear.

A problemática que envolve a educação patrimonial como mediadora do patrimônio local aponta para o fato de que ela precisa ser entendida como um agente mediador da informação, no intuito de construir um pensamento crítico/reflexivo. Quando essa informação é mediada e se deixa espaço para a intervenção dos sujeitos, estes se apropriam dessas informações transformando-as em conhecimento, assim resgatando a memória e construindo uma identidade cultural.

A relação entre memória e patrimônio pode ser guiada por uma educação patrimonial, assim como pode orientar uma educação para a cidadania, onde seja possível pensar outras formas de se trabalhar o patrimônio. Este pensamento, de que a classificação, preservação e disseminação de patrimônio irá resultar da relação entre instituição, política de patrimônio, pensamento técnico-científico e a intervenção da comunidade social em que se insere, é fundamental para rever a própria concepção de patrimônio, que não se reduz ao histórico e ao artístico, mas faz parte do cotidiano, pelo viés cultural e social.

Bibliografia

Arquivo número 170, ano 1997, Arquivo Memória de Guaratinguetá, Museu Frei Galvão.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. IN: *Estudos Históricos: Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, volume 11, número 21, 1998.

ARIZPE, L.; NALDA, E. *Cultura, patrimônio e turismo*. IN: CANCLINI, N. G. (Coord.) *Culturas da Íbero-América: Diagnósticos e propostas para o seu desenvolvimento*. Trad.: Ana Venite Fuzato. São Paulo: Moderna, 2003, p. 221-250.

BARBOSA, Ana Mae. COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. *Memória Paulista*. Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

BOURDIEU, P. *A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. IN: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (orgs). *Escritos de educação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e turismo: os caminhos para a educação patrimonial*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998.

CASCO, Ana Carmen A. J. *Sociedade e educação patrimonial*. IN: *Revista Eletrônica do IPHAN*. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=131>> Acesso: em 25/06/2012.

CERTAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAGAS, Mário. *Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação*. Dossiê Educação Patrimonial número 3, IPHAN, jan/fev, 2006.

_____. *Cultura, Patrimônio e Memória*. *Revista Museu*, setembro de 2012. Em:<<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>> Acesso em: 03/09/2012.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

COOK, Terry. *Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno*. Em: Estudos Históricos, 1998, nº21, p. 129-150.

COSTA, Evanise Pascoa. *Princípios básicos da museologia*. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus. Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

Diário Oficial do Estado de São Paulo, volume 122, número 6, de 10/11/2012.

DIAS, Reinaldo. *Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva, 2006.

DRUMOND, Maria Cecília de Paula. *Prevenção e Conservação em Museus*. IBRAM, Em: <http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_sextaparte.pdf> Acesso em: 15/11/2011.

FAGUNDES, Joaquim Roberto. MAIA, Thereza Regina de Camargo. *Conto, canto e encanto com a minha história...Guaratinguetá Ontem & Hoje*. São Paulo: Noovha América Editora Distribuidora de Livros Ltda, 2010.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979, 16ª Edição.

GONÇALVES, J. R. S. *O patrimônio como categoria de pensamento*. IN: Memória e patrimônio. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GRINSPUM, Denise. *Os desafios da segurança em museus*. ICOM-Brasil. Em: <<http://www.icom.org.br/Seguran%C3%A7a%20em%20Museus%20final%20sem%20marca%C3%A7oes.pdf>> Acesso em: 28/10/2011.

GROSSMANN, Martin. *O Anti-Museu*. São Paulo: Revista de Comunicações e Artes, volume 24, p. 5-20, 1991.

HEIN, G. *Learning in the Museum*. London and New York: Routledge, 1998.

HERREMAN, Yani. *Exposição, Exibições e Mostras*. IN Boylan, Patrick J. (ed). *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004, p. 99-101.

HERRMANN, Lucila. *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*. São Paulo: IPE/USP, número 5-6, p. 3-326, 1986.

HOOPER-GRENNHILL, E. *Museums and Education - Purpose, Pedagogy, Performance*. London and New York: Routledge, 2007.

_____ *The Educational Role of the Museum*. London and New York: Routledge, 1994.

IBRAM. *Política Nacional de Museus*. Relatório de Gestão 2003-2010. Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: MinC/Ibram, 2010, pp. 23-24.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, *Veredas e construções de uma política nacional de museus*. IN: *Política Nacional de Museus*, Brasília, 2007, p. 13.

JORNAL “O Eco” de 2/12/1972, Arquivo Memória de Guaratinguetá, Museu Frei Galvão.

LADKIN, Nicola. *Gestão do acervo*. IN: Boylan, Patrick J. (ed). *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004, pp. 17-31.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LEWIS, Geoffrey. *O Papel dos Museus e o Código de Ética Profissional*. IN: Boylan, Patrick J. (ed). *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Guia de Museus Brasileiros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MAIA, Thereza Regina de Camargo. MAIA, Tom. *Memórias do Comércio de Guaratinguetá*. Guaratinguetá: Editora Sindicato do Comércio Varejista de Guaratinguetá e Associação Comercial e Industrial de Guaratinguetá, 1995.

_____ *Guaratinguetá: Ontem e Hoje*. São Paulo, Editora Noohva América, 2010.

_____ *O Carnaval de Guaratinguetá*, Arquivo e Memória de Guaratinguetá, Museu Frei Galvão, número 269, 2004.

_____ *Guaratinguetá, do café ao leite*. Separata da Revista da Faculdade Salesiana, Lorena – SP, ano 16, número 24, 1975.

MAROEVIC, Ivo. The museum object as historical source and document. IN: VIEREGG, Hildegard K.; GORGAS, Mónica Risnicoff; SCHILLER, Regina. (Ed.). *Museología e historia: un campo del conocimiento*. Córdoba, Argentina: ICOFOM, 2006, p. 332-337. Disponível em: <http://www.Irzmuenchen.de/~iims/icofom/iss_35_final.pdf> Acesso: em 25/06/2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. São Paulo: Revista Brasileira de História. volume 23, número 45, 2003, p.11-36.

_____. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. 1997. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/238.pdf>>. Acesso em: 20/05/2012.

MIRABILE, Antonio. *Reserva Técnica também é Museu*. IN: *Boletim Eletrônico da ABRACOR*, número 1, jun 2010.

MICHALSKI, Stefan. *Conservação e Preservação do Acervo*. IN: Boylan, Patrick J. (ed). *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004, pp. 55-95.

MONTANER, Josep Maria. *Museus para o século XXI*. Tradução: Eliana Aguiar. Barcelona: Gustavo Gili s/a, 2003.

OGDEN, Shereilyn. *Administração de emergências*. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001.

_____. *Monitoramento da temperatura e da umidade relativa*. Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, Associação de Arquivistas de São Paulo, 1997, pp. 19-26.

OLIVEIRA, Paulo. *Iluminação e Arte*. Design: Ações e Críticas, 2008. Disponível em: <<http://paulooliveira.wordpress.com/2008/06/28/iluminacao-e-arte/>> Acesso: em 25/06/2012.

PARRON, Tâmis. *Solar Rangel: a história do Brasil em uma casa*. Abril, 2005.

PASIN, José Luiz. *A Formação Histórica e Cultural do Vale do Paraíba Paulista*. Número 34, 2010. Em: <<http://www.jornalolince.com.br/2010/arquivos/republicando-formacao-historica-cultural-vale-paraiba-paulista-www.jornalolince.com.br-edicao033.pdf>> Acesso: em 08/02/2011.

_____. *O vale do Paraíba ontem e hoje*. A&C M Assessoria de Comunicação e Marketing, Patrocínio: Monsanto do Brasil, com benefícios da Lei Sarney nº 7505/86, Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, 1988.

_____. *Os fundamentos históricos da industrialização do Vale do Paraíba*. Em: <<http://www.valedoparaiba.com/nossagente/estudos/Os%20fundamentos%20hist%C3%B3ricos%20da%20Industrializa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Vale%20do%20Para%C3%ADba.pdf>> Acesso em: 01/06/2012.

PIAGET, J. *Para Onde Vai a Educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

POULOT, Dominique. *Musée, nation, patrimoine – 1789-1815*. Paris: Gallimard, 1997.

_____. *Uma história do patrimônio no Ocidente*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

POSSAMAI, Zita. R. *O Patrimônio e o conhecimento histórico*. IN: Ciências e Letras Revista da Faculdade Porto-alegrense de Educação Ciências e Letras. Porto Alegre, número 27, jan./jun. de 2000, p.13-24.

RIBEIRO, Ítalo Franco. *Atividade industrial e dinâmica urbana no eixo de desenvolvimento da via Dutra*. Disponível em: <http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_31946234869.pdf> Acesso: em 20/10/2011.

ROBERTS, Andrew. *Inventário e documentação*. IN: Boylan, Patrick J. (ed). *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004, pp. 33-54.

SANTOS, Pamela. *Museu Frei Galvão completa 40 anos em busca de visitantes*. *Jornal Atoz*, página 6, de 19/05/2012.

SCIFONI, Simone. *Educação e patrimônio cultural: reflexões sobre o tema*. 2o. Caderno de Educação Patrimonial de João Pessoa, Iphan/PB e Prefeitura de João pessoa, 2012.

SCHINIMANN, Fernando. *A Invenção da Sociedade e suas relações com veracidade histórica*. Lages: Texto 2006, p. 02.

SILVA, K. V. & SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

SODERO TOLEDO, F. *Outros Caminhos. Vale do Paraíba, do regional ao internacional, do global ao local*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

STUART, Davies. *Plano Diretor*. Tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fundação Vitae, Série Museologia, número 1 2001.

SILVEIRA, Flávio L.A.; BEZERRA, Márcia. *Educação Patrimonial: perspectivas e dilemas*. IN: LIMA FILHO, Manuel F. et al (orgs.). *Antropologia e Patrimônio Cultural. Diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007, p.81-97.

SURIAN, Frei Carmelo. *Beato Frei Galvão. Um brasileiro na glória dos santos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOOLARD, Vicky. *Acolhimento do Visitante*. IN: Boylan, Patrick J. (ed). *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004, pp. 113-127.

YASSUDA, Silvia Nathaly. *Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, 2009.

Websites consultados

www.basf.com.br

<http://www.jornalolince.com.br/2012/fev/pages/entrevista-casal-maia.php>

<http://icom.museum/who-we-are/the-organisation/icom-in-brief.html>

<http://www.infoescola.com/historia/historia-do-comercio-de-guaratingueta/>

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do;jsessionid=6B6BA7D712C2822BB39E802AA56804B6>

<http://www.museus.gov.br/museu/>

<http://www.portalvale.com.br/cidades/aparecida/historia-de-nossa-senhora-aparecida.php>

http://www.saofreigalvao.com/w3c_beatificacao.asp

<http://therezaetommaia.com.br/site.asp>

<http://www.youtube.com/watch?v=sRikhvqt664>

<http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=oLkJ31UvJw8>

Lista de abreviaturas e siglas

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico

ICOM - International Council of Museums

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

OESG - Organização das Escolas de Samba de Guaratinguetá

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Lista de figuras

Figura 1. Modelo de Livro Ata	61
Figura 2. Informações relevantes para o museu	61
Figura 3. Roteiro Plano Diretor	77
Figura 4. Pesquisa para exposições	83
Figura 5. Estratégia para exposições	86
Figura 6. Expondo quadros e pinturas	87
Figura 7. Expondo fotos	88

Lista de mapas e fotografias

Foto 1.	Mapa de Guaratinguetá e região	112
Foto 2.	Mosteiro da Luz	113
Foto 3.	Estátua de Rodrigues Alves	114
Foto 4.	Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves	115
Foto 5.	Museu Rodrigues Alves	115
Foto 6.	Thereza e Tom Maia	116
Foto 7.	Thereza e Tom Maia com historiadores brasileiros	117
Foto 8.	O Solar Rangel Camargo	118
Foto 9.	O espaço da biblioteca do Museu e Arquivo	119-122
Foto 10.	Sala de exposição permanente do Museu Frei Galvão	123-125
Foto 11.	A iluminação do Museu Frei Galvão	126-129
Foto 12.	A entrada do Museu Frei Galvão	130-133
Foto 13.	A condição das paredes do Museu Frei Galvão	134-136
Foto 14.	As etiquetas das vitrines do Museu Frei Galvão	137-140

Fotografias

Fotografia 2: o Mosteiro da Luz



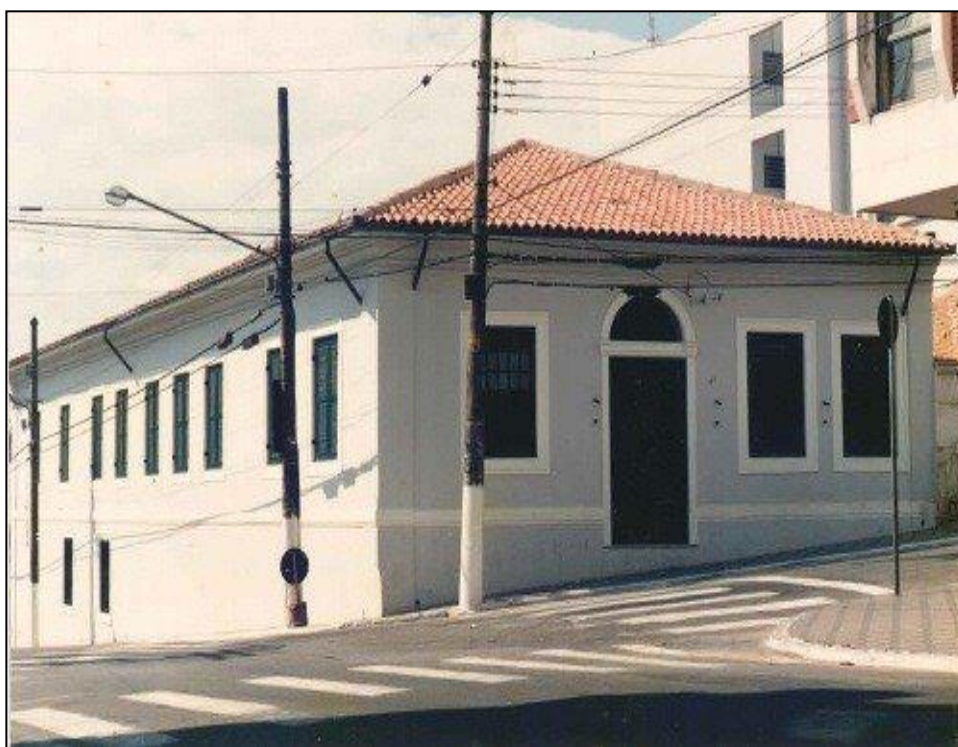
Fotografia 3: Estátua de Rodrigues Alves em Guaratinguetá



Fotografia 4: Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves



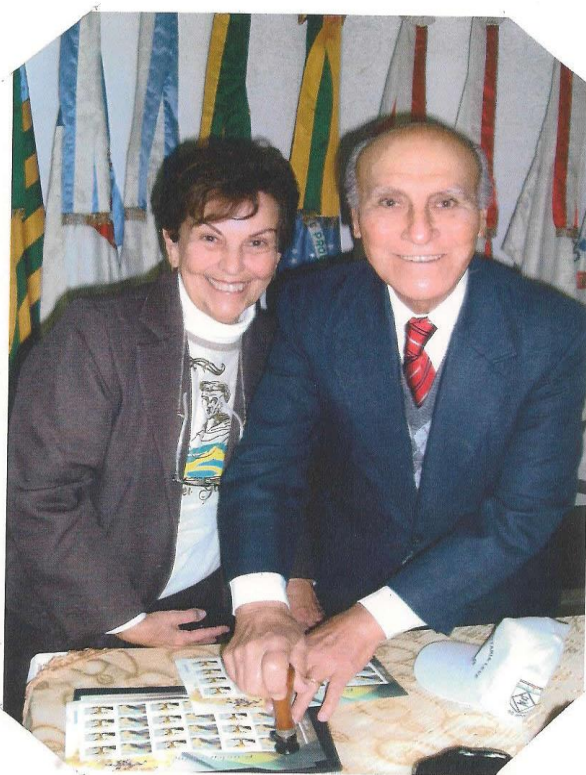
Fotografia 5: o Museu Rodrigues Alves



Fotografia 6: O casal Maia

LANÇAMENTO DO SELO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS
"FREI GALVÃO - PADROEIRO DA 12ª BRIGADA DE IN-
FANTARIA LEVE (AEROMÓVEL)", DE CAÇAPAVA.

19 jun. 2009.



THEREZA E TOM MAIA OBLITERANDO O SELO

Fotografia 7a: Thereza e Tom Maia com o historiador brasileiro Sergio B. de Holanda



Fotografia 7b: Thereza Maia com o escritor Leandro Tocantins



Fotografia 7c: Tom Maia com o historiador Gilberto Freyre e sua esposa Magda



Fotografia 8: o Solar Rangel Camargo



Fotografia 9a: O espaço da biblioteca



Fotografia 9b: O espaço da biblioteca



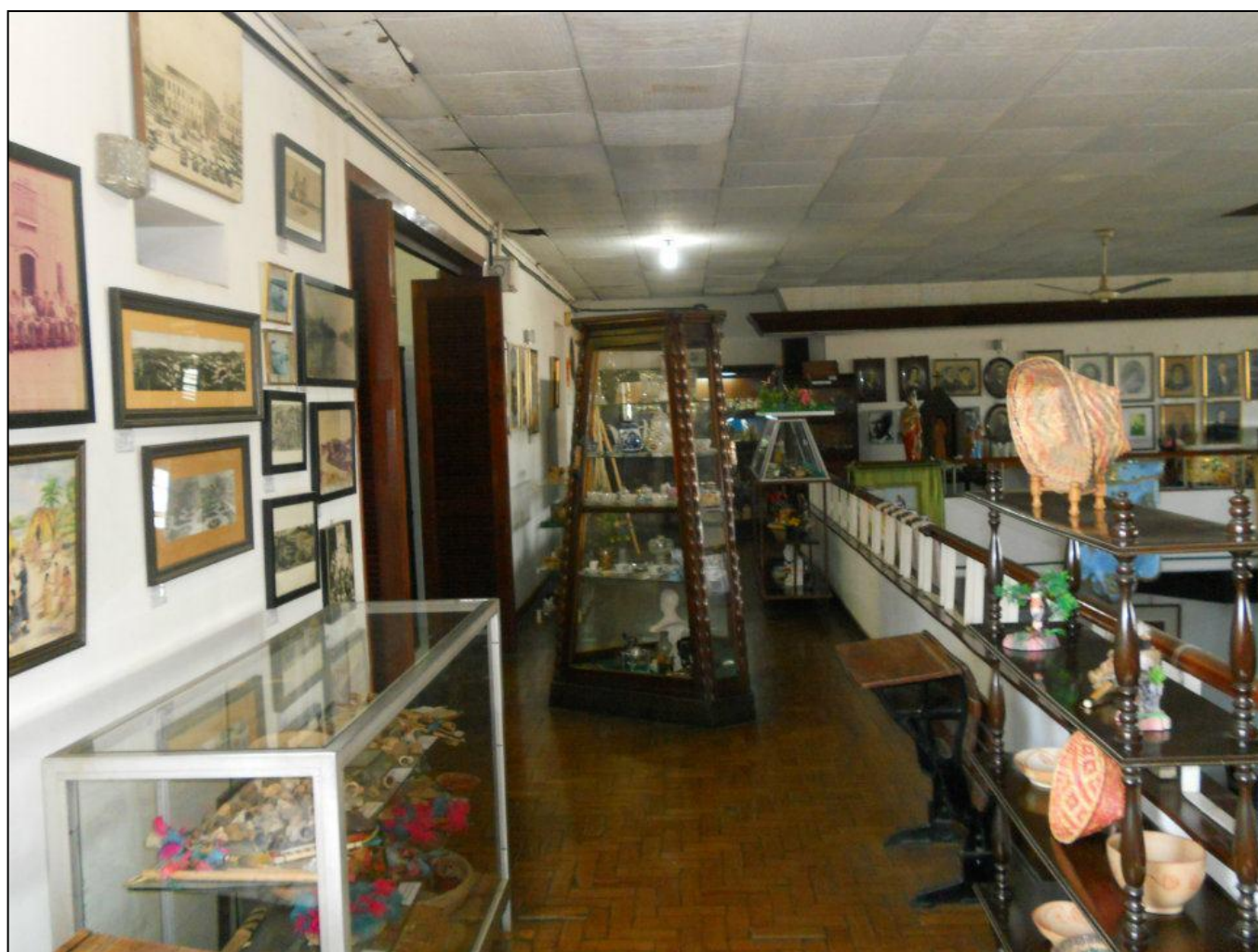
Fotografia 9c: O espaço da biblioteca



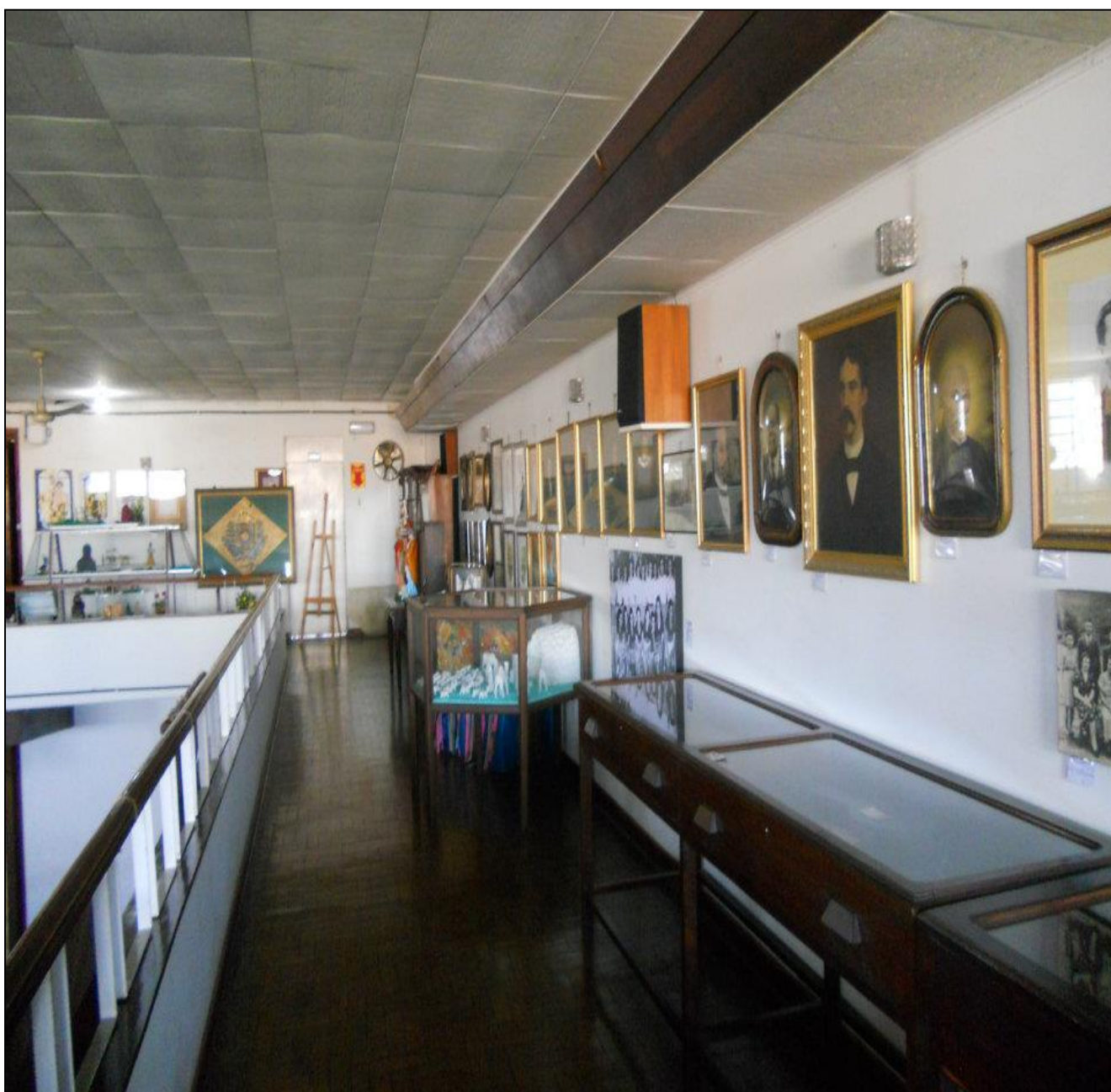
Fotografia 9d: O espaço da biblioteca



Fotografia 10a: a sala de Exposição Permanente



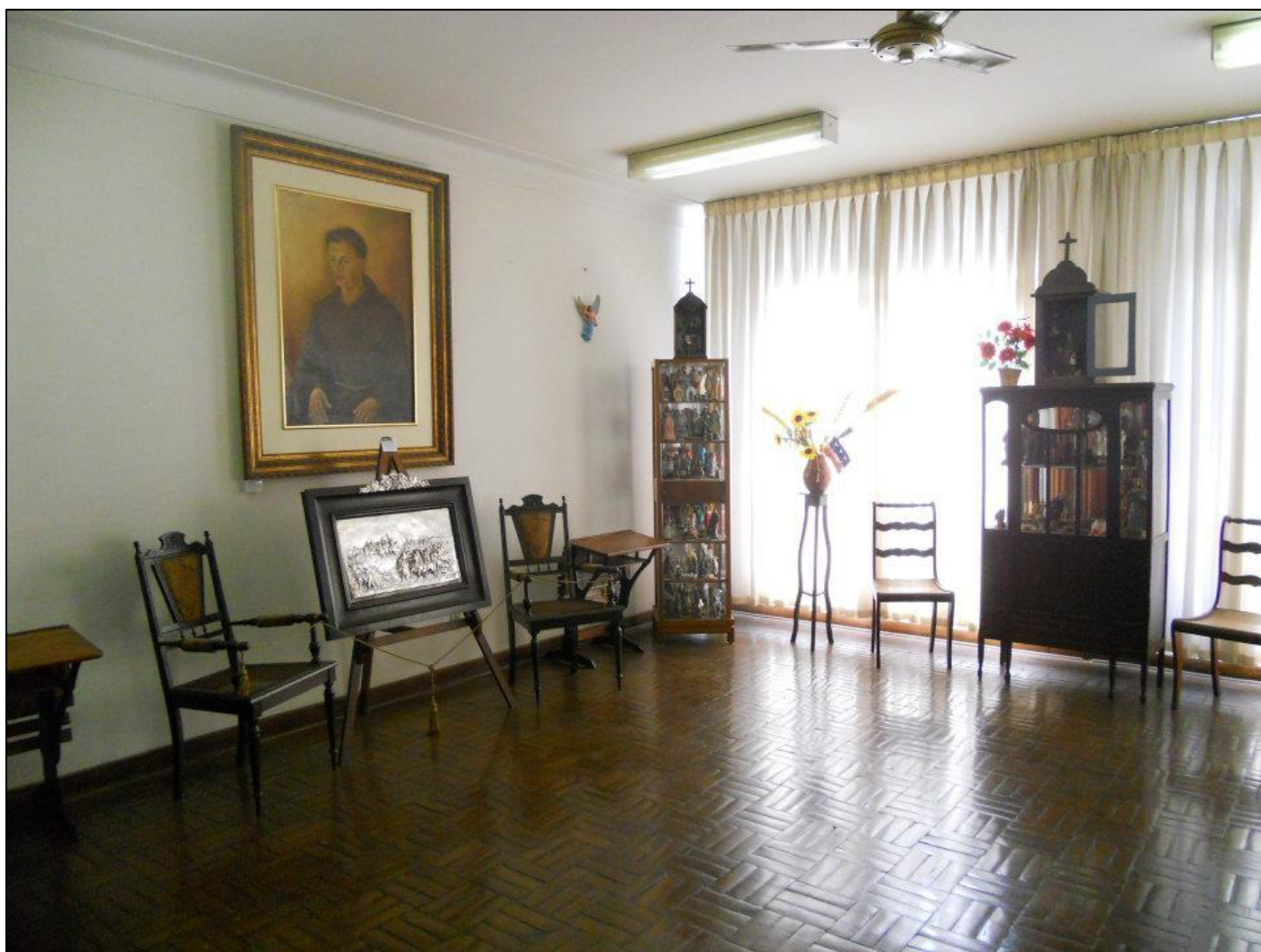
Fotografia 10b: a sala de Exposição Permanente



Fotografia 10c: a sala de Exposição Permanente



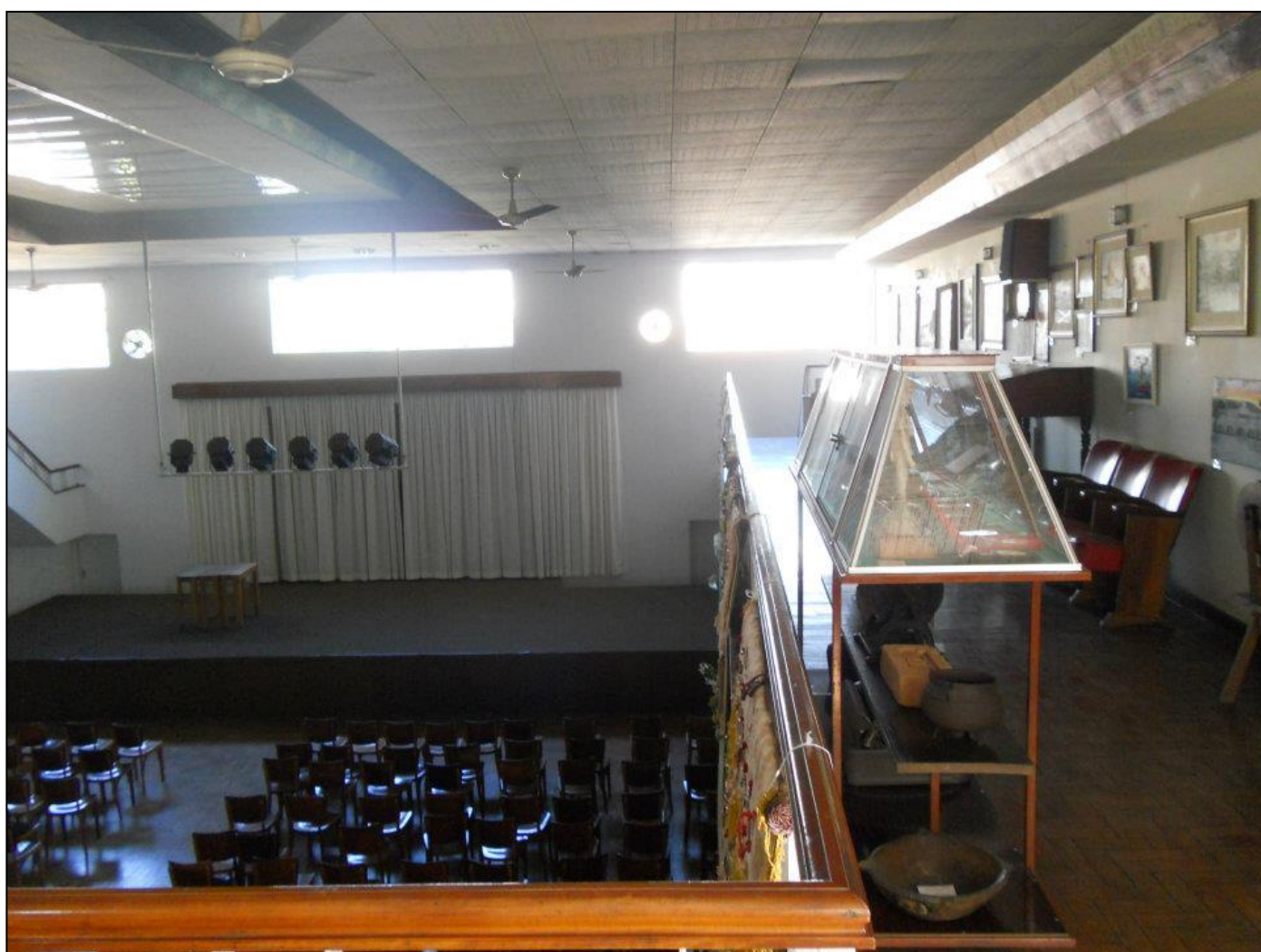
Fotografia 11a: a iluminação do Museu



Fotografia 11b: a iluminação do Museu



Fotografia 11c: a iluminação do Museu



Fotografia 11d: a iluminação do Museu



CAMARA MUNICIPAL
DE
1887 A 1890
PRESIDENTE:
Dr. Ernesto de Castro Alora
VEREADORES:
ANTONIO JUSTINO PEREIRA
DIOGO FERREIRA CUMARÃES
CAP. BENEGICTO BAPTISTA RODRIGUES PITTO
JOSE JOAQUIM DE OLIVEIRA MAFRA
CAP. MAXIMO DE PAULA SANTOS
FRANCISCO LOPES DE OLIVEIRA
CAP. FRAN. DE MEIRELLE
FRANCISCO AUG. RODRIGUES

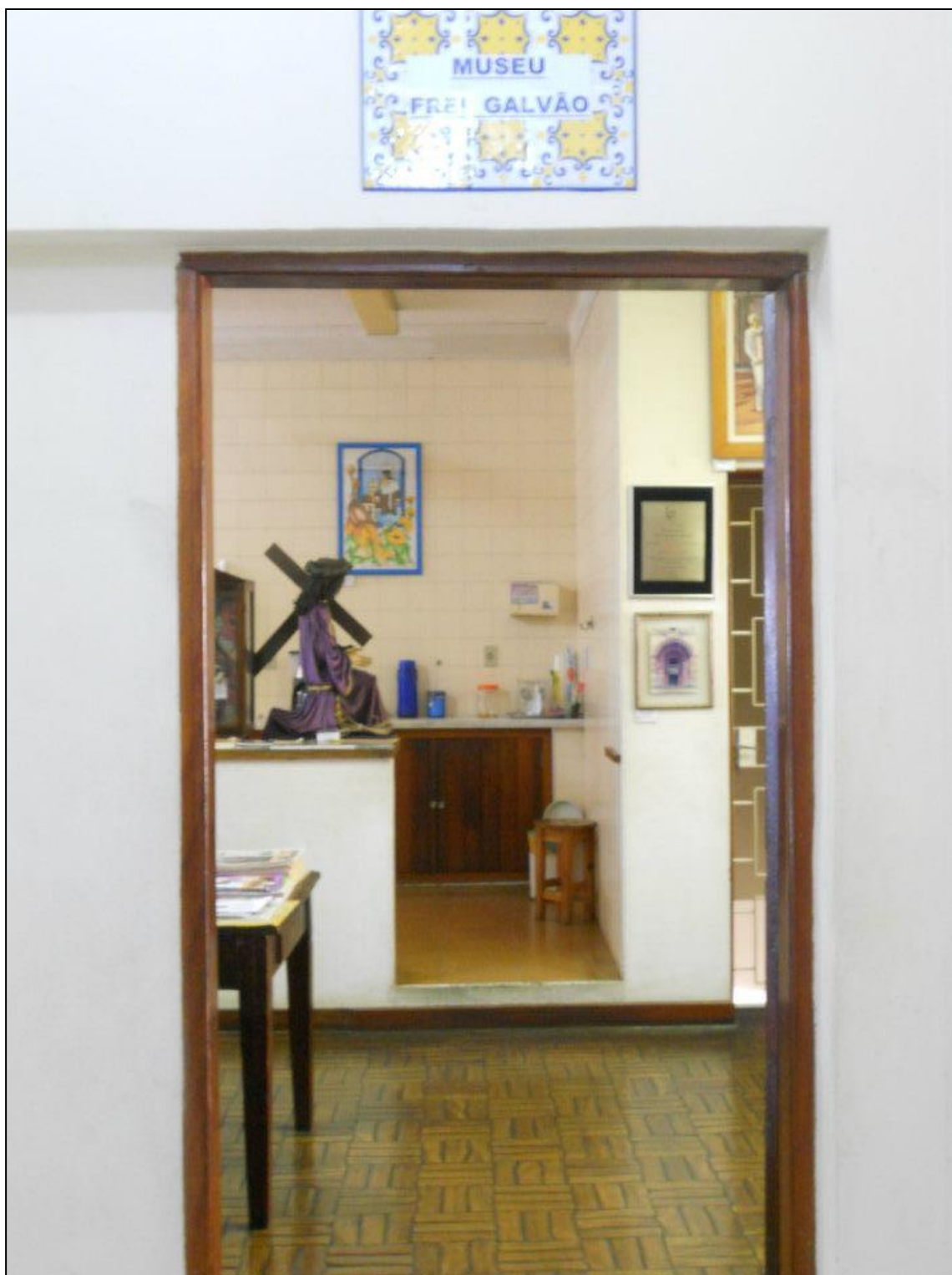
Fotografia 12a: a entrada do Museu



Fotografia 12b: a entrada do Museu



Fotografia 12c: a entrada do Museu



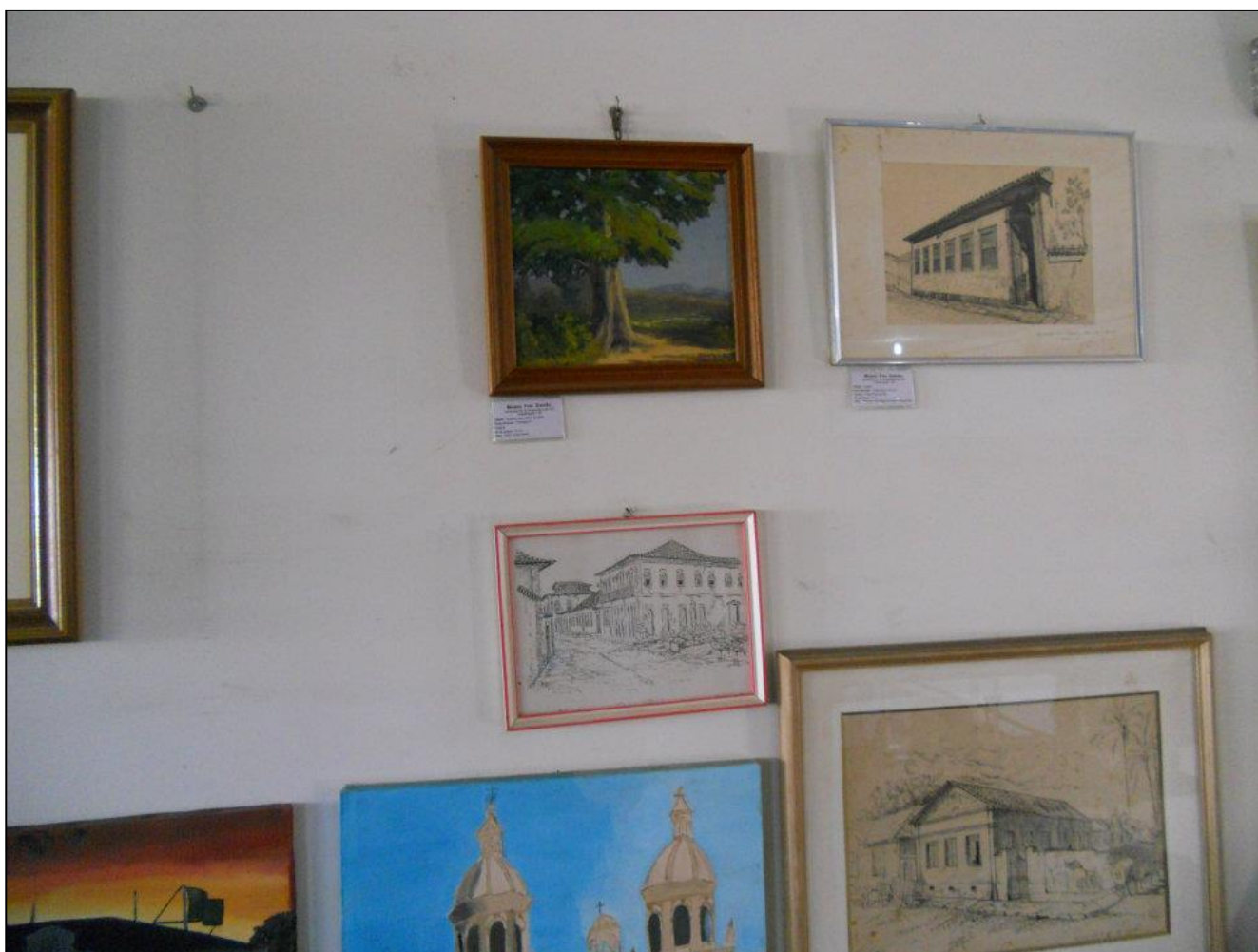
Fotografia 12d: a entrada do Museu



Fotografia 13a: as condições das paredes do Museu



Fotografia 13b: as condições das paredes do Museu



Fotografia 13c: as condições das paredes do Museu



Fotografia 14a: as etiquetas das peças do Museu



Fotografia 14c: as etiquetas das peças do Museu

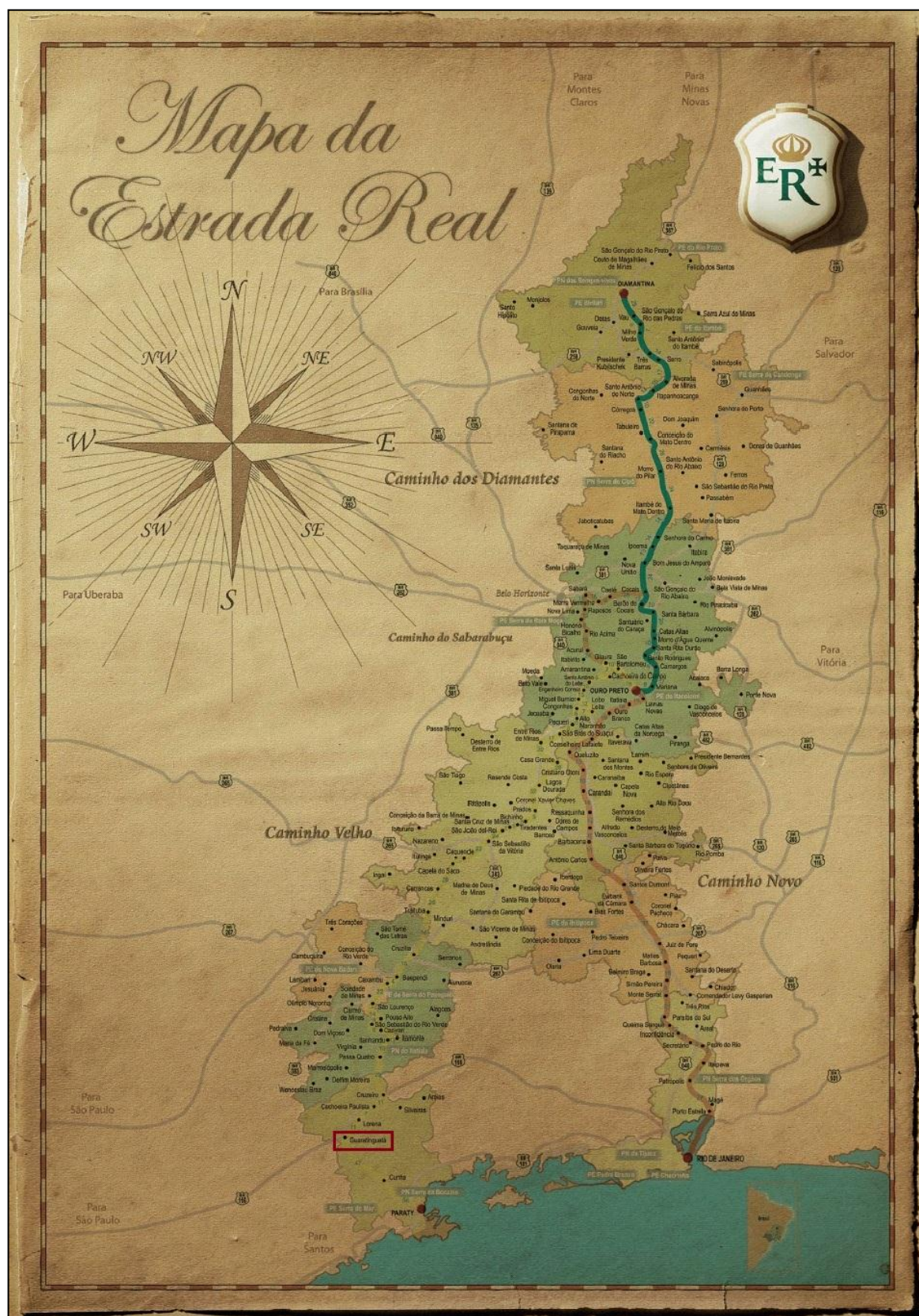


Fotografia 14d: as etiquetas das peças do Museu



Anexos

Anexo 1 – Mapa da Estrada Real



Anexo 2 - A vida e obra de Frei Galvão: Arquivo do Museu Frei Galvão

MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ

Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar

2002

Nova edição atualizada

nº 175

FREI ANTÔNIO DE SANT'ANA GALVÃO

Um Beato do Brasil Colônia no Novo Milênio

A NOTÍCIA – Extraordinária a repercussão entre a população católica pela notícia da beatificação de Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, surpreendendo até os meios religiosos condicionados a devoções, a mártires e a santos estrangeiros. Finalmente a nação brasileira, após meio milênio de existência, conseguiu a honraria de uma beatificação, elevando à glória dos altares um de seus filhos. Infinitamente gratificante para Guaratinguetá ser o berço natal do primeiro beato e santo do Brasil – nascido na mesma terra abençoada onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Se o fato é gratificante, ele também traz consigo a grande responsabilidade de Guaratinguetá, em divulgar para o mundo, a vida edificante de seu santo, o Beato Frei Antônio de Sant'Ana Galvão.



A INFÂNCIA – Frei Galvão nasceu em Guaratinguetá, em 1739. Era o quarto, entre os dez filhos do comerciante e Capitão-mor Antônio Galvão de França, originário da cidade de Faro, em Portugal, e de Isabel Leite de Barros, descendente de bandeirantes paulistas, nascida na Fazenda dos Corrêas, em Pindamonhangaba. Foi batizado na Matriz, hoje Catedral de Santo Antônio, em sua terra natal. Cresceu em uma família católica, em casa hoje reconstruída e situada na esquina formada pelas ruas Frei Galvão e Frei Lucas. Ali, a imagem de Sant'Ana, em seu oratório, costumava reunir todas as noites, à luz de vela, o Capitão-mor, sua esposa e filhos, para as orações costumeiras e novenas. Foi nessas noites de preces que, certamente, o menino Antônio descobriu sua vocação para a vida religiosa. Desde pequeno já sabia dar atenção e esmolas aos pobres, conforme narra a tradição local.

OS ESTUDOS – Com apenas 13 anos de idade, Antônio Galvão de França seguiu para o Seminário de Belém, em Cachoeira, na Bahia. Este Seminário, fundado pelo Padre Jesuíta Alexandre de Gusmão, era então famoso pelo alto nível cultural de seu ensino. Devido à volta dos jesuítas para Portugal, o jovem Antônio, então com 18 anos, retorna a Guaratinguetá, onde já não encontra sua mãe, falecida há dois anos. Atendendo a seu temperamento voltado à prática do bem, ingressa no Convento Franciscano de São Boa Ventura de Macacu, na Capitania do Rio de Janeiro. Três dias após sua chegada ao Convento, a 15 de abril de 1760, acrescentaria ao nome que herdara do pai, o de Sant'Ana, em homenagem à santa da devoção da família, passando a se chamar Antônio de Sant'Ana Galvão.

Em 1761 faz sua profissão na Ordem Franciscana e, no ano seguinte, ordena-se sacerdote na cidade do Rio de Janeiro, transferindo-se em seguida para o Convento de São Francisco, em São Paulo, onde fora admitido para estudos de filosofia. Em meio caminho, do Convento do Rio de Janeiro para o de São Paulo, pára em **Guaratinguetá**, para celebrar a sua "*primeira missa, a primicial, para gáudio geral*", da sua família e dos guaratinguetaenses que compareceram para assistir à cerimônia no altar-mor da Matriz de Santo Antônio.

O SACERDOTE – Entre os primeiros atos de Frei Galvão como religioso, está a sua consagração como "*servo e escravo*" de Nossa Senhora. Esse ato foi assinado com seu próprio sangue em 9 de março de 1766.

No Convento de São Francisco em São Paulo, foi logo eleito pregador, confessor de seculares, porteiro e confessor do Recolhimento de Santa Teresa. O seu desempenho foi tão destacado que recebeu elogios da própria Câmara de São Paulo, que o considerou como "*um novo esplendor do Convento*".

O POETA – Quando foi fundada a primeira Academia de Letras de São Paulo, conhecida como Academia dos Felizes, Frei Galvão foi convidado a dela participar, seguindo seus dons literários e de orador famoso. Em obediência ao fundador da Academia, o Morgado de Mateus – Governador da Capitania de São Paulo, Frei Galvão aceitou o convite. Na segunda sessão literária da Academia, realizada a 25 de março de 1770, Frei Galvão declamou com sucesso, de sua autoria, 16 peças em latim, todas dedicadas a Sant'Ana.

O ARQUITETO DO MOSTEIRO DA LUZ – Situado na Avenida Tiradentes, nº 676, em São Paulo, o Mosteiro da Luz "*está vinculado ao nome Frei Galvão, que o fundou em 1774, sendo ele mesmo o construtor do edifício colonial que até hoje conserva a sua originalidade e continua desafiando o tempo e as gerações que passar*".

Frei Galvão destacou-se como arquiteto nesta notável construção, hoje declarada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade.

É na igreja do Mosteiro que está o túmulo de Frei Galvão, diariamente visitado por devotos, em agradecimentos pelas graças recebidas por seu intermédio.

OS DONS – Às virtudes de Frei Galvão, acrescentavam-se raros dons sobrenaturais, como aconteceu com alguns santos, entre eles Santo Antônio de Lisboa. Entre esses dons de Frei Galvão, comprovados inúmeras vezes, podemos destacar: o da bilocação ou ubiquidade (quando se encontrava em dois lugares ao mesmo tempo); o da premonição (quando previa e via acontecimentos); e o da levitação (em que se elevava acima do solo). Deste, originou-se até uma quadrinha, memorizada através da tradição popular: *"Na minha aflição, dai-me consolação, Senhor meu Frei Galvão, que não pisais no chã"*.

AS PÍLULAS DE FREI GALVÃO – Dois casos de vida em perigo deram origem às Pílulas: o de uma parturiente e o de um rapaz com cálculos nos rins. Por não poder abençoá-los pessoalmente, Frei Galvão escreveu, em um pequeno papel, uma jaculatória a Nossa Senhora. Enrolou-a em forma de pílulas e mandou que as dessem aos doentes. A parturiente, sua criança, e o rapaz se salvaram. A partir daí a fama e a fé nas Pílulas de Frei Galvão se ampliaram, bem como sua procura para os mais diversos problemas. Nelas, a jaculatória é escrita em latim: *"Pos Partum Virgo Inviolata permanensisti: Dei Genitrix intercede pro nobis"* (*Depois do parto, ó Virgem, permaneste intata. Mãe de Deus, rogai por nós*). Devido ao fato de ter salvo a parturiente e a criança, e a jaculatória referir-se a parto, Frei Galvão passou a ser considerado pelo povo como *"Patrono das parturientes"*. As Pílulas podem ser encontradas no Mosteiro da Luz em São Paulo e em Guaratinguetá, na Catedral de Santo Antônio, na Sala das Relíquias, na Casa de Frei Galvão, no Mosteiro da Imaculada Conceição e no Seminário Frei Galvão.

O FRADE SANTO – Fisicamente, Frei Galvão era um homem e porte elegante, forte e alto. Ao ser exumado em 1991, constatou-se que aos 83 anos, quando faleceu, media 1,90 m de altura, confirmando-se assim a tradição oral sobre seu porte e altura. Foi considerado não só muito bonito, mas também muito santo. O mesmo se dizia em todo o Vale do Paraíba, onde ele era respeitado, venerado e conhecido como *"o frade santo"*. Para a Câmara de São Paulo, na época em que viveu, *"Frei Galvão era considerado preciosíssimo à Capitania porque nele todos encontram auxílio eficaz para suas necessidades espirituais. Entre os benefícios que prodigalizava, o maior era o da paz..."*.

O Senado da Câmara de São Paulo registra também que *“os moradores desta cidade não poderão suportar um só momento a ausência do dito Religioso que, pelos seus costumes e exemplaríssima vida serve de honra e consolação a todos os seus irmãos e a todo o povo da Capitania. O Senado da Câmara e o Exmo. Bispo Diocesano o respeitavam como um varão santo”*. Ao falecer, em 23 de dezembro de 1822, às 10 horas da manhã de uma segunda-feira, sua fama de santidade já havia se espalhado pelo Brasil.

A BEATIFICAÇÃO – Em 1998, Frei Galvão foi beatificado pelo Papa João Paulo II, dele recebendo os títulos de **Homem da Paz e da Caridade** e de **Patrono da Construção Civil no Brasil**. De seu processo de beatificação constam 27.800 graças documentadas, além de outras consideradas milagre.

Sua festa é realizada a 25 de outubro, data de sua beatificação.

Visite em Guaratinguetá

Terra de Frei Galvão

Catedral de Santo Antônio – onde Frei Galvão foi batizado e rezou sua primeira missa. Centro histórico da cidade, próxima da Casa de Frei Galvão.

Sala das Relíquias, na Casa de Frei Galvão – local onde nasceu o santo. Rua Frei Galvão, nº 78. Centro. Tel: (12) 532-4406.

Museu Frei Galvão – espaço para visitas e pesquisas sobre o santo. Galeria de arte com telas e imagens do Beato Frei Galvão. Próximo da Catedral e da Sala das Relíquias. Tel: (12) 522-3674.

Seminário Frei Galvão – bairro de São Bento.

Igreja de Frei Galvão – bairro Jardim do Vale.

CANONIZAÇÃO – Para Frei Galvão ser Canonizado pelo Papa, é necessário mais um milagre. Pedimos comunicar todas as graças alcançadas pela intercessão de Frei Galvão aos seguintes endereços:

Irmandade de Frei Galvão – na Catedral de Santo Antônio. Praça Santo Antônio. Cep: 12500-350. Guaratinguetá – SP. Brasil.

Mosteiro da Luz – Av. Tiradentes, nº 676. Cep: 01102-000. São Paulo–SP. Brasil.

Anexo 3 - A vida e obra de Visconde de Guaratinguetá: Arquivo do Museu Frei Galvão

MUSEU "FREI GALVÃO"

Pr. CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 48, 1º ANDAR
 GUARATINGUETÁ - SÃO PAULO - BRASIL
 ANO DE 1.979

GUARATINGUETÁ
 HISTÓRIA
 XX

O VISCONDE DE GUARATINGUETÁ

José Luiz Pasin



Transcorre no dia 19 de abril de 1979, o centenário da morte do Comendador Francisco de Assis e Oliveira Borges, Visconde de Guaratinguetá, com Honras de Grandeza. Nasceu ele na vila de Guaratinguetá, no dia 25 de março de 1806, sendo filho do Alferes Ignácio Joaquim Monteiro d'Oliveira, natural de São Paulo e de Dona Ana Joaquina do Amor Divino, natural de São Francisco do Sul, em Santa Catarina. Era irmão do Padre Antonio Martiniano de Oliveira e do Arcipreste Joaquim Anselmo de Oliveira. De origem humilde, o futuro Visconde de Guaratinguetá, começou sua vida, conduzindo tropas de burros para o Rio de Janeiro e as Minas Gerais. Casou

-se pela primeira vez em 1826, com Dona Ana Silvéria Umbelina do Espírito Santo, natural de Lorena, com quem teve treze filhos.

Em 1833, foi nomeado para exercer os cargos de Escrivão de Orfãos, promotor público e sargento-mor da Vila de Guaratinguetá. Foi vereador à Câmara Municipal de Guaratinguetá na legislatura 1833-1837 Vice-Presidente da Câmara Municipal de Guaratinguetá no período de 1845-1848 e Presidente da Câmara Municipal de Guaratinguetá no período de 1849-1852. Sub-Delegado de Polícia



em 1845 e Juiz de Paz no período de 1849 a 1852. Em 4 de abril de 1854 foi nomeado Coronel-Comandante da Guarda Nacional de Guaratinguetá e Anexos. Exerceu ainda os cargos de Provedor da Santa Casa de Misericórdia (fundada por ele), Protetor do Asilo Bom Pastor, Inspetor de Obras Públicas executadas no município pelo Governo Provincial, grande colaborador na implantação da estrada de ferro, Membro da Comissão Diretora de Obras da Matriz de Santo Antonio, Inspetor de Estradas do Município de Guaratinguetá e Chefe do Partido Conservador em Guaratinguetá e na região. Em reconhecimento aos seus relevantes serviços prestados à comunidade, à instrução pública e ao Brasil, o Imperador Dom Pedro II, o agraciou com os seguintes títulos, comendas e honrarias:

- Cavaleiro da Ordem Rosa, em 19 de dezembro de 1848
- Barão de Guaratinguetá, em 2 de dezembro de 1854
- Visconde de Guaratinguetá, em 10 de junho de 1867
- Grande do Império, em 17 de maio de 1871
- Grão Dignatário da Ordem da Rosa em 19 de 09 de 1877

Em 1868, hospedou o Conde D'Eu a Princesa Dona Isabel, em seu palacete à rua da Figueira (hoje Visconde de Guaratinguetá), quando da visita dos Príncipes Imperiais a Guaratinguetá e Aparecida. Em 5 de junho de 1858, o então Barão de Guaratinguetá, contraiu segundas núpcias com Dona Amélia Augusta Casal, nascida em Guaratinguetá, em 28 de fevereiro de 1830, filha do cirurgião-mor Rafael José Casal, natural de Portugal e de Dona Luiza Peuel, natural do Vevey, cantão de Vaud, Suíça, com quem teve seis filhos.

O visconde de Guaratinguetá, faleceu em São Paulo, no dia 19 de abril de 1879, sendo sepultado em túmulo brasonado no Cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos em Guaratinguetá. A Viscondessa faleceu em São Paulo, no dia 06 de julho de 1896, sendo sepultada em túmulo brasonado, ao lado de seu marido, no Cemitério do Senhor dos Passos, em Guaratinguetá.

Pelo inventário do Visconde de Guaratinguetá verifica-se que ele devia ser um dos homens mais ricos do Brasil, no Segundo Reinado. O monte-mor partilhável foi a mais de mil contos, soma enorme, pois segundo afirma Afonso Arinos de Melo Franco, correspondia a mais de meio por cento de toda a circulação.

monetária do país. Expressava-se sua fortuna na posse de fazendas, grande escravaria, bens móveis e imóveis em Guaratinguetá, Aparecida, Cunha e São Paulo, dívidas ativas, ações da dívida pública, dinheiro em bancos e casas comissárias de café. Falecido em 1879, seu inventário terminou em 1880, sendo o Conselheiro Rodrigues Alves, seu neto por afinidade, o advogado da viúva e herdeiros (tanto o Conselheiro Rodrigues Alves, como seu irmão Coronel Virgílio Rodrigues Alves eram casados com netas do Visconde, ambas filhas do Dr. José Martiniano de Oliveira Borges). A grande fortuna do Visconde de Guaratinguetá haveria de dissipar-se gradualmente em mãos de seus numerosos descendentes e legatários, não resistindo aos fatores que modificaram o panorama sócio-econômico do Vale do Paraíba, no final do século passado e princípio do século atual. Segundo Carlos Eugênio Marcondes de Moura em "O Visconde de Guaratinguetá : um titular do café no vale do Paraíba", aos poucos os herdeiros do Visconde abandonaram a região, buscando novas oportunidades em outros centros. Atualmente a enorme descendência do Visconde de Guaratinguetá - cerca de 1.500 pessoas encontra-se dispersas pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso.

A cidade de Guaratinguetá, honrando e perpetuando a memória de seu ilustre filho, único titular guaratinguetaense no Império, "homem de largo prestígio e maior chefe do partido Conservador do chamado norte de São Paulo", deu seu nome a uma de suas ruas principais, a rua Visconde de Guaratinguetá, antiga rua da Figueira onde ficava sua residência, no local onde hoje se ergue a Escola Estadual de 1ª e 2ª Grau "Conselheiro Rodrigues Alves". Outras ruas de Guaratinguetá homenageam seu filho Dr. José Martiniano de Oliveira Borges (Rua Dr. Martiniano) e seus ilustres irmãos Vigário José Martiniano de Oliveira (Rua Vigário Martiniano) e Arcipreste Joaquim Anselmo de Oliveira (Rua Arcipreste J. A. de Oliveira, no bairro de São Bento).

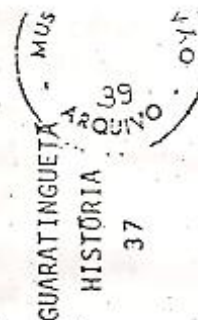
NOTA - O desenho da 1ª pag. retrata o então Comendador Francisco de Assis Oliveira Borges, futuro Visconde de Guaratinguetá; é de autoria de Luis A leixo Boulanger e data de 1848. (Col. Inst. e Geogr. Brasileiro).

SÉRIE"CONHEÇA E VALORIZE SUA TERRA E SUA GENTE"GUARATINGUETÁ - HISTÓRIA

- 1-) Localização geográfica do município e significação do nome Guaratinguetá.
- 2-) Braço de Armas e Bandeira de Guaratinguetá.
- 3-) Rua de Guaratinguetá em 1.851.
- 4-) O bairro e a igreja de Santa Rita.
- 5-) Centenário da chegada do trem de ferro a Guaratinguetá.
- 6-) A instrução em Guaratinguetá.
- 7-) A imprensa em Guaratinguetá.
- 8-) Os primitivos habitantes de Guaratinguetá.
- 9-) A questão Monsanto-Vimiero.
- 10-) O povoamento das terras e sertões de Guaratinguetá (I).
- 11-) O povoamento das terras e sertões de Guaratinguetá (II).
- 12-) O povoamento das terras e sertões de Guaratinguetá (III).
- 13-) Os primeiros povoadores de Guaratinguetá.
- 14-) A matriz de Santo Antonio de Guaratinguetá.
- 15-) A ponte metálica de Guaratinguetá é uma "jovem" de oitenta anos.
- 16-) Monsenhor Filippo - vida & obra.
- 17-) Guaratinguetá e o café.
- 18-) Viajantes e pintores europeus em Guaratinguetá, nos séculos passados.
- 19-) A família França na fundação dos cursos jurídicos
- 20-) O Visconde de Guaratinguetá.

Anexo 4 - A vida e obra de Rodrigues Alves: Arquivo do Museu Frei Galvão

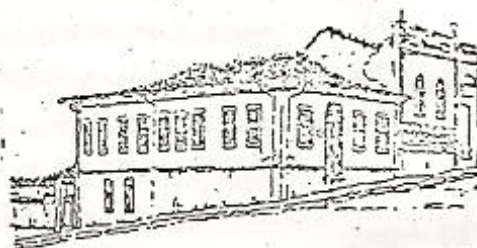
DEPARTAMENTO DE CULTURA DE GUARATINGUETÁ
 MUSEU "FREI GALVÃO"
 PRAÇA CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 48 1º ANDAR
 GUARATINGUETÁ - SÃO PAULO - BRASIL
 ANO DE 1983



FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES

Conselheiro no Império, Presidente na República

Em 1982, inaugurou se em Guaratinguetá, o Museu Histórico e Pedagógico Conselho Rodrigues Alves, na casa onde residiu o ilustre estadista guaratinguetaense, Francisco de Paula Rodrigues Alves.



Essa casa, à esquina das atuais ruas Dr. Morais Filho e Dr. Martiniano, foi erguida em taipa e pau-pique, em meados do século XIX, passando a ser a residência de Rodrigues Alves desde o seu casamento com Ana Guilhermina de Oliveira Borges, neta do Visconde de Guaratinguetá. Na mesma residência, Rodrigues Alves exerceu a advocacia, e mesmo quando ocupava altos cargos administrativos, nela passava seus períodos de repouso. Com seu falecimento, a casa permaneceu em mãos da família. Saqueada durante a Revolução Constitucionalista de 1932, recebeu então sua primeira reforma. A segunda grande transformação ocorreu na década de 1940, quando ganhou as características arquitetônicas que atualmente apresenta. Consi

derada Monumento Nacional, foi tombada pelo SPHAN e pelo CONDEPHAAT em 1970. Em 1981 foi restaurada pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, para sediar o Museu "Rodrigues Alves" e o Arquivo "Memória de Guaratinguetã" do Museu Frei Galvão, centro de documentação local. Francisco de Paula Rodrigues Alves nasceu a 07 de julho de 1848, na Fazenda Pinheiro Velho, no bairro do Machadinho, município de Guaratinguetã. Era filho de Domingos Rodrigues Alves, comerciante português, e de Isabel Perpétua de Marins Alves, guaratinguetaense. Foi batizado no dia 13 do mesmo mês, na matriz de Santo Antonio de Guaratinguetã. Fez seus primeiros estudos em sua terra natal, tendo, por suas aptidões especiais, sido enviado pelo pai, para o Rio de Janeiro, a fim de cursar o Colégio D. Pedro II, onde obteve sempre o primeiro lugar, o que lhe valeu elogios do próprio Imperador. Em 1866, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1870, quando retornou a Guaratinguetã. Promotor Público inicialmente em sua terra natal e, depois, em São Paulo, voltou a Guaratinguetã em 1872, como Juiz Municipal e de Órfãos da Comarca, nomeado por D. Pedro II. Nesse ano foi eleito Deputado à Assembléia Legislativa Provincial, cargo que ocupou até 1875. No mesmo ano casou-se com sua prima Ana Guilhermina de Oliveira Borges, filha do Dr. José Martiniano de Oliveira Borges e de D. Guilhermina de Paula e Silva, neta, portanto, do Visconde de Guaratinguetã, Francisco de Assis Oliveira Borges. Em 1878, Rodrigues Alves foi eleito Deputado à Assembléia Legislativa Provincial, voltando a advogar em sua terra, ao término de seu mandato. Tão brilhante foi sua atuação no Parlamento que, em 1887, foi nomeado, por decreto do imperador D. Pedro II, Presidente da Província de S. Paulo. No ano seguinte, 1888, a 19 de agosto, receberia da Princesa Isabel, então Regente, o título de Conselheiro. Com o advento da República, foi eleito Deputado à Assembléia Constituinte e, dois anos depois, convocado pelo Marechal Floriano Peixoto para assumir o Ministério da Fazenda. Eleito

Senador Federal por S. Paulo em 1893, uma vez mais assumiu o cargo de Ministro da Fazenda, agora no governo de Prudente de Moraes. Reeleito Senador Federal em 1897 seria, em 1900, eleito Presidente do Estado de São Paulo. Não terminou esse governo uma vez que, em 1902, foi eleito Presidente da República. Sua administração foi extraordinária, porque soube reunir a seu serviço homens do valor de Oswaldo Cruz, Pereira Passos, Paulo de Frontin, Lauro Muller e do Barão do Rio Branco. Muitas obras de vulto foram realizadas durante a administração de Rodrigues Alves, destacando-se a incorporação do território do Acre ao Brasil, mediante acordo com a Bolívia, após brilhante intervenção de Rio Branco. Destacam-se, em seu governo, a extinção da febre amarela que assolava o Rio de Janeiro, o saneamento e a urbanização embelezadora da cidade, com a abertura da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, obra realizada em 14 meses. São ainda obras notáveis a reorganização do ensino militar, a ampliação e melhoria dos portos, o reaparelhamento da Marinha de Guerra, a melhoria da Rede Ferroviária, a valorização da política cafeeira e, no campo religioso, a criação do primeiro cardinalato da América Latina, com a nomeação do Primeiro Cardeal Brasileiro, D. Joaquim Arcoverde. Com o término da Presidência, Rodrigues Alves voltou a residir em Guaratinguetã, quando foi pela segunda vez eleito Presidente do Estado de São Paulo, em 1912. Marcam esse governo a reforma do Museu do Ipiranga, o combate a varíola e febre amarela, o estímulo à imigração, a reinstalação da Escola Agrícola de Piracicaba e, notadamente, a fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia. Em 1918 foi eleito pela segunda vez Presidente da República. Não chegou a tomar posse do cargo, tendo falecido a 16 de janeiro de 1919, em sua casa do Rio de Janeiro, à Rua Senador Vergueiro, hoje demolida. Seu cortejo fúnebre seguiu até à Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil donde seguiu para Guaratinguetã. Está sepultado no Cemitério do Senhor dos Passos de

sua cidade Natal, que tanto soube honrar e elevar pelos extraordinários serviços prestados, tanto no Império como na República. Além de um marco erguido em 1948, próximo à casa onde nasceu, já demolida, Guaratinguetã reverencia sua memória com uma estátua no Largo principal da cidade e que também leva seu nome: Praça Conselheiro Rodrigues Alves. Também um dos seus mais tradicionais estabelecimentos de ensino, a antiga Escola Normal, hoje Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus, tem como patrão o Conselheiro Rodrigues Alves, desde a década de 1930. Com a inauguração do Museu Rodrigues Alves, em 1982, dedicado à vida e obra do ilustre Conselheiro do Império e Presidente da República, Guaratinguetã presta mais uma vez homenagem a seu filho, valorizando a própria casa onde ele residiu e onde estão expostos seus móveis, objetos, louças, quadros, retratos, peças de arte e de uso pessoal, além de biblioteca de sua época e valiosa documentação, catalogada pelo Arquivo Memória de Guaratinguetã, que pretende reunir, ainda, uma relação de documentos sobre Rodrigues Alves, espalhados em Instituições Culturais e Públicas do Brasil e em coleções particulares, visando um melhor conhecimento sobre sua vida e obra, da maior importância para o estudo da Primeira República.

Thereza Regina de Camargo Maia

Guaratinguetã, 07 de julho de 1983.

S É R I E

"CONHEÇA E VALORIZE SUA TERRA E SUA GENTE" - HISTÓRIA

Anexo 5 - A vida e obra de Bomfiglio de Oliveira: Arquivo do Museu Frei Galvão

CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
 MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
 PRAÇA CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 48 - 2º ANDAR
 ANO - 1994

GUARATINGUETÁ
 HISTÓRIA
 124

O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE BOMFIGLIO DE OLIVEIRA



"Músico primoroso, ins-
 pirado compositor, ins-
 trumentista de grandes
 recursos."

José da Silva Lacaz

Neste ano, comemora-se o centenário de nascimento de Bomfiglio de Oliveira, considerado, em seu tempo, "um dos maiores instrumentistas do mundo".

Nasceu em Guaratinguetá, à rua Cel. Tamarindo, bairro da Pedreira, no dia 27 de setembro de 1894, filho de Feliciano José de Oliveira e Maria das Dores de Oliveira.

O pai de Bomfiglio, Feliciano José, contrabaixista da Banda Mafra, foi quem semeou em seu coração o amor à divina arte da música. Bomfiglio ingressou, ainda menino, na Banda União Beneficente; seu primeiro instrumento foi o bumbo. Como aluno do Maestro Acosta, iniciou o estudo da pístom, tornando-se exímio neste instrumento e, por volta de 1906, já fazia parte da Banda Mafra como pístonista.

A convite do sacerdote salesiano Frederico Gióia, integrou a Banda do Colégio São José, em Guaratinguetá, aprendendo com ele as primeiras noções de regência e composição. Em pouco tempo, Bomfiglio passou a ser o regente da Banda, datando desse período sua primeira composição, o dobrado "Pe. Frederico Gióia", homenagem ao amigo e mestre.

Com o fechamento do Colégio São José em 1909, Bomfiglio foi para Lorena, concluir seus estudos no Colégio São Joaquim e passou a fazer parte de uma banda ali existente.

A cada dia, a fama de Bomfiglio crescia como músico, compositor e regente, sendo sempre muito requisitado. Em Piquete, fundou uma corporação musical que, geralmente, se apresentava pelas cidades da região. Por volta de 1912, em uma apresentação da banda na cidade de Barra Mansa, o maestro e violinista Lafaiete Silva, impressionado com o talento de Bomfiglio, convidou-o a se transferir para o Rio de Janeiro. Este convite mudou sua vida.

No Rio de Janeiro, Bomfiglio passou a tocar na orquestra do Cinema Ouvidor, sendo colega do genial Pixinguinha (Alfredo da Rocha Viana Filho), tornando-se grandes amigos.

Concluiu seus estudos no Conservatório Musical do Rio de Janeiro, passando, depois, a professor. Foi também músico da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, cujo regente era Antônio Francisco Braga.

Com a orquestra da Companhia Arruda, percorreu diversos Estados do Brasil. Esteve em Portugal com a Companhia de Revistas Jardel Jércolis, lá permanecendo longa temporada. Com a orquestra do Cassino Atlântico e Companhia Negra de Revistas, visitou a Itália, França e Espanha - quando foi apontado pelos críticos europeus como um dos maiores instrumentistas do mundo, ao lado do norte-americano Louis Armstrong.

No Brasil, foi homenageado pelo Presidente Washington Luís que o presenteou com um pistom de prata com uma inscrição numa chapinha de ouro que dizia: "Ao maior pistonista do Brasil, Bomfiglio de Oliveira - homenagem do Governo de Washington Luís (1930)".

Diversos foram os conjuntos e orquestras que contaram com a participação de Bomfiglio, como "Os Diabos do Céu", "Guarda Velha", "Oito Batutas", "Orquestra da Rádio Philips", "Orquestra Victor Brasileira".

Guaratinguetá foi a terra querida de Bomfiglio que nunca a abandonou; constante era sua presença nas festas de São Benedito e Santo Antônio. Do Rio de Janeiro homenageava amigos conterrâneos com serenatas transmitidas pela Rádio Mayrink Veiga.

Em 1939, o Cinema Central foi palco da última apresentação de Bomfiglio de Oliveira em Guaratinguetá, numa noite inesquecível que reuniu os seguintes amigos: a contralto Lucinda Bianco, os instrumentistas José da Silva Lacaz, Lauro dos Santos, Sebastião Guimarães, José Meirelles e o conjunto "Os 7 Bemôes". Conforme depoi

mento de José da Silva Lacaz, nesta apresentação Bomfiglio mostrou seu grande talento como instrumentista - foi o seu canto do cisne.

Bomfiglio de Oliveira faleceu no Rio de Janeiro, no dia 16 de maio de 1940, estando sepultado no Cemitério Municipal de Guaratinguetá.

O ARTISTA E SUA OBRA

De todas as composições de Bomfiglio de Oliveira, a valsa "Glória" é a mais conhecida e considerada, por muitos, sua obra-prima. Segundo Betina Marino em "Salto de Vida - Poesias e Crônicas", a musa inspiradora do "admirável pistonista" foi Glória Escobar, que morava na antiga Rua do Porto, em Guaratinguetá, atual Rua Comendador Rodrigues Alves. "Glória era loura, muito loura, corada como uma rosa "Bela Helena". Amável, risonha, alegre... mas alegre de uma alegria tristonha, se assim podemos dizer. Uma alegria que lembra o "Mal Secreto" ou aquelas "agonias lentas" de Casimiro de Abreu. Bomfiglio gostou de Glória, Glória gostou de Bomfiglio. Foram namorados. Daí a composição da valsa que todo o mundo aprecia. A "Glória" de Bomfiglio é uma oferenda, lembrança de um idílio que durou pouco, talvez" (1). A valsa "Glória" foi imortalizada pelas vozes de ouro do Rádio: Gastão Formenti, Orlando Silva e Vicente Celestino.

Em 1931, Bomfiglio participou da célebre gravação em solo de trompete do famoso choro de sua autoria, "Flamengo", homenagem ao bairro carioca onde viveu. O choro "Amor não se compra" foi gravado por Garoto (Aníbal Augusto Sardinha), em solo de cavaquinho e regional; esta gravação é uma raridade e faz parte do Arquivo Sonoro do Museu Frei Galvão. Outra raridade que enriquece o acervo

(1) MARINO, Betina. Salto de Vida - Poesias e Crônicas, p. 99.

do Museu Frei Galvão é a gravação do choro "Odette" pelo conjunto "Típico Brasileiro". A marcha "Carolina", interpretada por Carlos Galhardo, foi grande sucesso do carnaval de 1934. As composições de Bomfiglio foram ainda gravadas por instrumentistas excepcionais como Jacob do Bandolim, Altamiro Carrilho e Rafael Rebello.

Em 1979, Copinha (Nicolino Cópia) e seu conjunto gravaram em disco uma seleção das mais expressivas composições de Bomfiglio, numa produção da Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro (FEMURJ), para a série "Revivendo".

Em setembro, mês do aniversário de nascimento de Bomfiglio de Oliveira, o Museu Frei Galvão organizará uma exposição, relembrando a brilhante trajetória que o levou a ocupar um espaço único na Música Popular Brasileira. Partituras originais, fotografias e discos antigos irão fazer parte da exposição que será organizada por Ana Maria Maia Braga, secretária do Museu.

No dia 27 de setembro, às 20 horas, no salão nobre do Centro Social de Guaratinguetá - Museu Frei Galvão, Bomfiglio de Oliveira será homenageado pelo regional "Os Seresteiros de Guaratinguetá" e pelo coral "Unicanto", sob a regência da Professora Maria Cecília Fortes Simas, numa iniciativa de pessoas realmente comprometidas com a cultura e conscientes de que esta data não poderia deixar de ser comemorada.

No transcorrer deste ano, Guaratinguetá, através destas homenagens, será embalada pela música e sensibilidade de Bomfiglio de Oliveira.

Antônio Figueiredo Júnior

Fontes Pesquisadas

Arquivo Memórias de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão

1. Biografia de Bomfiglio de Oliveira, publicada na contra-capa do disco "Revivendo 2 Bomfiglio de Oliveira interpretado por Copinha e seu Conjunto". Produção fonográfica da Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro (FEMURJ), 1979.
2. Depoimento escrito de José Maurício de Oliveira, irmão de Bomfiglio de Oliveira.

Livros

1. LACAZ, José da Silva. Guaratinguetá - História Tradição Memória. Edição do autor, 1991.
2. LEITE, Aydano. Guaratinguetá - Vultos do Presente e do Passado. Cruzeiro, Gráfica Editora Liberdade, 1967.
3. MAGALHÃES, Pe. António Lages de. Colégio São Joaquim - 1890 - 1990. São Paulo, Editora Escolas Profissionais Salesianas, 1990.
4. MARINO, Betina. Salto de Vida - Poesias e Crônicas. Coordenação do Professor José Luiz Pasin. Aparecida, Editora Santuário, 1983.
5. PINTO, Maria Isabel Pereira. Biografia de Bomfiglio de Oliveira. Inédito.

Revista

1. PASIN, José Luiz. Algumas Notas para a História da Educação em Guaratinguetá. Revista Comemorativa do 90º aniversário da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau "Conselheiro Rodrigues Alves". Aparecida, Editora Santuário, 1992.

Enciclopédia

1. Larousse Cultural - Brasil A/Z. São Paulo, Ed. Universo, 1988.

Depoimento

1. Depoimento de José da Silva Lacaz ao autor, em 11 de março de 1994.


Nota do autor: Os depoimentos e escritos sobre Bomfiglio de Oliveira são, muitas vezes, contraditórios, dificultando a exatidão dos dados. Nos anos que não se pode afirmar com certeza, foram precedidos pelo termo: "por volta de". Com relação às viagens de Bomfiglio ao exterior, foram coletados os dados da Biografia escrita por Maria Isabel P. Pinto, por irem de encontro com o depoimento de José da Silva Lacaz. Apesar dos escritos serem unânimes em afirmar que Bomfiglio foi aluno do Colégio São Joaquim, seu nome não consta da lista de ex-alunos, organizada pelo Pe. Antônio Lages de Magalhães.

O desenho que ilustra este ensaio é de autoria do jovem artista Robson Leite, aluno da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus "Professor José Benedito Averaldo Galhardo".

SÉRIE


CONHEÇA E VALORIZE SUA TERRA E SUA GENTE

Anexo 6 - A vida e obra de Dilermando Reis: Arquivo do Museu Frei Galvão



PREFEITURA MUNICIPAL
GUARATINGUETÁ - SP

DEPARTAMENTO DE CULTURA



DEPARTAMENTO DE CULTURA DE GUARATINGUETÁ
MUSEU "FREI GALVÃO" - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
RUA DR. MARTINIANO 120
GUARATINGUETÁ - SÃO PAULO- BRASIL
ANO DE 1983

DILERMANDO REIS

Thereza Regina de Camargo Maia

Uma vida dedicada ao violão, instrumento que ele tanto amou, honrou e enobreceu. Assim pode ser resumida a vida de Dilermando Reis, um dos maiores, senão o maior violonista de seu tempo. Paulista de Guaratinguetá, onde nasceu a 22 de setembro de 1916 e onde viveu toda sua infância. "Dilermando costumava recordar as tardes passadas na varanda da velha casa da família, quando seu pai, Francisco dos San-

tos Reis, músico diletante e seresteiro, tocava violão, acompanhando a mulher, Benedita Vieira Reis, em nostálgicas canções". (1)

Herdando dos pais o amor pela música, aos 9 anos de idade Dilermando já andava dedilhando um cavaquinho emprestado. Logo depois "seu Francisco lhe compraria o primeiro violão, por dez mil réis, de um boêmio que passava pela rua. Seu pai foi seu grande incentivador e primeiro mestre, tendo o menino Dilermando convivido ainda com grandes nomes da música em Guaratinguetã, como Bonfiglio de Oliveira e Benedito de Oliveira França Cipolli. Seu mestre do violão, porém, foi o concertista cego Levino da Conceição que, ouvindo-o tocar, convidou-o para seu aluno. Logo passaram a realizar juntos diversos espetáculos, percorrendo algumas cidades do interior até que, no ano de 1932, quando tinha apenas 16 anos, Dilermando decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro. "Buscou manter-se como professor de violão, embora, como ele mesmo lembrasse, "nesse tempo tocar violão fosse coisa de marginal social, malvisto pela chamada gente fina" (2). Para se manter no Rio, dava aulas nas casas que vendiam instrumentos musicais, principalmente em A Guitarra de Prata. Porém tal era seu valor que, com apenas 19 anos de idade, a convite de Renato Murce, foi em 1935 contratado como violonista pela Rádio Transmissora, onde passou a tocar com nomes de destaque da música popular, como Carmen Miranda e Noel Rosa. "De Noel logo ficou amigo e os dois, com Chico Alves, fizeram muitas serestas pelas ruas da Lapa" (3). A essa época Dilermando foi, durante certo tempo, parceiro de Noel em seu popularíssimo programa "De Babado Sim". Despontando no cenário artístico como um dos maiores violonistas brasileiros, ganhou no rádio um programa semanal exclusivo. Foi a esse tempo em que já se tornava famoso, que organizou a primeira orquestra de violões do País, com doze exímios violonistas que, sob seu comando, se apresentavam em inúmeros espetáculos, em rádios, teatros e cassinos. Acompanhando conhecidos cantores, dirigin

do regionais, ou tocando sozinho, Dilermando, com seu gênio e com sua arte, foi enobrecendo o violão que, de "coisa de malandro" como era antes tido, ganhou finalmente espaço nos melhores salões. Todo Brasil passou a aplaudir o já famoso filho de Guaratinguetã que, entre seus amigos, pôde contar com o nome de Juscelino Kubitschek, então Presidente da República, de cuja filha Maristela foi por muitos anos professor. Virtuoso como intérprete e solista, Dilermando Reis eternizou com seu toque inigualável inúmeras composições, notadamente Abismo de Rosas, de Canhoto (Américo Jacomiro), e Sons de Carrilhão, de João Pernambuco. Consagrado, finalmente, como o maior violonista do Brasil, gravou extensa obra musical. São discos em 78 rpm, mais de vinte LPs, além de uma série de 7 volumes intitulada "Uma voz e um Violão em Seresta", com Francisco Petrônio. Dilermando não se limitou, porém, a ser virtuoso intérprete, sendo, igualmente excelente compositor de longa obra. O Arquivo Memória do Museu Frei Galvão possui mais de 40 músicas de sua autoria, doadas por sua Família, que vem de levantar ainda mais de duzentas composições de sua autoria. A gravadora de discos Continental afirma que "os primeiros sucessos musicais de Dilermando Reis foram composições suas, gravadas há quase 40 anos", destacando-se entre suas mais conhecidas músicas Noite de Lua, Magoado, Doutor Sabe Tudo, Caboclinha, Primavera, Meu Lamento, entre tantas outras.

Tendo recebido, finalmente, a consagração mundial, com exibições no exterior, Dilermando dividia seu tempo com a esposa, em sua casa do Engenho Novo, no Rio de Janeiro, com seu emprego de Fiscal de Rendas, com as gravações de seu último disco - O Melhor de Dilermando, e com a Família e seus amigos, em Guaratinguetã quando, já abalado pela morte de seu amigo Juscelino Kubitschek, e tendo sofrido um enfarte, veio a falecer à 2 de janeiro de 1977, no Rio de Janeiro, sendo sepultado em Guaratinguetã, onde foi decretado luto oficial por 3 dias.

Consagrado como intérprete, como compositor e como um dos maio-

res violonistas de todos os tempos, a crítica assinala em Dilermando Reis " a fina sensibilidade interpretativa, chamando a atenção para o som cheio e bem timbrado de seu violão, que nunca se confundiu com nenhum outro". (4)

TOM MAIA

- 1- Revista Veja- 12-1-77 p. 68 ; 2- Folha de São Paulo- 4-1-77- p. 36 ; 3- Gravadora Continental - Catálogo

Homenagem de Guaratinguetã

ã Dilermando Reis

- 1971- Título de Guaratinguetaense Emérito pela Câmara Municipal
- 1977- Tres dias de luto por ocasião de seu falecimento
- 1982- Homenagem da Prefeitura Municipal, da Secretaria da Cultura de S. Paulo e da Orquestra Sinfônica de Taubaté, no ato de entrega de partituras de sua autoria ao Arquivo Memória de Guaratinguetã do Museu Frei Galvão
- 1983- Semana Dilermando Reis, promoção de Departamento de Cultura de Guaratinguetã, Associação Cultura Popular, Centro Social, Clube Literário e Recreativo e Museu Frei Galvão.

- CONHEÇA E VALORIZE SUA TERRA E SUA GENTE -

Anexo 7 – os 40 anos do Museu Frei Galvão

Museu Frei Galvão completa 40 anos em busca de visitantes

Para historiadora, falta de incentivo na cidade impede maior presença de alunos e turistas

Pamela Santos
Guaratinguetá

Neste ano o Museu Frei Galvão completa 40 anos de existência, mas ainda com um desafio: conquistar os guaratinguetenses. Com a realização de eventos e exposições, a equipe trabalha para atrair visitantes e há uma necessidade, apoio dos governantes.

Criado para preservar os documentos relacionados ao seu patrono, Frei Galvão, hoje, o museu reúne um acervo vasto sobre a história da cidade e do Vale do Paraíba.

Segundo uma de suas principais divulgadoras, a historiadora Thereza Maia, a mudança das gerações pode mudar a mentalidade das pessoas e fazer com que elas sintam mais o museu. “O que falta é apoio das escolas municipais e estaduais, porque não foi compreendido que o museu não é uma coisa parada e sim dinâmica. E recebemos alunos, pro-

fessores de universidade de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Portugal e Estados Unidos, não podemos continuar dormindo”, avaliou a historiadora.

Segundo Thereza, o museu tem suporte, espaço e assunto para receber alunos visitantes, mas falta incentivo dos governos. “Os professores se queixam que não têm apoio,

porque tem que trazer as crianças de ônibus”, explicou.

Para os próximos anos a ideia é ampliar e digitalizar o acervo documental para divulgar ainda mais o Museu



Assistentes do museu checam acervo de fotos para exposição de aniversário



Foto: Pamela Santos

Frei Galvão, principalmente fora do Brasil. As exposições temáticas também serão mais recorrentes. “Em maio tivemos a exposição de fotos de vestidos de noivas. Agora em junho, que é aniversário da cidade, vamos mostrar fotos de Guaratinguetá de ontem e hoje”, explicou Thereza.

Para comemorar o aniversário, uma exposição das principais fotos do acervo do museu será apresentada na manhã deste sábado no restaurante Vegan, da praça

“O que falta é apoio das escolas municipais e estaduais, porque não foi compreendido que o museu não é uma coisa parada e sim dinâmica”

Thereza Maia
Historiadora

Homero Otoni. A homenagem será realizada através do festival Dona Eta.

**Anexo 8 – Modelo de Carta de agradecimento de doações: Arquivo e Memória de
Guaratinguetá**

**Museu “Frei Galvão”
Arquivo “Memória de Guaratinguetá”**

Inaugurado em 23 de dezembro de 1972
GUARATINGUETÁ ESTADO DE SÃO PAULO
Praça Conselheiro Rodrigues Alves, 48 - Telefone (12) 3122-3674 - Cep: 12500-020
Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº 1.297 de 15 de maio de 1.973
C.G.C. 45.209.202/0001-86
e-mail: museufreigalvao@yahoo.com.br

Guaratinguetá, 28 de agosto de 2006

Prezado Senhor



O Museu Frei Galvão tem a grata satisfação de agradecer a valiosa doação de um exemplar de “O Renascer de um Aeroclube”, importante registro da história do Aeroclube de Guaratinguetá, elaborado por V. S.

Doações como esta muito enriquecem e valorizam o nosso “Arquivo Memória de Guaratinguetá”, que tem por finalidade guardar e divulgar a memória de nossa terra e nossa gente.

Renovando nossos agradecimentos pela inestimável colaboração, enviamos nossas mais cordiais saudações.

Atenciosamente,

*Thereza Regina de Camargo Maia
Diretora Presidente*

Ilmo. Sr.
CEL. WALTER DE LIMA
Rua Dom Bosco, 171
12600-000 Lorena-SP

Conheça e valorize sua terra e sua gente.

Anexo 9- Livro Tombo do Museu Frei Galvão: Arquivo e Memória de Guaratinguetá

Termo de Abertura

Contém este livro 100 (cem) páginas numeradas de 1 (hum) a 100 (cem) e servirá como livro de Registro da Biblioteca do Museu "Frei Galvão".

Guaratinguetá, 28 de fevereiro do ano de 1978.


Therza Regina de Bamarço Maia
Diretora.

Anexo 9- Livro Tombo do Museu Frei Galvão: Arquivo e Memória de Guaratinguetá

Numeração	Nome	Título	Editora	Local	Data	Edição	Forma	Vol.	Part.	Outros
1203	Bianco, Samuel Augusto	A vida do Sr. Galvão e a fazenda	Ed. Paulista	Ribeirão Preto	1953	2011	1	1	1	P
1270	Basso, João	A vida literária no Brasil: 1900	Ed. de São Paulo	São Paulo	2004	2011	1	1	1	P
1291	Galvão, José Leão	A vida literária: crônicas e causas de minha vida e do Brasil	Apresent. Ed. Sombria	Sombria	2005	2011	1	1	1	P
1228	Passo Leão, Galvão de Azevedo	Uma família paulista: memórias de um tempo e lugar	Apresent. Ed. Sombria	Sombria	2007	2011	1	1	1	P
1273	Maria Tereza e Marta Helena Regina de Camargo	Frei Galvão para crianças e para adultos também	Apresent. Ed. Sombria	Sombria	2011	2011	1	1	1	P
1274	Bygn, Erik	Instantâneos de inspiração	Guaratinguetá Literária	Guaratinguetá	2012	2012	1	1	1	P

Apêndices

Apêndice 1 – Caracterização ao longo dos anos: Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá




MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
 Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar

1997 nº 170

OS 25 ANOS DO MUSEU FREI GALVÃO

A idéia de se fundar um museu dedicado ao mais ilustre filho de Guaratinguetá, o Venerável Frei Antonio de Sant'Ana Galvão nasceu há 40 anos, quando o jornalista João Martins de Abreu idealizou em 1957, a "Casa de Frei Galvão" e começou a reunir um acervo de peças destinado a esse museu, que seria ligado à Sociedade Frei Galvão. Posteriormente, quando foi iniciada a campanha para a criação de uma outra casa de cultura - o Museu Histórico e Pedagógico de Guaratinguetá, a Sociedade Frei Galvão cedeu todo o seu acervo histórico para aquela entidade, instalada na rua Visconde de Guaratinguetá, nº 280. Em 1969, entretanto, por falta de verbas e apoio, o Museu Histórico e Pedagógico encerrou suas atividades (a *Jornal "O Eco", de 2/12/1972*).



A FUNDAÇÃO DO MUSEU FREI GALVÃO

O ideal museológico em Guaratinguetá ressurgiu em 1972, no ano do sesquicentenário da morte de Frei Antonio de Sant'Ana Galvão, com a criação do Museu Frei Galvão, alicerçado no Centro Social de Guaratinguetá e na Sociedade Frei Galvão. A ata de fundação do Museu Frei Galvão data de 23/11/1972 ocasião em que se reuniram as diretorias das entidades fundadoras, para elaboração dos estatutos e formação da primeira diretoria, que ficou assim constituída: Diretora: Thereza Regina de Camargo Maia (pelo Centro Social); Secretário: José Juvenal Monteiro dos Santos (pelo Centro Social); Tesoureiro: Antonino Kimaid (pela Sociedade Frei Galvão); Conselho Administrativo: José Luiz Pasin, José Pereira Éboli e Carlos Eugênio Marcondes de Moura (pela Sociedade Frei Galvão).

O PATRONO DO MUSEU

Frei Antonio de Sant'Ana Galvão nasceu em Guaratinguetá em 1739, e foi batizado na Matriz de Santo Antonio, hoje Catedral. Faleceu em São Paulo, em 1822, com fama de santidade e está sepultado no Mosteiro da Luz. Desde a época em que viveu, até os dias atuais foi sempre muito respeitado não só por sua grande erudição como pelas raras virtudes que o fizeram ser considerado santo. Pertenceu também à "Academia dos Felizes", a primeira academia de letras em São Paulo, onde se destacou como poeta.

A INAUGURAÇÃO

A instalação solene do Museu Frei Galvão foi realizada no dia 23/12/1972, no primeiro andar do edifício do Centro Social de Guaratinguetá, (à Praça Conselheiro Rodrigues Alves, nº 48). Contou com a presença do Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Arcebispo de Aparecida, do Dr. Amador Galvão de França, representante do Governador do Estado de São Paulo, Laudo Natel, de autoridades religiosas e municipais, de numerosos membros da família Galvão de França e de amigos. A fita inaugural foi descerrada pelo Cardeal Dom Carlos de Vasconcellos Motta e pelo Dr. João Baptista Rangel de Camargo, Presidente do Centro Social de Guaratinguetá. Na ocasião, em sua bênção e palavras de abertura do Museu, o Cardeal Motta elogiou a iniciativa e a

escolha do patrono, com votos de sucesso na continuidade da obra, cuja proposta cultural foi apresentada na ocasião, pela Diretora do Museu.

A seguir houve o lançamento e autógrafo de "Os Galvão de França no povoamento de Santo Antonio de Guaratinguetá", de autoria de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. A inauguração encerrou-se com Missa Solene para Frei Galvão, na Matriz de Santo Antonio.

OS OBJETIVOS DO MUSEU FREI GALVÃO

Reunir objetos, fatos, depoimentos e documentos relativos ao patrono, Frei Galvão. *Preservar os valores culturais do município e região do Vale do Paraíba. *Estimular as artes e a pesquisa, através de atividade cultural permanente. *Expor um acervo representativo da arte, da história e do folclore do município. *Promover palestras, cursos e concursos. *Formar um arquivo de documentos sobre Guaratinguetá, acessível a estudantes e pesquisadores.

OS AMIGOS DO MUSEU

O Centro Social de Guaratinguetá, desde a fundação, fornece o espaço para o funcionamento do Museu Frei Galvão, no 2º andar de sua sede, à Praça Conselheiro Rodrigues Alves, nº 48 - a principal praça da cidade - e a Prefeitura Municipal colabora com uma funcionária.

Em 1973 foi formada a "Sociedade Amigos do Museu Frei Galvão", destinada a colaborar com a sua manutenção. Aos primeiros sócios foram acrescentados novos Amigos, possibilitando a continuação e ampliação das atividades culturais. Hoje o Museu possui 90 Amigos, que colaboram com a quantia mensal de cinco reais. Graças a todos esses Amigos, o Museu Frei Galvão conseguiu vencer estes primeiros vinte e cinco anos de sua existência.

A LEI MUNICIPAL

O Museu Frei Galvão, por Lei Municipal de nº 1297, de 15/5/1973, foi reconhecido de Utilidade Pública. Um voto de confiança e estímulo das autoridades municipais para o trabalho cultural que se iniciava com o Museu.

O ACERVO

As primeiras peças e documentos do Museu Frei Galvão vieram do acervo recolhido para a Casa de Frei Galvão e Museu Histórico e Pedagógico de Guaratinguetá. Com o decorrer dos anos, o Museu Frei Galvão acrescentou ao acervo inicial, uma valiosa coleção de peças, telas de artistas locais, objetos do folclore da região, móveis e arte sacra. *Parte desse acervo está em exposição permanente e parte é renovável, em exposições temporárias.

O ROTEIRO DE VISITAS

Foi organizado um roteiro de visitas do Museu, destinado a orientar e informar os visitantes, e os pesquisadores. *Acervo, documentos, salas e salões podem ser vistos diariamente, de 2ª à 6ª feira, das 9:00 às 11:00 horas e das 13:00 às 17:00 horas. *As atividades culturais são realizadas em horários especiais.

BIBLIOTECA E ARQUIVO "MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ"

Com centenas de livros e milhares de documentos, o Arquivo do Museu reúne, classifica e preserva os principais documentos da história de Guaratinguetá. *Destaque especial: o Arquivo Judiciário (1710-1960). *O Museu atende diariamente numerosas pesquisas nas mais diversas áreas da cultura local e do Vale do Paraíba.

AS ATIVIDADES CULTURAIS

Durante os 25 primeiros anos de seu funcionamento, o Museu Frei Galvão tem procurado manter sua dinâmica proposta de valorização da terra e da gente de Guaratinguetá, da conscientização de sua identidade cultural e de sua cidadania. Para alcançar esses objetivos foram publicadas 187 Monografias *Lançados e autografados 102 livros *Promovidas 223

exposições *Apresentadas 70 audições, corais e festivais *Efetuados eventos diversos, para diferentes idades e níveis culturais, da criança à terceira idade. O total é de 1082 Atividades Culturais, com a média de mais de 4 atividades mensais, no decorrer de 25 anos. Neste total não estão incluídas as numerosas pesquisas realizadas diariamente na Biblioteca e Arquivo Memória de Guaratinguetá, nem o registro das visitas de escolas, turistas e pessoas interessadas na história da cidade.

AS MONOGRAFIAS

Dentro da série "Conheça e Valorize sua terra e sua gente", as 187 monografias foram publicadas com o apoio do Centro Social de Guaratinguetá. Têm autores diversos e como fonte de pesquisa básica, o "Arquivo Memória de Guaratinguetá". São distribuídas gratuitamente, sendo ainda enviadas a instituições culturais do país, de Portugal, e Biblioteca de Washington, à escolas, estudantes e pesquisadores, divulgando nossa história e nosso folclore.

OS LIVROS

Entre 1972 e 1997, o Museu Frei Galvão promoveu em seus salões o lançamento e autógrafa de 102 livros sobre a história, o folclore, a política, a poesia e a literatura da região do Vale do Paraíba.

AS EXPOSIÇÕES

Duzentas e vinte e três mostras e exposições didáticas motivaram a visita de escolas locais e de municípios vizinhos ao Museu Frei Galvão. Feita uma avaliação da exposição mais atraente nos 25 anos do Museu, concluiu-se que a grande mostra fotográfica "Guaratinguetá - Ontem e Hoje" realizada em 1977 foi a mais concorrida, com mais de 8.000 visitantes. Detalhe: a comunidade participou da organização da exposição, trazendo suas próprias fotografias...

AUDIÇÕES, CORAIS E FESTIVAIS

A excelente acústica do Salão Nobre do Centro Social de Guaratinguetá, tem atraído pianistas, conjuntos e corais para apresentações diversas. Foi no piano "Brasil" do Museu Frei Galvão que se apresentaram, no início de sua carreira, dois pianistas de Guaratinguetá, hoje renomados artistas da composição e do concerto: Gisele Galhardo e Juliano Augusto Carvalho de Castro. *No Museu Frei Galvão é ainda realizado anualmente o Festival Nacional de Violão "Dilermando Reis", que reúne em Guaratinguetá, mestres e nomes famosos da arte e da história do violão.

OS EVENTOS DIVERSOS

Entre as quinhentas atividades diversas promovidas pelo Museu Frei Galvão algumas devem ser destacadas pela divulgação e influência que exerceram em várias áreas da cultura, da arte, da história e da religião: - Busca e organização da documentação existente em cartórios e igrejas de Guaratinguetá, básicas para a causa da beatificação do patrono do Museu, Frei Antonio de Sant'Ana Galvão *Organização do arquivo de documentos do Instituto Histórico e Artístico de Paraty e do Instituto de Estudos Valeparaibanos *Coordenação, juntamente com o Instituto de Estudos Valeparaibanos, da Carta de Defesa do Patrimônio Cultural do Vale do Paraíba e Paraty (1978) e da Carta de Defesa do Patrimônio Ambiental do Vale do Paraíba (1981), elaboradas no Museu Frei Galvão e por ele divulgadas por vários meios *Defesa, preservação e divulgação do patrimônio cultural, histórico e arquitetônico de Guaratinguetá, com destaque para: tradições da festa de São Benedito, restauração da Igreja de Santa Rita, restauração da Escola Estadual "Conselheiro Rodrigues Alves", da Catedral de Santo Antonio e da Estação Ferroviária (a ser iniciada em 1998) *Valorização da arte presepeista, através da formação de uma coleção de presépios e destaque anual de um presépio da região, durante o ciclo natalino. *Realização de concursos, com temas locais e regionais.

AS EQUIPES DO MUSEU

Para o desenvolvimento de 1082 atividades durante os primeiros 25 anos de sua existência, o Museu Frei Galvão vem contando com eficientes equipes de voluntários e especialistas em várias áreas da cultura.

Na organização do Arquivo "Memória de Guaratinguetá" participaram estagiárias de arquivística e biblioteconomia das Faculdades Teresa D'Ávila de Lorena, deixando excelente trabalho. *A Hemeroteca ficou sob a responsabilidade de Alice Aparecida Bittencourt dos Santos e Ana Maria Cortez que catalogaram todos os periódicos existentes no Arquivo "Memória de Guaratinguetá", entre 1858 e 1988. *O Arquivo Musical da Banda Beneficente contou com a colaboração do Profº Benedito Dubsy Coupé que organizou e classificou um total de 1317 títulos de música e 445 compositores. *A responsabilidade da organização e da guarda do Arquivo Judiciário (1710-1960) é de Helvécio de Vasconcellos Coelho que hoje conta com a colaboração de Joaquim Roberto Fagundes. *Entre as funcionárias da Prefeitura Municipal, ficaram registrados os nomes de Maria Elisabeth Azevedo Vilela, Maria Isabel Ayrosa Rangel e Luzia de Castro Gama Mendes da Silva.

A EQUIPE ATUAL

A diretoria do Museu Frei Galvão eleita em 18/11/1996, está composta pelos seguintes nomes: Diretora - Thereza Regina de Camargo Maia *Secretário - Tom Maia *Tesoureiro - Antonino Kimaid *Conselho administrativo - José Luiz Pasin, José Luiz de Souza, Benedito Dubsy Coupé *Bibliotecária e arquivista - Alice Aparecida Bittencourt dos Santos *O Centro Social colabora com os seguintes funcionários: Ana Maria Maia Braga - secretária e responsável pela parte artística das exposições e Nelson de Souza, com funções diversas. *Sonny Maria Barthelega Velloso, da Prefeitura Municipal, é responsável pelo Arquivo e Biblioteca do Instituto de Estudos Valeparaibanos, que funcionam junto ao Museu.

AS COMEMORAÇÕES DO JUBILEU

Missa solene na Catedral de Santo Antonio, publicação de três novas monografias e a exposição de um presépio, marcam a passagem dos 25 anos do Museu Frei Galvão.

A Missa: Celebrada pelo Cardeal Dom Aloysio Lorscheider - Arcebispo de Aparecida e pelo Padre Jalmir Carlos Herédia - Cura da Catedral de Santo Antonio e Vigário Geral da Arquidiocese de Aparecida, terá a participação do Coral sob a regência de Marina Magalhães de Moraes e teclado de Júlio Ricartí, com músicas sacras de compositores guaratinguetenses e Hino para Frei Galvão que, nesta data, completa 175 anos de falecimento.

As Publicações: "Pedregulho - Notas para a sua história" - 16 páginas, de autoria de Thereza Regina de Camargo Maia e Maria Isabella Maia Fabiano. *Relação das 187 monografias publicadas, da série "Conheça e valorize sua terra e sua gente". *Os 25 anos do Museu Frei Galvão" - uma síntese dos eventos do Museu, entre 1972 e 1997.

O Presépio da Roça: homenagem aos moradores rurais do Vale do Paraíba. Arte presepeista de Ana Maria Maia Braga. Em exposição de 08 de dezembro de 1997 à 06 de janeiro de 1998.

AGRADECIMENTOS

O Museu Frei Galvão tem a grata satisfação de, através desta publicação, agradecer a todos que, durante estes 25 anos, doaram peças e documentos para o acervo do Museu Frei Galvão e Arquivo "Memória de Guaratinguetá" e que apoiaram e colaboraram com as suas atividades, tornando possível sua existência: Centro Social de Guaratinguetá, Sociedade "Amigos do Museu Frei Galvão", Prefeitura Municipal. Merecem destaque especial a Imprensa falada, escrita, televisiva e a Internet, pela valiosa e eficiente divulgação e valorização das atividades do Museu Frei Galvão e do Arquivo "Memória de Guaratinguetá".

Foi através desse apoio e sem receber nenhuma verba oficial, que o Museu Frei Galvão conseguiu, nestes 25 anos de existência, transmitir sua proposta cultural de valorização da terra e da gente de Guaratinguetá, da conscientização de sua identidade cultural e cidadania e, principalmente, ver realizada a beatificação de seu patrono, Frei Antonio de Sant'Ana Galvão - o primeiro brasileiro a ter honra dos altares.

FONTES DE PESQUISA - Jornal "O Eco", de 2/12/1972. *Convites, fotos, notícias e documentos dos eventos culturais (1972-1997) selecionados pela equipe do Museu Frei Galvão - Arquivo "Memória de Guaratinguetá".

MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ

Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar

2003

nº 231

MUSEU FREI GALVÃO
Trinta Anos de Cultura, Arte e Devoção



Ao completar 30 anos de cultura, arte e devoção, o Museu Frei Galvão, sua equipe e seus colaboradores já têm uma longa e inédita história para contar e escrever, documentada pelo *Arquivo Memória de Guaratinguetá*. A sua história inicial já foi publicada na monografia "*Os 25 anos do Museu Frei Galvão*", em 1997. Em 1998, com a beatificação de seu patrono, a história de Guaratinguetá e do Museu Frei Galvão foi dividida em antes e depois da beatificação, dando origem a uma nova atividade – a

devocional – que foi acrescentada às já existentes no Museu e na cidade.

Entre 1997 e 2002 as numerosas atividades artísticas e culturais do Museu constaram de: exposições com temas diversos, lançamentos de livros e de CDs, salões de arte, audições musicais, corais e festivais. Concursos, cursos e feiras foram realizados com a presença constante de público. As monografias publicadas com o apoio do Centro Social de Guaratinguetá tiveram grande incremento, alcançando o número de 230 publicações, fato incomum em instituições culturais do gênero.

O "Arquivo Memória de Guaratinguetá" e a Biblioteca do Museu continuam ampliados diariamente, através de novos documentos, notícias em jornais e livros. O Museu é muito procurado para pesquisas e até orientação de teses, graças a seu arquivo histórico e cartorário – de grande interesse, inclusive para estrangeiros.

DE PATRONO A BEATO

Fundado em 23 de dezembro de 1972, a partir de 25 de outubro de 1998, a história do Museu Frei Galvão adquiriu um caráter inédito no Brasil, com a beatificação de seu patrono, Frei Antônio de Sant'Ana Galvão – primeiro brasileiro nato a ser elevado à glória dos altares.

A honra dessa Beatificação trouxe para o Museu Frei Galvão e para Guaratinguetá, uma grande responsabilidade tanto para divulgar o Santo, como para acolher os devotos que buscam com muita fé, a terra de Frei Galvão. Para atender estes objetivos, o Museu teve que alterar e ampliar suas instalações, suas visitas e até suas pesquisas. Para tanto, o Instituto de Estudos Valeparaibanos que desde sua fundação em 1973, estava instalado junto ao Museu, com arquivo e biblioteca, passou a funcionar em Lorena, na Universidade Salesiana, abrindo espaço no Museu para pesquisas específicas sobre Frei Galvão, sua vida, obra e bibliografia.

Do processo de beatificação, o Museu participou com documentos e testemunhou a exumação de Frei Galvão, tendo gravado este fato em vídeo. Para divulgar a beatificação, conseguiu um *Selo Comemorativo dos Correios e Telégrafos* com a efígie de Frei Galvão e um *Bilhete da Loteria Federal do Brasil*, com a imagem do Seminário Frei Galvão, ambos datados de 1998.

Para as cerimônias em Roma, organizou um grupo de devotos que junto ao altar pode presenciar, próximo ao Papa João Paulo II, a Missa Solene da Beatificação. Nessa missa, a Diretora do Museu, Thereza Regina de Camargo Maia participou da Procissão das Oferendas e Tom Maia, Secretário do Museu, recebeu a comunhão das mãos do Papa João Paulo II, juntamente com o Prefeito Municipal Francisco Carlos Moreira dos Santos e sua esposa Regina Lúcia Silva Moreira dos Santos.

Em Guaratinguetá, nas festividades em Ação de Graças pela beatificação, o Museu promoveu o Concurso "Frei Galvão – vida e obra" destinado às escolas locais. Organizou em seus salões a exposição de telas e esculturas de artistas do Vale do Paraíba – tendo como tema o Beato Frei Galvão. Na mesma noite foi lançado o livro "*Frei Galvão, sua terra e sua vida*", de autoria de Thereza e Tom Maia, com textos em português, inglês e espanhol, homenagem da Editora Santuário, de Aparecida.

Juntamente com o Centro Social de Guaratinguetá, o Museu doou, em outubro de 1998, à Capela do Batismo de Frei Galvão, na Catedral de Santo Antônio, um geodo de ametista, com a relíquia *ex-ossibus* (dos ossos) do Beato Frei Galvão, para veneração dos fiéis.

O Museu criou, em 1998, a Galeria de Arte Frei Galvão, hoje com mais de uma centena de telas e esculturas de artistas de Guaratinguetá e da região, sobre Frei Galvão. Está instalada junto ao Museu.

De 1999 data a inauguração da Sala das Relíquias, na Casa de Frei Galvão, local onde o santo frade nasceu e viveu até seguir para o Convento. Esta extensão do Museu Frei Galvão, foi adaptada para receber devotos, vindos até de outros países. Na Sala, além das relíquias, também podem ser vistas reproduções dos Autos da Beatificação, telas reproduzindo fatos e depoimentos de graças e milagres alcançados através de Frei Galvão.

Foi organizado, também pelo Museu, um Roteiro de Frei Galvão, pelo centro histórico de Guaratinguetá, com visitas à Catedral e sua Capela de Frei Galvão, à Sala das Relíquias e Museu Frei Galvão. Esta peregrinação se completa com o Seminário

Frei Galvão, no bairro de São Bento e Igreja de Frei Galvão, no bairro Jardim do Vale.

Dentro de sua proposta de divulgar a fé em Frei Galvão, tornando-o conhecido em várias áreas, o Museu Frei Galvão participou, em 2001 e 2002, do I e II Seminários de Bens Culturais da Igreja, realizados em São Paulo.

Ainda dentro da divulgação de Frei Galvão, o Museu coordenou no ano de 2002, com o apoio da Prefeitura Municipal e da Câmara Municipal de Guaratinguetá, da Irmandade de Frei Galvão e de centenas de devotos, um abaixo-assinado dirigido ao Governador do Estado e ao Secretário da Cultura, solicitando a criação de um espaço-homenagem ao Beato Frei Galvão, no Museu de Arte Sacra de São Paulo. Este Museu está instalado no Mosteiro da Luz – Patrimônio Nacional e Cultural da Humanidade, fundado e construído por Frei Galvão – Patrono da Construção Civil no Brasil. Não há uma referência a Frei Galvão naquele local, nem mesmo uma placa lembrando o construtor santo, daí a solicitação do Museu Frei Galvão.

Guaratinguetá sempre venerou, através dos tempos, o seu santo e ilustre filho. Esta veneração não está apenas na devoção, mas aparece em numerosas e diversas áreas e instituições. Um levantamento feito pelo Museu, com o título "*O Beato Frei Galvão em Guaratinguetá*", foi publicado na Revista Comemorativa do 4º ano da Beatificação.

É precioso documentário para o conhecimento e pesquisa sobre a presença do Beato em sua terra natal, na atualidade.

AS FESTAS DOS 30 ANOS

Uma programação cultural e religiosa comemorou os 30 anos do Museu Frei Galvão. Teve início a 16 de dezembro de 2002 e se estendeu até 02 de fevereiro de 2003, com as exposições:

. 16 de Dezembro - Museu Frei Galvão - Centro Social de Guaratinguetá
Abertura das Exposições:

- **Trinta anos de autores e autógrafos** – mostra dos 88 livros, CDs e vídeos lançados no Museu Frei Galvão e das 230 monografias históricas por ele publicadas. - **Presépio Artesanal** – obra em feltro, da artista Herminia Junqueira Reis. Da coleção de presépios do Museu Frei Galvão.

. 21 de Dezembro - Sábado - 17 horas - Museu Frei Galvão - Centro Social de Guaratinguetá

- **Outorga pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos da Distinção Cultural "Paulo Camilher Florençano"** ao Museu Frei Galvão por seus 30 anos de atividades culturais e educacionais. - **Lançamento e autógrafo do livro de José Luiz Pasin: A Jornada da Independência** – a viagem histórica do Príncipe Regente Dom Pedro pelo Vale do Paraíba em agosto de 1822.

- . 22 de Dezembro - Domingo - 10 horas - Catedral de Santo Antônio
- Missa Solene em Ação de Graças pelos 30 anos do Museu Frei Galvão. Celebrada pelo Padre Jalmir Carlos Herédia, Cura da Catedral de Santo Antônio.
- Distribuição da Revista "O Beato Frei Galvão em Guaratinguetá", comemorativa do 4º ano da Beatificação.

AS HOMENAGENS

O Museu Frei Galvão e seus funcionários receberam várias homenagens, tanto na área da cultura como na da devoção, especialmente em 2002, nos seus 30 anos de fundação. Merecem destaque:

- . 1995 – Honra ao Mérito - "em reconhecimento pela excelente colaboração prestada". Diploma outorgado pela Cavalaria de São Benedito e São Gonçalo de Guaratinguetá. 16/4/1995.
- . 1999 – Diploma Parceiros da Cultura – "pela atuação eficiente e participação ativa no desenvolvimento de ações culturais essenciais ao Estado de São Paulo". Marcos Mendonça – Secretário de Estado da Cultura e Governo do Estado de São Paulo.
- . 1999 – Defensor de Bens Culturais – "tendo em vista a sua preciosa contribuição na preservação da memória de Guaratinguetá e do Vale do Paraíba com seu precioso acervo". Título outorgado pelo Gabinete do Governador Geraldo Alckmin. Programa de Recuperação de Bens Culturais. Secretário Emanuel Von Lauenstein Massarani, São Paulo, 04/02/1999.
- . 2000 – Diploma de Sócio Benemérito – "pelo seu dedicado e constante apoio em prol da divulgação da Mensagem do Bem Aventurado Frei Galvão em terras brasileiras". Guaratinguetá, 25 de outubro de 2000. Outorgado pela Irmandade Frei Galvão.
- . 2002 – Troféu Paróquia da Catedral de Santo Antônio – homenagem de gratidão ao Museu Frei Galvão. Guaratinguetá, 04/8/2002.
- . 2002 – Medalha Frei Galvão – "pelo dedicado e constante apoio em prol da divulgação da Mensagem do Bem Aventurado Frei Antônio de Sant'Ana Galvão em Terras Brasileiras". Oferecido pela Irmandade Frei Galvão em 25 de outubro de 2002.
- . 2002 – Distinção Cultural "Paulo Camilher Florencano" – homenagem do Instituto de Estudos Valeparaibanos pelos trinta anos (1972-2002) de atividades culturais e educacionais do Museu Frei Galvão. Outorgado em 21/12/2002, nos eventos comemorativos dos 30 anos do Museu.
- . 2002 – Troféu da Paz e da Caridade – homenagem de gratidão ao Museu Frei Galvão "pelos 30 anos de atividades culturais e educacionais nesta comunidade de Guaratinguetá e região". Outorgado pela Paróquia de Santo Antônio, através da Irmandade Frei Galvão, em 22/12/2002, na Missa de Ação de Graças do aniversário do Museu. Nesta missa solene também foram homenageados, com a Medalha Frei Galvão e como Sócios Beneméritos da Irmandade Frei Galvão: *Alice Aparecida Bittencourt dos Santos, Ana Maria Maia Braga, Eliana Aparecida Antunes Perronoud, Maria da Conceição Silva Santos, Nelson de Souza e Sonny Maria Barthelega Veloso* – dedicados funcionários do Museu Frei Galvão. "por seu constante apoio em prol da divulgação de Frei Galvão em Terras Brasileiras".

NOTA: no desenho, a Casa de Frei Galvão com a Sala das Relíquias, extensão devocional do Museu Frei Galvão.

MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETA
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves, nº 48 - 2º andar
museufreigalvao@yahoo.com.br



2008

nº 280

MUSEU FREI GALVÃO

35 ANOS



No dia 23 de dezembro de 2007, o Museu Frei Galvão completou 35 anos de existência, com muita honra e orgulho de ter como Patrono o primeiro Santo brasileiro. E também com muita alegria de ter

colaborado, no que foi possível, durante todos esses anos, com a divulgação do nome e da santidade de seu Patrono para todo o país e o mundo.

Nesta oportunidade, o Museu Frei Galvão deseja enaltecer a todos que acreditaram em sua proposta de fundação, ajudando em sua instalação, em seus primeiros atos, em doações de objetos, peças e documentos e agradecer especialmente aos Amigos do Museu e ao Centro Social de Guaratinguetá que colaboraram sempre durante estes 35 anos.

2007

O ano da Canonização

Com a notícia e a data da Canonização de Frei Galvão, marcada para **11 de maio**, em São Paulo – fato inédito na história religiosa do país e do Vaticano, o Museu ganhou uma nova missão. Passou a fornecer para o mundo informações sobre a vida, obra e milagres de seu patrono, para notícias escritas, faladas e televisivas. Guaratinguetá teve seu nome e as imagens do Museu, da Casa de Frei Galvão, da igreja de Frei Galvão e São José, do Seminário Frei Galvão, do Mosteiro da Imaculada Conceição e da Fazenda da Esperança presentes na mídia internacional, especialmente na Itália e Alemanha, em jornais diários, principalmente quando o Papa Bento XVI esteve no Brasil. Essas gravações, reportagens e entrevistas hoje fazem parte do Arquivo Memória de Guaratinguetá.

Em **março**, o Museu e a Casa de Frei Galvão receberam a visita dos miraculados de Frei Galvão, que vieram para uma missa na Igreja de Frei Galvão e São José, para serem apresentados aos devotos do santo. Fotos dessa visita estão na Casa de Frei Galvão, como documentos vivos, desses personagens da maior importância no processo de canonização.

Em **abril**, para o ato da canonização, o Museu Frei Galvão, a pedido de Irmã Claudia, do Mosteiro da Luz ficou com a responsabilidade de reunir 120 nomes dos parentes mais idosos do Santo e de pessoas ligadas à Causa da Canonização de Frei Galvão, para que esses convidados tivessem lugares sentados, próximos ao altar da Missa da Canonização pelo Papa Bento XVI. Foi este um difícil levantamento, pelo grande número de parentes do Santo, espalhados por todo o Brasil.

Sabendo ser desejo de Sua Santidade conhecer e abençoar a igreja onde Frei Galvão foi batizado, o Museu solicitou que fosse incluído o centro histórico da cidade em seu roteiro. Não foi possível, entretanto, devido às normas de segurança impostas pela Polícia Federal.

Para em **maio**, presentear o Papa, o Museu Frei Galvão, pediu à artista guaratinguetaense Maria Nazareth Coelho Antunes de Oliveira, a pintura do quadro *“Frei Galvão-Construtor”*, entregue a Sua Santidade em Aparecida. Na ocasião, também a fábrica de imagens Salles & Salles, ofertou ao Papa uma imagem barroca do Santo. Hoje, cópias da tela e da imagem enriquecem a Sala das Relíquias da Casa de Frei Galvão, inclusive com a Carta de agradecimento do Papa Bento XVI.

Várias homenagens foram feitas ao novo Santo, através da Câmara dos Deputados em Brasília, da Assembléia Legislativa de São Paulo e da Câmara Municipal de Guaratinguetá, onde foi homenageada também Irmã Célia Cadorin, Postuladora da Beatificação e Canonização de nosso Santo.

Em São Paulo, na Assembléia Legislativa, o Museu esteve presente através do orador Tom Maia, naquela concorrida sessão nobre, onde se destacou a presença da Irmandade de Frei Galvão da Catedral de Santo Antônio de Guaratinguetá.

Com a canonização, o Museu e a Casa de Frei Galvão passaram a receber um número muito grande de devotos, motivando a ampliação dos locais de recepção e até de funcionários, objetivando bem receber os visitantes. Entre estes merece destaque a criação de um Caminho de Frei Galvão, inaugurado a partir de São Bento do Sapucaí, de onde partem caminhantes, motoqueiros e cavaleiros. Na Casa de Frei Galvão recebem um Diploma de Visita, documento muito apreciado por todos, sendo inclusive de importância para o currículo desses turistas.

No mês de **outubro**, o Museu deu apoio à fundação da Confraria dos Cavaleiros de Frei Galvão, cuja primeira cavalgada realizou-se em sua festa.

Dentro das comemorações do **“Dia de Frei Galvão - 25 de outubro”**, a Diretora do Museu foi homenageada em sessão solene, com a Medalha de Frei Galvão, da Câmara Municipal de Guaratinguetá. No mesmo mês o Museu ofertou à imagem de Frei Galvão da Catedral de Santo Antônio, um resplendor vindo de São João del Rei, em metal prateado – símbolo de sua santidade.

Entre **novembro e dezembro**, o Museu Frei Galvão enviou à imprensa o seguinte comunicado: 1 - *“O Museu Frei Galvão, de Guaratinguetá-SP,*

entidade de caráter cultural, sem fins lucrativos, deseja tornar público que não tem qualquer participação no site www.saofreigalvao.com por não concordar com a orientação comercial que o site passou a apresentar (inclusive com um boleto que pede ajuda para a Casa de Frei Galvão). 2 - Nesse site constou erroneamente que o domínio pertencia ao Museu Frei Galvão. Nunca pertenceu. 3 - O Museu Frei Galvão e a Casa de Frei Galvão, em breve divulgarão seu próprio site oficial, em organização”.

Em dezembro, em comemoração aos seus 35 anos, o Museu fez a doação de quatro placas informativas, alusivas à vida de Frei Galvão, em monumentos a ele ligados. A primeira, em aço escovado, foi colocada na Catedral da cidade, ao lado Batistério. Três outras, foram colocadas na Casa onde nasceu o santo. Estas, de azulejos, são de autoria do artista Castelo, que trouxe sua arte de Portugal para a Casa de Frei Galvão. Também de sua autoria é o painel da Fonte de Frei Galvão, um dos atrativos da rua Frei Galvão.

Ainda em dezembro, o Museu Frei Galvão foi surpreendido por duas homenagens, vindas da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção (ANAMACO), que à frente de mais de mil convidados presentes no auditório da Expo-Barra Funda e vindos de todos os pontos do país, nomeou Frei Galvão - arquiteto e construtor como o **“Patrono do Comércio Varejista do Material de Construção”**.

Na mesma noite festiva, foram também homenageados pela ANAMACO, os diretores do Museu, Thereza e Tom Maia, dentro da Premiação **“Talentos que fazem acontecer”**, pela sua destacada atuação à frente do **Museu Frei Galvão** que

“mantém um acervo majestoso, bibliográfico e artístico sobre a vida e obra do frade santo, possibilitando a todos que o visitam, enriquecimento cultural e encantamento pela história magnífica de Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro”.

As duas homenagens, em artísticas e grandes placas metálicas, hoje fazem parte do acervo histórico e devocional da Casa de Frei Galvão.

*Guaratinguetá, 23 de dezembro de 2007
Ano Santo da Canonização de Frei Galvão.*

Apêndice 2 – Lista de documentos para a beatificação de Frei Galvão

GUARATINGUETÁ - PERSONALIDADES

RELIGIOSOS

ANTONIO DE SANT'ANA GALVÃO, FREI

BEATIFICAÇÃO

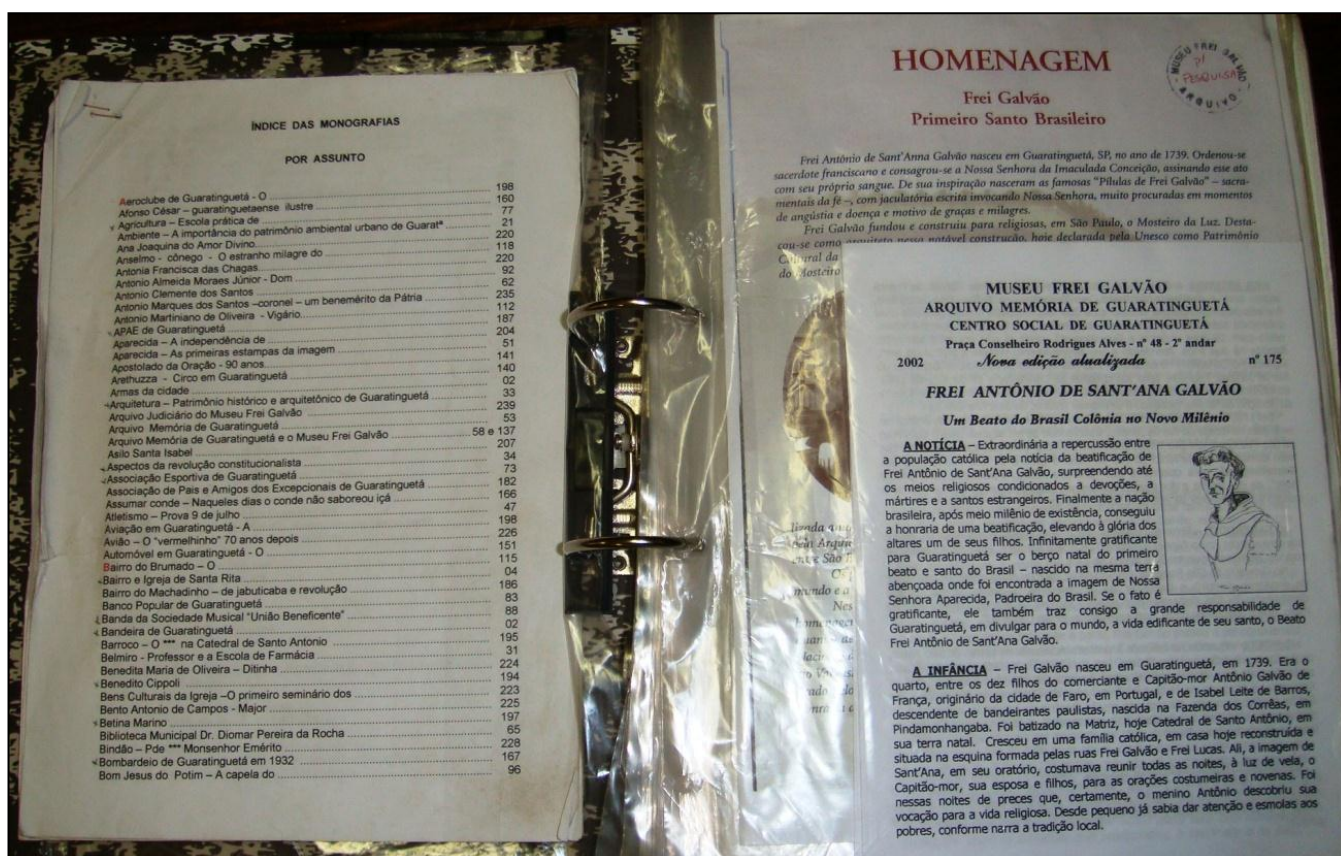
VI

- 01 - FILMOS DO SARGENTO MOR ANTONIO GALVÃO DE FRANÇA E DE SUA MULHER D. ISABEL LEITE DE BARROS.
- 02.- DECLARAÇÃO. De Helvécio de Vesconcelos Castro Coslho sobre o desaparecimento do Livro de Batizados de 1729 a 1739.
- 03 - ÓBITO DO PAI DE FREI GALVÃO.
- 04 - BATIZADOS DOS IRMÃOS DE FREI GALVÃO.
- 05 - CASAMENTO DE ANNA JOAQUINA DE FRANÇA. (irmã de Frei Galvão)
- 06 - CASAMENTO DE ISABEL LEITE GALVÃO. (irmã de Frei Galvão)
- 07 - ÓBITO E TESTAMENTO DE FRANCISCA XAVIER DE FRANÇA.
- 08 - ÓBITO E TESTAMENTO DE FRANCISCO FERRAZ DE ARAUJO.
- 09 - ÓBITO DE ISABEL LEITE GALVÃO (irmã de Frei Galvão)
- 10 - ÓBITO DE MARIA GALVÃO DE FRANÇA. (irmã de Frei Galvão)
- 11 - ÓBITO DO ALFERES FRANCISCO NABO FREIRE (casado com a irmã de F.Galvão)
- 12 - ÓBITO DE MANUEL NOGUEIRA DA SILVA (casado com a irmã de Frei Galvão)
- 13 - XÉROX: PROCESSO DE INVENTÁRIO DE ISABEL LEITE DE BARROS.
- 14 - DESENHO: CASA ONDE NASCEU FREI GALVÃO (Tom Maia)
- 15 - IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTONIO, ONDE FREI GALVÃO FOI BATIZADO. (Desenho de Tom Maia)
- 16 - TRADUÇÃO DOS DIZERES DA PLACA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA MORTE DE FREI GALVÃO. Igreja de N.S. de Luz, São Paulo.
- 17 - DADOS BIOGRÁFICOS DE FREI GALVÃO in "Apontamentos Históricos, Geographicos, Biographicos, Estatísticos e Noticiosos da Província de S. Paulo"
- 18 - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOBRE O CULTO PRESTADO AO SERVO DE DEUS, FREI ANTONIO DE SANT'ANA GALVÃO. 1990.



- 19 - QUESTIONÁRIO RESPONDIDO POR MARIA ISABEL A. RANGEL RIBEIRO.
- 20 - QUESTIONÁRIO RESPONDIDO POR FRANCISCO JOSÉ DE CASTRO FORTES.
- 21 - QUESTIONÁRIO RESPONDIDO POR JOSÉ CARLOS FERREIRA MAIA.
- 22 - QUESTIONÁRIO RESPONDIDO POR THEREZA REGINA DE CAMARGO MAIA.
- 23 - FREI GALVÃO NAS NOTÍCIAS EM JORNAIS DE GUARATINGUETÁ.
- 24 - DEPOIMENTOS SOBRE GRAÇAS ALCANÇADAS.
- 25 - CARTA. De uma devota solicitando oração e pílulas de Frei Galvão
- 26 - PRESENÇA DE FREI GALVÃO EM GUARATINGUETÁ.
- 27 - GUARATINGUETÁ NA ÉPOCA DE FREI GALVÃO.
- 28 - BIBLIOGRAFIA SOBRE FREI GALVÃO EXISTENTE NO MUSEU FREI GALVÃO.
- 29 - PEÇAS DE FREI GALVÃO EXISTENTES NO MUSEU FREI GALVÃO.
- 30 - DECLARAÇÃO: Inauguração do Centro da 3ª Idade "Frei Galvão".
- 31 - CARTA. Para Irmã Célia encaminhando documentação sobre Frei Galvão.
- 32 - RELAÇÃO DOS DOCUMENTOS SOBRE FREI GALVÃO EXISTENTES NO MUSEU FREI GALVÃO.
- 33 - CELEBRAÇÃO DA PALAVRA. Exumação dos restos mortais de Frei Antonio de Sant'Ana Galvão. São Paulo, 5 fev. 1991.
- 34 - RECONHECIMENTO DOS RESTOS MORTAIS DE FREI ANTONIO DE SANT'ANNA GALVÃO. São Paulo, Convento da Luz, 5 fev. 1991.
- 35/- FOTOGRAFIAS. Exumação dos restos mortais de Frei Galvão. São Paulo, Convento da Luz, 5 fev. 1991.
- 39
- 40 - FREI GALVÃO. 1990.
- 41 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DO RIO ABAIXO, BAIRRO DE TETEQUERA - MUNICÍPIO DE PINDAMONHANGABA. (CAPELA DOS CORREAS) - HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO
- 42 - PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO DE FREI GALVÃO - CAPÍTULO II. ELABORADO POR IR. CÉLIA.
- 43- GENEALOGIA DA MÃE DE FREI GALVÃO, D. ISABEL ELITE DE BARROS.
- 44 - DOCUMENTAÇÃO RELATIVA AO ABAIXO-ASSINADO SOLICITANDO AO PAPA JOÃO PAULO II A BEATIFICAÇÃO DE FREI GALVÃO NA ARQUIDIOCESE DE APARECIDA. Abr. e maio 1997.
- 45 - CASAMENTO DOS PAIS DE FREI GALVÃO.
- 46 - INFORMAÇÕES SOBRE O BATISMO DO PAI DE FREI GALVÃO.

Apêndice 3 – Lista das Monografias do ano de 1972 a 2011, Arquivo Memória de Guaratinguetá



ÍNDICE DAS MONOGRAFIAS

POR ASSUNTO

A eroclube de Guaratinguetá - O	198
Afonso César – guaratinguetaense ilustre	160
Agricultura – Escola prática de	77
Ambiente – A importância do patrimônio ambiental urbano de Guarat ^a	21
Ana Joaquina do Amor Divino.....	220
Anselmo - cônego - O estranho milagre do	118
Antonia Francisca das Chagas.....	220
Antonio Almeida Moraes Júnior - Dom	92
Antonio Clemente dos Santos	62
Antonio Marques dos Santos –coronel – um benemérito da Pátria	235
Antonio Martiniano de Oliveira - Vigário.....	112
APAE de Guaratinguetá	187
Aparecida – A independência de	204
Aparecida – As primeiras estampas da imagem	51
Apostolado da Oração - 90 anos.....	141
Arethuzza - Circo em Guaratinguetá	140
Armas da cidade	02
Arquitetura – Patrimônio histórico e arquitetônico de Guaratinguetá	33
Arquivo Judiciário do Museu Frei Galvão	239
Arquivo Memória de Guaratinguetá	53
Arquivo Memória de Guaratinguetá e o Museu Frei Galvão	58 e 137
Asilo Santa Isabel	207
Aspectos da revolução constitucionalista	34
Associação Esportiva de Guaratinguetá	73
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Guaratinguetá	182
Assumar conde – Naqueles dias o conde não saboreou içá	166
Atletismo – Prova 9 de julho	47
Aviação em Guaratinguetá - A	198
Avião – O “vermelhinho” 70 anos depois	226
Automóvel em Guaratinguetá - O	151
B airro do Brumado – O	115
Bairro e Igreja de Santa Rita	04
Bairro do Machadinho – de jabuticaba e revolução	186
Banco Popular de Guaratinguetá	83
Banda da Sociedade Musical “União Beneficente”	88
Bandeira de Guaratinguetá	02
Barroco – O *** na Catedral de Santo Antonio	195
Belmiro - Professor e a Escola de Farmácia	31
Benedita Maria de Oliveira – Ditinha	224
Benedito Cippoli	194
Bens Culturais da Igreja –O primeiro seminário dos	223
Bento Antonio de Campos - Major	225
Betina Marino	197
Biblioteca Municipal Dr. Diomar Pereira da Rocha	65
Bindão – Pde *** Monsenhor Emérito	228
Bombardeio de Guaratinguetá em 1932	167

Bondes – Os nossos	214
Bonfiglio de Oliveira	129
Boticas e farmácias em Guaratinguetá	128
Brasão de Armas de Guaratinguetá	02
Brito Broca - Memórias de Guaratinguetá	89
Brito Broca – O Conselheiro visto por	232
Brumado - Os ranchos de tropas do Bairro do	115
Café – O *** em Guaratinguetá	17
Café – Marcos da era do	209
Câmara Municipal de Guaratinguetá	148
Camargo – João Batista Rangel de	105
Caminho do mar – O	237 e 238
Campeonato Intercolegial de Santos – O primeiro	108
Campos Santos em Guaratinguetá	164
Capela de Nossa Senhora da Piedade	210
Capela de São Gonçalo (Um centenário que não haverá)	178
Capela do Colégio do Carmo	110
Capela do Senhor Bom Jesus do Potim	96
Capela do Senhor dos Passos – A	163
Carlos Gomes – Teatro	72
Carnaval em Guaratinguetá	41
Carnaval de rua em Guaratinguetá	146 e 147
Casa de Frei Galvão	94
Castro Santos – Lycurgo	27
Catedral - Da Capela de pau-a-pique à ***	161
Catedral de Santo Antonio	165
Catedral de Santo Antonio - O barroco	195
Catedral de Santo Antonio - Roteiro de visita	160 → 16
Cavalaria de São Benedito	54
Cavalaria de São Gonçalo e São Benedito, 270 anos	145
Cavalca – Paulo Biagio e sua descendência	149
Cemitério dos Passos – A capela do	163
Cemitérios – Campos Santos em Guaratinguetá	164
Cemitérios – Matriz de Santo Antonio, nosso primeiro campo santo	106
Cemitérios – Alguns registros de óbitos da Matriz	230
Cinema em Guaratinguetá	76
Cinqüentenário de Formatura, Um	71
Circo - O *** em Guaratinguetá	134
Circos em Guaratinguetá - Circo Arethuzza	140
Colégio de Dona Porcinha - O	74
Colégio Nossa Senhora do Carmo	110
Cólera - A *** em Guaratinguetá	116
Colônia do Piagui - Os cem anos da Colônia	117
Colônia do Piagui e os italianos	43
Colônia do Piagui - "Weihnachten", uma noite de Natal na Colônia do Piagui	172
Comarca de Guaratinguetá - A	196
Conde de Assumar	166
Cônego Anselmo – O estranho milagre do	118
Conselheiro Rodrigues Alves – EEPSPG – 80 anos	36
Conselheiro Rodrigues Alves – Instituto	168
Conselheiro Rodrigues Alves – presidente da república	39
Conselheiro Rodrigues Alves – O Museu Histórico e Pedagógico ***	91
Conselheiro Rodrigues Alves – visto por Brito Broca	232

Cooperativismo	
Coronel Marques, um benemérito da Pátria	63
Correio Paulista	235
Costumes antigos - A dança das horas	49
Crime e castigo	215
Cunha - 200 anos de município	225
† Culinária da Semana Santa em Guaratinguetá	60
† Cursos Jurídicos – A família França na fundação dos ***	135
Dama da estação - A	19
Dança das horas	191
Delminda uma história de família	215
Delminda uma história de família	190 - 220
† Dia do padroeiro e dia da cidade	37
† Dilermando Reis	50
Ditinha – Benedita Maria de Oliveira	224
Doce de Baú	227
† Dom Pedro, Guaratinguetá e a independência	23
Ecologia - Guaratinguetá e a ***	61
† Edifícios da era do café	209
† Edu Chaves	198
† Ernesto Quissak	104
† Escola de Agricultura de Guaratinguetá	77
† Escola Complementar de Guaratinguetá	126
Escola Estadual Embaixador Rodrigues Alves	52
Escola Estadual PSG “Conselheiro R. Alves” 80 anos	36
Escola de farmácia – O professor Belmiro e a	31
Escola de farmácia – O professor Belmiro e a	59
† Escola “Flaminio Lessa”	70
Escola Normal – O incêndio na	71
Escola Normal – Um cinquentenário de formatura	193
Escola Normal – memória escolar	192
Escolinha de D ^a Nenê A	97
Escotismo em Guaratinguetá	108
Esporte – 1º campeonato intercolegial de Santos	202
Esporte – Guaratinguetá *** Clube	73
Esportiva: 71 anos de tradições gloriosas	188
Esportes e o Estádio Municipal de Guaratá - Os	191
Estação Ferroviária - A dama da ***	05
† Estação Ferroviária- A chegada do trem a Guaratinguetá	234
Estação Ferroviária – Ingleses em Guaratinguetá e no Vele do Paraíba	188
† Estádio Municipal de Guaratinguetá	138
Estrada de Ferro entre Guaratinguetá, Cunha e Parati	35
Evangelistas – A representação simbólica dos quatro ***	31
Farmácia – A escola de *** e o professor Belmiro	19
Família França e os cursos jurídicos	128
Farmácias – Boticas e *** em Guaratinguetá	153
† Fazenda do Morro Vermelho A	209
† Fazendas de café	82
† Feijó em Guaratinguetá	169
Feijó – Rua *** nº	79
Festa de São Benedito – a cavalaria	166
† Festa de São Benedito – roteiro	103
Festas e lembranças de Guaratinguetá	114
Festas de Santa Cruz	59
Flaminio Lessa	79
† Festa de S. Benedito	

Flora e fauna de Guaratinguetá	181 e 182
+ Folias de Reis e festas da chegada	109
+ Fórum de Guaratinguetá - O	196
Fotógrafos de Guaratinguetá e Aparecida no séc. XIX	99
França – A família *** na fundação dos cursos jurídicos	19
+ Franciscanos – A presença franciscana em Guaratinguetá	68
Francisco José Nogueira – Tent.	190
+ Francisco de Paula Rodrigues Alves - Conselheiro e presidente	39
+ Frei Antonio de Santana Galvão	32 e 180
+ Frei Galvão – Sua vida e sua obra	93
+ Frei Galvão – A casa de	94
+ Frei Galvão – galeria de arte – roteiro de visita	213
+ Frei Galvão – roteiro de visitas da sala de relíquias	203
+ Frei Galvão – Um beato	180
Frei Lucas José da Purificação	123
Fulgência de Oliveira	224
+ Galeria de Arte Frei Galvão – roteiro de visita	213
+ Gastão Formenti	130
+ Gastão Meirelles França Dr.	48
+ Ginásio Nogueira da Gama - O	159
+ Gota de Leite	179
Grupo Juvenil Feminino	211
Guaratinguetá – a vila de Santo Antonio de	218
+ Guaratinguetá através dos séculos	216
+ Guaratinguetá – brasão e bandeira	02
+ Guaratinguetá em 1938	78
Guaratinguetá Esporte Clube	202
+ Guaratinguetá há cem anos	162
+ Guaratinguetá – habitantes primitivos	08
+ Guaratinguetá – localização e significado do nome	01
+ Guaratinguetá – monumentos	56
+ Guaratinguetá ontem e hoje	42
+ Guaratinguetá – os primeiros povoadores	13
+ Guaratinguetá – os primórdios da vila de ***	218
+ Guaratinguetá povoamento das terras de ***	10-11 e 12
+ Guaratinguetá - roteiro turístico e cultural	217
+ Guaratinguetá – velhas ruas	80
+ Guaratinguetá – velhas praças	81 e 90
+ Guarda Mirim de Guaratinguetá	201
Guarda Nacional em Guaratinguetá	139
+ Guerra - Segunda *** Memórias de um pracinha	136
+ Guerra – Segunda – Notícias dos jornais em Guaratinguetá	57
Habitantes - primitivos *** de Guaratinguetá	08
Hemeroteca Guaratinguetaense do Museu Frei Galvão	84
Henrique Turner – Ingleses em Guaratinguetá	234 e 229
+ Igreja e bairro de Santa Rita	04
+ Igreja de Nossa Senhora das Graças	67
+ Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	24
Igreja de Santa Rita: Inês Teodora, a construtora	106-111
+ Igreja de São Benedito e São Gonçalo	178
Iluminação em Guaratinguetá	119
+ Imaculada Conceição – O mosteiro da	131
+ Imprensa em Guaratinguetá - A	07

Incêndio na Escola Normal - O	
Independência - Dom Pedro, Guaratinguetá e a	70
Índio - A presença do *** em Guaratinguetá	23
Índios - Nossas raízes indígenas	142
*Índios - Nossos índios ontem e hoje	176
Inês de Castro e Silva	177
Inês Emília de França	220
†Inês Teodora - a construtora da igreja de Santa Rita	222
Inês Teodora	111
Inglese em Guaratinguetá e no Vale do Paraíba	185 e 220
†Inquisição - Guaratinguetá e a inquisição	234
Instituto de Educação - EEPG "Cons. Rod. Alves" 80 anos	85
Instituto de Educação - memória escolar	36
†Instrução em Guaratinguetá	193
†Intendentes e prefeitos	06
Irmandade de São Benedito	45
Irmandade de Santo Antonio - a mais antiga	79
Irmandade do Santíssimo Sacramento - 280 anos	125
Isabel Leite de Barros	124
†Italianos - A rua dos	215
†Italianos em Guaratinguetá	69
†Italianos - Guaratinguetá, Piagui e os ***	44
†Italianos - Paolo Biagio Cavalca - descendência italiana em Guaratá	43
†Italianos - Os cem anos da Colônia	149
†Italianos - Os cem anos da Colônia	117
Jardim Público do Pedregulho	152
Jerônimo de Aquino - Professor	30
João Batista Rangel de Camargo - Dr	105
†João Dorat - centenário de um artista	143
Jogos Abertos de 1940 em Guaratinguetá	102
†Jongo - O *** em Guaratinguetá	233
Jornais - A hemeroteca guaratinguetaense	84
José Pereira Éboli Prof.	185
Judiciário - O arquivo *** no Museu Frei Galvão	234
Júlia Mann, Parati e Guaratinguetá	122
Lacaz - Professor Rogério	26
Lembranças e estampas de Nossa Senhora Aparecida	168
Livro do tombo-o primeiro	120
†Localização geográfica do município	01
Lycurgo de Castro Santos	27
Lycurgo de Castro Santos	186
Machadinho - O bairro do	225
Major Bento Antonio de Campos	190
Manoel Gonçalves Franco - Padre	190
†Maria Augusta - a filha do Visconde	107 e 184
Maria das Dores Cristina dos Santos	220 e 221
Maria Tereza de Meirelles	220
Marques - coronel - um benemérito da Pátria	235
120 - Matriz - catedral, monumentos	165
Matriz de Santo Antonio - A	14
Matriz de Santo Antonio (da capela de pau-a-pique à Catedral)	161
Matriz de Santo Antonio - primeiro livro do tombo	120
Matriz de Santo Antonio - vigários da paróquia	22
Matriz de Santo Antonio - alguns termos de óbitos	230
Matriz de Santo Antonio - primeiro campo santo	106

Matriz de Santo Antonio – o barroco na catedral	195
Matriz de Santo Antonio – os sinos da ***	206
Matriz de Santo Antonio – representação dos quatro evangelistas	35
Meio ambiente	176 e 177
Memórias de um pracinha	136
Memória escolar	193
Mercado Municipal	98 e 212
+ Mercado Municipal – os 111 anos do	207
Milagre – O estranho *** do Cônego Anselmo	118
Moda da Casa – A	113
Monografias – relação	174
+ Monumentos de Guaratinguetá	56
Monsanto-Vimeeiro – A questão	09
Monsenhor Bindão	228
+ Monsenhor Filippo – Vida e Obra	16
Morro Vermelho - A fazenda	209 - 153
Mosteiro da Imaculada Conceição - O	131
Mulheres de Guaratinguetá nos Séc. XVIII e XIX	220
Mundial de Guará - A	217 - 127
Museu Frei Galvão – arquivo judiciário	239
Museu Frei Galvão e o Arquivo Memória de Guaratinguetá	58 - 137
Museu Frei Galvão e o 1º seminário dos bens da igreja	223
+ Museu Frei Galvão – Hemeroteca	79 ?
+ Museu Frei Galvão – os 25 anos do	175
Museu Frei Galvão – relação de monografias	174
+ Museu Frei Galvão – trinta anos de arte, etc.	236
+ Museu Histórico e Pedagógico “Conselheiro Rodrigues Alves”	91
Navegação – A viabilidade da *** no Rio Paraíba	64
Natal – “Weihnachten” uma noite de *** na Colônia do Piagui	172
Negro – A presença do *** na cultura guaratinguetaense	55
Nenê D ^a - a escolinha de	192
Nossa Senhora Aparecida - Naqueles dias o conde	166
Nossa Senhora Aparecida - Lembranças e estampas	168
Nossa Senhora da Piedade – A capela de	210
Nossa Senhora das Graças – Igreja	67
Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Igreja	24
Nova Guará e a Vila Paraíba – A	189
+ Nove de julho – A corrida, 50 anos	47
+ Óbitos – registros de	230
Oizumi, cidade-irmã de Guaratinguetá	158
+ Orfanato Puríssimo Coração de Maria	156
Paolo Biagio Cavalca, a maior descendência italiana em Guaratinguetá	149
Paraíba – viabilidade da navegação no rio ***	64
Paraíba – A saga do Rio Paraíba do Sul	29
Patrimônio ambiental de Guaratinguetá - a importância do	21
Patrimônio histórico e arquitetônico de Guaratinguetá	33
Pedregulho – O jardim público	152
Pedregulho O – notas para sua história	173
Pedreira – O bairro da *** e o caminho do mar	200
Pedreira – O rancho da	75
Pedro Dom – Guaratinguetá e a independência	23
Pedro Marcondes Leite – prefeito - centenário de nascimento	22
Piagui – os cem anos da colônia	117

picuta – Rancho da	81 - 86
+Pintores e viajantes europeus em Guarat ^a nos séculos passados	18
+Ponte Metálica A – uma “jovem” de oitenta anos	15
Potim – A capela do Senhor Bom Jesus do	96
Pórcia Clementina de Castro Santos	215
Porcinha D ^a - O colégio de	74
Povoadores de Guaratinguetá – Os primeiros	13
Povoamento das terras e sertões de Guaratinguetá	10 - 11 - 12
Praças antigas	81 - 90
Pracinha – Memórias de um *** guaratinguetaense	131
Prefeitos e intendentes	45
Presépios	40
Primeiro Seminário dos bens culturais da igreja	223
Primeiros povoadores de Guaratinguetá	13
+Princesa Isabel em Guaratinguetá - A	133
+Proclamação da República em Guaratinguetá	28 - 46
Professor Belmiro e a escola de Farmácia	31
Professor Jerônimo de Aquino	30
Professor José Pereira Eboli	185
Professor Rogério Lacaz	26
Prova 9 de julho - 50 anos	47
Querubino – doce de baú	227
+Quando Guaratinguetá foi fluminense	25
+Quaresma e Semana Santa em Guaratinguetá	66
Questão Monsanto Vimeeiro – A	09
+Quissak Júnior - O legado de	219
Rádio Clube, jubileu de ouro	101
Rancho da Pedreira	75
Rancho da Picuta	86
Ranchos de Tropas – Os *** do bairro do Brumado	115
Rangel de Camargo – João Batista	105
+Relíquias de Frei Galvão	203
Reis – Folias de *** e festas de chegada	104
Relíquias de Frei Galvão	203
República – Proclamação da *** em Guaratinguetá	28 e 46
Representação simbólica dos quatro evangelistas	35
Revolução Constitucionalista de Guaratinguetá – alguns aspectos	34
Revolução Constitucionalista – jabuticaba e ***	186
+Revolução Constitucionalista A *** na memória de Guaratinguetá	154
+Revolução de 32 - O bombardeio de Guarat ^a em setembro de 32	167
Ribeirão dos Motas	155
+Rio Paraíba – A viabilidade de navegação no ***	64
+Rio Paraíba do Sul - A saga do	29
Rodrigues Alves - Conselheiro e presidente	39
Rodrigues Alves visto por Brito Broca	232
Rogério da Silva Lacaz – Professor	26
Rosa Maria do Carmo de Oliveira	220
Roseira Velha	210
+Roteiro da Galeria de Frei Galvão	213
Rua da Figueira	199
+Rua dos Italianos	69
Rua Feijó	169
Rua Marechal Deodoro - O sobradão da	183

Rua Vigário – O sobrado da ***	132
Rua Visconde de Guaratinguetá	199
Ruas antigas e ruas em 1851.....	03 - 80
Saga do Rio Paraíba do Sul – A	29
† Santa Casa de Misericórdia - A	95
† Santa Cruz – festa de ***	114
† Santa Rita – Igreja e bairro	04
† Santa Rita – igreja - Inês Teodora, a construtora	111
† Santo Antonio - A irmandade de	125
† Santo Antonio - A devoção a *** padroeiro de Guaratinguetá	87
† São Benedito – A irmandade e a festa	79
† São Benedito – Roteiro da festa	171
† São Gonçalo – A volta de	100
† Segunda Guerra Mundial	57
† Segunda Guerra Mundial – Memórias de Um Pracinha	136
† Semana Santa – Culinária da	135
† Semana Santa e quaresma em Guaratinguetá	66
† Seminário dos Bens Culturais da Igreja – Primeiro	223
† Sinos – a linguagem dos – A dança das horas	215
† Sobradão da Rua Marechal Deodoro – O	183
† Sobrado do Largo do Teatro – O	231
† Sobrado da Rua Vigário – O	132
† Sociedade Musical Beneficente - O arquivo da	88
† Sol de Guaratinguetá O – M ^a das Dores C. dos Santos	221
† Solar Rangel de Camargo – O	33
† Teatro amador em Guaratinguetá	150
† Teatro em Guarát ^a - O	144
† Teatro Carlos Gomes O	72
† Teixeira Machado	208
† Telefone – O *** em Guaratinguetá	170
† Tesouro da Ilha da Trindade - O	121
† Trem de ferro – A chegada à Guaratinguetá	05
† Tropas – Os ranchos de tropas do bairro do Brumado	115
† Um centenário que não haverá	178
† Umbanda em Guaratinguetá – A	38
† Velhas ruas	80
† Velhas praças	81 - 90
† Vermelhinho – O *** 70 anos depois	226
† Viajantes europeus em Guarat ^a nos séculos passados	18
† Vigário – Antonio Martiniano de Oliveira.....	112
† Vigário Rua – O sobrado da ***	127
† Vigários da Paróquia de Santo Antonio	229
† Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá	218
† Vila Paraíba – A Nova Guará e a	189
† Visconde de Guaratinguetá - O	20
† Visconde – rua	199
† Vitrais sacros em Guaratinguetá	157
† Zerbini Dr	120

MONOGRAFIAS DE 2005 A 2011

<u>NOME</u>	II	<u>Nº</u>
Relação das Pessoas que Costumam Andar na Governança da Vila de Guaratinguetá - 1823-1829.....		256
Memórias do Papa João Paulo II em Guaratinguetá.....		257
Domingos Velho Cabral e a Vila de Guaratinguetá.....		258
O povoamento das Terras e Sertões de Guaratinguetá - Sesmarias e Sesmeiros do século XVIII.....		259
São Miguel Arcanjo na devoção do Beato Frei Galvão.....		260
Beato Frei Galvão no Buriti Shopping Guará.....		261
O Mercado Municipal de Guaratinguetá e sua Arquitetura.....		262
O Cotidiano de uma Fazenda.....		263
Mulheres Anônimas e Independentes em Guaratinguetá - século XIX.....		264
André Broca Filho - Político da Segunda República.....		265
Guaratinguetá Futebol Ltda. A Garça voou alto.....		266
Alguns Vultos de Guaratinguetá.....		267
Médicos de Guaratinguetá no Século Dezenove.....		268
Mineiros em Guaratinguetá.....		269
O Milagre de Frei Galvão.....		270
Lindolfo Gomes.....		271
João Lourenço Rodrigues - um marco na história da educação em Guaratinguetá.....		272
Uma Relojoaria Centenária na História do Comércio de Guaratinguetá.....		273
Anastácia.....		274
Pai João e Escrava Anastácia.....		275
O Ferro como Ornato na Arquitetura em Guaratinguetá.....		276
São Benedito, o Mouro.....		277
Velha Escola.....		278
A Confraria de Cavaleiros de Frei Galvão.....		279
Guaratinguetá na Arquitetura de Debret - 1827.....		280
O Papa Bento XVI na Fazenda da Esperança.....		281
Frei Hans Stapel e as Fazendas da Esperança.....		282
Frei Galvão em Braile.....		283
Pequena Notícia de um Descaminho do Ouro em Guaratinguetá no século XVIII.....		284
Museu Frei Galvão - 35 anos.....		285
José Luiz Pasin - Um Líder Cultural.....		286
Reflexos da Corte de D.João VI em Guaratinguetá -1808-2008.....		287
Nossa Estação Revisitada.....		288
As Estações Ferroviárias de Guaratinguetá.....		289
Os Salões de Belas Artes de Guaratinguetá.....		290
Antigos Pintores de Guaratinguetá.....		291
O Conjunto Devocional e Cultural Frei Galvão.....		292

MONOGRAFIAS DE 2005 A 2011

NOME	Nº
Frei Galvão – Padroeiro da 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeronáutica).....	293
As Sete Maravilhas de Guaratinguetá	294
O Painel – Guaratinguetá Nossa Terra Nossa Gente	295
Madre Maria de Lourdes de Santa Rosa em Beatificação	296
Presença de Euclides da Cunha em Guaratinguetá	297
Recordações da Beatificação de Frei Galvão	298
Os Empregados do Comércio de Guaratinguetá	299
A Associação Comercial de Guaratinguetá	300
A Estrada Real em Guaratinguetá	301
Caminho Frei Galvão Turismo de Aventura	302
Presença Libanesa em Aparecida e Guaratinguetá	303
Centenário da Presença Franciscana em Guaratinguetá Terra de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão (1910 a 2010)	304
Lembrança do Imperador D.Pedro I em Guaratinguetá	305
O Centenário de Madre Maria de Lourdes de Santa Rosa	306
Padre Geraldo Pires de Souza Escritor Redentorista	307
Frei Galvão Patrono de Guaratinguetá	308

Apêndice 4 – Lista de periódicos do Arquivo Memória de Guaratinguetá

Museu “Frei Galvão”

Arquivo “Memória de Guaratinguetá”

GUARATINGUETÁ Inaugurado em 23 de dezembro de 1972 ESTADO DE SÃO PAULO
Praça Conselheiro Rodrigues Alves, 48 – Telefone 22-3674 – Cep. 12.500
Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal n.º 1.297 de 15 de maio de 1.973
C. G. C. n.º 45.209.202/0001

PERIÓDICOS EM CIRCULAÇÃO

01. Correio Paulista (antigo Correio Popular) - 1914
02. O Eco - 1927
03. Cooperativa de Laticínios de Guaratinguetá: Relatório - 1947
04. Diário de Guaratinguetá - 1948
05. O Garça - 1964
06. O Especialista em Revista (Revista) - 1973
07. Monografias Culturais - 1978
08. Folha do Povo - 1979
09. Relatório anual das atividades sociais - Grupo de Fraternidade
"Irmão Altino" - 1980
10. Boletim do Rotary Club de Guaratinguetá - 1981
11. Jornal da Boa Vontade - Outubro de 1981
12. Jornal do Itaguará - 1983
13. Comunicação - Revista - 1984
14. Jornal do Carnaval - 1985
15. Gazeta de Guaratinguetá - Junho 1985
16. Vale Tudo - 1986
17. Agenda - Setembro 1986
18. Jornal do Clube - Dezembro 1986
19. A Cidade - maio 1988
20. Jornal Acontece - julho 1988

Museu "Frei Galvão"

GUARATINGUETÁ *Inaugurado em 23 de dezembro de 1972* ESTADO DE SÃO PAULO

Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal n.º 1.297 de 15 de maio de 1.973

C. G. C. n.º 45-909-202/0001

Em defesa do Patrimônio Cultural do Vale do Paraíba

PERIÓDICOS FORA DE CIRCULAÇÃO

01. O Mosaico - 1858
02. O Parahyba - 14 maio 1865
03. Guarás - 1889
04. Gazetinha - 1890
05. Correio do Norte - 1892
06. O Clarim - 1903
07. Gazeta do Povo - setembro 1903
08. Anuário Guaratinguetaense da Gazeta do Povo - 1904
09. Gazeta Paulista - 1904
10. Voz do Povo - Abril 1906
11. O Troça - Maio 1906
12. A Cruz - 1907
13. Gazeta do Norte - 1910
14. Onze de Abril - 1911
15. Guaratinguetá. Prefeitura Municipal. Relatório - 1914
16. Correio Popular - Fevereiro 1914
17. O Pirralho - 1916
18. O Repentino - 1923
19. O Farol - Janeiro 1924
20. A Liberdade - Março 1924
21. O Diário - 1925
22. São Paulo Norte - 1926
23. O Normalista - Fevereiro 1927
24. Folha Operária - Agosto 1927
25. O Grêmio - 1928
26. Alvorada - 1929
27. Sociedade Produtora de Laticínios de Guaratinguetá. Relatório do Conselho Administrativo - 1931

- 1 -

Conheça e valorize sua terra e sua gente

Museu "Frei Galvão"

GUARATINGUETÁ Inaugurado em 23 de dezembro de 1972 ESTADO DE SÃO PAULO

Reconhecimento de Utilidade Pública pela Lei Municipal n.º 1.597 de 15 de maio de 1.973

C. G. C. n.º 45-809-002/0001

Em defesa do Patrimônio Cultural do Vale do Paraíba

28. O Grêmio - 1933
29. A Cruzada - Janeiro 1933
30. O Tricolor - 1933
31. A Campanha - 1934
32. A Lavoura - 1934
33. A Nossa Folha - 1934
34. O Santélmo - 1935
35. Guaras - 1938
36. O Pensamento - 1939
37. "203" - 1941
38. O Estudante - 1943
39. A Formiga - 1944
40. Folha Popular - 1946
41. O Município - 1948
42. A Libélula - Junho 1948
43. Infância - Julho 1948
44. O Radar - 1948
45. O Amigo da Onça - 1949
46. O Indiscreto - 1949
47. O Estudante - 1950
48. O Piraquara - 1950
49. Instituto de proteção à primeira infância de Guaratinguetá. Relatório. - 1950
50. Folha do Norte - 1951
51. Zum Zum - 1951
52. O Combate - 1952
53. O Vagalume - Revista - 1953
54. O Momento - 1954
55. A Garça - 1956
56. Costa Braga - Junho 1956
57. Cooperativa de Laticínios de Guaratinguetá. Boletim informativo 1956.

Conheça e valorize sua terra e sua gente - 2 -

Museu "Frei Galvão"

GUARATINGUETÁ *Inaugurado em 23 de dezembro de 1972* ESTADO DE SÃO PAULO

Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal n.º 1.297 de 15 de maio de 1.973

C. G. C. n.º 45-509-302/0001

Em defesa do Patrimônio Cultural do Vale do Paraíba

58. O Paulistinha - 1956
59. Boletim Oficial - 1957
60. Aleluia - 1957
61. Voz do Bairro - 1959
62. A Cidade - 1959
63. Boletim Comemorativo do 25º Aniversário da Associação Agro-Pecuária de Guaratinguetá - 1961
64. Sociedade - 1963
65. O Águia - 1963
66. Relatório Geral das Atividades do Centro Cultural de Estudos e Debates "Eduardo Prado" - 1964
67. Eco da Juventude - 1964
68. Gazeta do Vale - 1964
69. O Vagalume - 1964
70. O Mosaico - 1965
71. Alvorada - 1965
72. O Nogueira da Gama - 1965
73. O Instituto - 1965
74. Do Leão para Garça - 1966
75. Itaquarã - Revista - 1967
76. Piraquarinha - 1967
77. O Veter - 1968
78. Revista Piraquarinha - 1968
79. Jornal do Povo - 1969
80. O Lince - 1969
81. Garcinha - 1972
82. O Cooperador - 1973
83. Tamandaré - 1973
84. Pesquisando - 1973
85. O Bolão - 1974

- 3 -

Conheça e valorize sua terra e sua gente


Museu “Frei Galvão” Arquivo “Memória de Guaratinguetá”

Inaugurado em 23 de dezembro de 1972

GUARATINGUETÁ ESTADO DE SÃO PAULO
Praça Conselheiro Rodrigues Alves, 48 - Telefone (12) 3122-3674 - Cep: 12500-020
Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº 1.297 de 15 de maio de 1973
C.G.C. 45.209.202/0001-86

86. Boletim Informativo da Santa Casa - 1975
87. Jóia - 1975
88. Informativo do SAAEG - 1976
89. Nosso Jornal - 1977
90. Te Contei? - 1978
91. O Repórter - 1978
92. O Braguinha - 1978
93. O Varejista - 1978
94. Jornal da Semana - 1979
95. Jornal da Esportiva - 1979
96. Correio Cultural - 1983
97. Motivação - 1983
98. O Arauto - 1983
99. Jornal da Cidade - 1984
100. Boa Viagem - 1985
101. Valeãoite - maio 1986
102. Panorama Cultural - junho 1986
103. Jornal Guaratinguetá - outubro 1987
104. Boletim de Circulação Interna do Instituto de Yoga de Guaratinguetá. s.d.p.
105. Jornal da Terra - junho 1993.

Apêndice 5 – Lista do Arquivo Judiciário


MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
 Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
 2003 Nº 234
O ARQUIVO JUDICIÁRIO DO
MUSEU FREI GALVÃO

Em 1985, o Museu Frei Galvão foi honrado com a guarda e preservação de um dos mais importantes acervos documentais da história de Guaratinguetá, através de um convênio com o Tribunal de Justiça de São Paulo.

Esse ato foi registrado na primeira página do *Jornal "O Eco"* datado de 02 de março de 1985 que noticia o seguinte:



Com a presença de importantes autoridades do Conselho Superior da Magistratura do Estado de São Paulo, o Dr. Marcos Nogueira Garcez, Corregedor Geral da Justiça do Estado, do Desembargador Cândido Dinamarco, do Desembargador Antônio Carlos Alves Braga, do Dr. Belmiro Dinamarco Filho, ex-prefeito e ex-promotor de Guaratinguetá e da diretoria do Museu Frei Galvão, foi assinado no dia 21 de fevereiro de 1985, no Palácio de Justiça de São Paulo, através de seu presidente Dr. Bruno Affonso André e da Profª Thereza Regina de Camargo Maia, diretora do Museu Frei Galvão, importante convênio entre as duas entidades. Este convênio, o primeiro a ser realizado entre o Tribunal de Justiça e uma entidade particular dedicada à preservação de nossa memória, deverá servir de exemplo a outras Comarcas que visem a guarda e divulgação de documentação existente em seus cartórios.

O convênio tem por objetivo a entrega pelo Tribunal de Justiça, de parte do acervo dos cartórios da cidade, que compreende documentos de interesse histórico dos séculos XVIII, XIX e XX até 1920, ao Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão para sua restauração, conservação e catalogação, de forma a facilitar a pesquisa, a divulgação e os levantamentos históricos a serem feitos por historiadores e pesquisadores.

Dessa forma, Guaratinguetá é a primeira cidade a receber essa honra do Conselho Superior da Magistratura do Estado, numa valorização de nossa gente e nossa terra - segunda Vila erguida no Vale do Paraíba. Posteriormente, o Museu Frei Galvão publicará um catálogo sobre essa documentação, de grande importância para a história regional, local e nacional. Catálogo este que será organizado pelo Dr. Helvécio Vasconcellos Castro Coelho, especialista no assunto e grande conhecedor dos arquivos cartorários da região do Vale do Paraíba e do Estado, ligados a Guaratinguetá.

A partir dessa data, o Museu Frei Galvão passou a cumprir os objetivos propostos pelo Convênio, além de facilitar a pesquisa aos interessados, com a elaboração de Catálogos dos Documentos, em ordem cronológica e alfabética.

O acervo foi sendo enriquecido através dos anos, provando a confiança que o Poder Judiciário e outras entidades oficiais têm na ação preservacionista exercida pelo Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá, este com milhares de documentos, músicas e fotografias.

Atualmente esse valioso patrimônio judiciário de nossa história e memória guarda a seguinte documentação:

- 1 - Inventários e Testamentos - 1ª Vara: 228 caixas - séculos 18, 19 e 20 (1710-1960).
- 2 - Inventários e Testamentos - 2ª Vara: 108 caixas - séculos 19 e 20 (1838-1960).
- 3 - Processos Cíveis e Criminais - 1ª Vara: 230 caixas - séculos 18, 19 e 20.
- 4 - Processos Cíveis - 2ª Vara: 146 caixas - séculos 19 e 20.
- 5 - Processos Criminais - 1ª Vara: 97 caixas - século 20.
- 6 - Processos Criminais - 2ª Vara: 89 caixas - séculos 19 e 20.
- 7 - Processos e Actas do Júri - 1ª Vara: 23 caixas - séculos 19 e 20.
- 8 - Processos do Júri - 2ª Vara: 27 caixas - século 20.

- 9 - Actas e Processos de Qualificação de Eleitores: 26 caixas - séculos 19 e 20.
- 10 - Actas e Processos do Juízo de Paz: 12 caixas - séculos 19 e 20.
- 11 - Atestados de óbitos lavrados pelos Inspetores de Quarteirão: 46 caixas- séc.19 e 20.
- 12 - Processos de Alistamento Militar: 4 caixas - séculos 19 e 20.
- 13 - Escrituras de Escravos: 1 caixa.
- 14 - Processos Matrimoniais - 1º Cartório do Registro Civil: 228 caixas - séculos 19 e 20.
- 15 - Processos Diversos - 1º Cartório do Registro Civil: 22 caixas - século 20.
- 16 - Documentos Diversos - 1º Cartório do Registro Civil (Certidões, proclamas, etc.): 13 caixas - século 20.
- 17 - Livros de Registros (penhor agrícola, hipotecas, indicadores pessoais): 10 livros grandes - séculos 19 e 20.
- 18 - Livros de Registros de Testamentos: 3 caixas - séculos 19 e 20.
- 19 - Livros de Registros de Audiências Judiciais: 6 caixas - séculos 19 e 20.
- 20 - Livros de Distribuição: 4 caixas - séculos 19 e 20.
- 21 - Livros de Registros Diversos (a classificar): 10 caixas - séculos 19 e 20 (recém arquivados).
- 22 - Índice Alfabético dos Inventários e Testamentos da 1ª Vara - 1710-1960.
- 23 - Índice Cronológico dos Inventários e Testamentos da 1ª Vara - 1710-1960.
- 24 - Índice Cronológico dos Inventários e Testamentos da 2ª Vara - 1838-1960.
- 25 - Índice dos Processos Cíveis - 1ª e 2ª Varas.
- 26 - Índice dos Processos Criminais - 1ª e 2ª Varas.
- 27 - Índice Alfabético dos Processos Matrimoniais do 1º Cartório do Registro Civil: 1890-1909.
- 28 - Índices Antigos Diversos - séculos 19 e 20.
- 29 - Catálogos informatizados, com a listagem dos Cartórios do 1º Ofício a partir de 1710, do 2º Ofício e dos Processos de Casamentos, entre 1890 e 1908.
- 30 - Livro de Registros de Eleitores: 1 livro grande - séculos 19 e 20.
- 31 - Arquivo Advocatício - "Rangel de Camargo": 15 volumes.
- 32 - "Genealogia dos Marcondes" - p/ Prof. João Ribeiro Marcondes Machado: 25 volumes.
- 33 - "Genealogia Guaratinguetaense" - p/ Dr. Gastão de Meireles França: 13 títulos.

As pesquisas podem ser realizadas diariamente com hora marcada pelo

telefone (12) 3122-3674, para atendimento especializado.

Documentos em exposição

Para que o público tome conhecimento desse precioso e volumoso acervo, o Museu Frei Galvão estará expondo algumas dessas relíquias documentais durante o *mês de junho de 2003*, mês em que se comemora o aniversário de Guaratinguetá. Entre os documentos que farão parte da exposição, destacamos:

- Inventário de **dona Isabel Leite de Barros Galvão**, falecida em 1755 e mãe do Beato Frei Antônio de Sant'Ana Galvão - primeiro brasileiro na glória dos altares.
- Inventário de **Manuel José de Mello**, falecido em 1852. Fazendeiro do café e proprietário do antigo Engenho Conceição. Filho do Capitão-mor que hospedou, em Guaratinguetá, o Príncipe D. Pedro na viagem para a Independência do Brasil.
- Inventário de **Francisco de Assis Oliveira Borges - Visconde de Guaratinguetá**, falecido em 1879, único titular do Império em Guaratinguetá, grande cafeicultor e uma das maiores fortunas em terras paulistas.
- Inventário de **Francisco de Paula Rodrigues Alves** - Conselheiro no Império e Presidente da República, falecido em 1919, nas vésperas da posse para seu segundo mandato como Presidente da República.
- **Documentos diversos** de grande interesse para a história de nossa terra, nossa gente e nosso país.
- **Catálogos** em ordem cronológica e alfabética que poderão ser consultados sobre a documentação dos Cartórios do 1º e 2º Ofícios e Casamentos entre 1890 e 1908.

Dessa mostra, denominada "*Documentos da História de Guaratinguetá*" ainda fazem parte uma escrivania alta, doada pelo Cartório do Registro de Imóveis de Guaratinguetá, tinteiros, canetas e penas para a escrita da época, quando não havia máquinas de escrever nem computadores.

Esta exposição - inédita em Guaratinguetá e Vale do Paraíba - faz parte do *Projeto Conservar e Conhecer o Arquivo Judiciário de Guaratinguetá*, idealizado pelo Museu Frei Galvão - Arquivo Memória de Guaratinguetá, visando ampliar suas atividades ligadas à conservação, preservação e divulgação da história de Guaratinguetá, sua terra e sua gente.

Nota: - O Museu Frei Galvão deseja, com a publicação desta monografia homenagear o doutor **Helvécio Vasconcelos Coelho** por sua dedicação ao Arquivo Cartorário de Guaratinguetá, por ele preservado e catalogado desde a década de 1950, e por seus estudos genealógicos, focalizando antigas famílias paulistas, especialmente de Guaratinguetá.

- O Museu Frei Galvão igualmente cumprimenta **Joaquim Roberto Fagundes** por seu interesse pelos documentos cartorários e históricos e pela informatização dos Catálogos do Arquivo Judiciário do Museu Frei Galvão, de grande utilidade para os pesquisadores.

Apêndice 6 – Transcrição das entrevistas realizadas com Thereza Maia

Transcrição da entrevista feita com a historiadora Thereza Maia no Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá, 7 de novembro de 2011.

Patrícia Manchini - Quais foram as dificuldades encontradas neste longo percurso de montagem do acervo?

Thereza Maia - Dificuldades tem de todos os tipos e alegrias também, os acervos estão chegando, eu tenho, por exemplo, um acervo que ganhei, que o Museu ganhou, recebi há uns 4 meses, um acervo de Música Sacra. O que eu vou fazer com esse acervo aqui? Arquivo de Música parado, tá morto. Aí telefonamos para Aparecida, se lá eles aceitavam, porque lá tem pesquisa, tem coral, eles poderiam aproveitar, porque aqui vai ficar fechado, nós não temos nada de Música. Tinha um outro coral da Marina lá da Catedral, que acabou dizendo há uma semana que está fechando o coral, porque as vozes masculinas estão fracas, são todos de idade, um tem 82 e com marca-passos, ela não tem mais condições de ensaiar lá. Então, o acervo está aqui também, vai ficar por um tempo, porque ela está viva, mas depois eu tenho que colocar num lugar...

Patrícia Manchini - Então tudo passa pelas mãos da senhora?

Thereza Maia - Sim, passa. Sempre está chegando coisas e documentos, a gente vai catalogando, faz uma revisão, dos jornais também.

Patrícia Manchini - Geralmente são doações?

Thereza Maia - Tudo doações, porque não temos dinheiro para comprar (risos). E acho que já é um grande avanço. Antigamente se perdiam tudo, diziam: “Ah, que bobagem!” As pessoas morriam e colocavam fogo nos documentos, então se perdia muita coisa.

Patrícia Manchini - E é uma área que a senhora gosta? Trabalhar com documento?

Thereza Maia - Eu gosto, sempre gostei. Pois, imagine que quando eu era criança, eu queria ser arqueóloga no Egito, o que você acha? (risos). Então, virei arqueóloga da vida. Sempre gostei, a casa que eu moro é antiga, procuro preservar o máximo possível, apesar de ter criança correndo, mas eu faço por gosto. Porque ganhar, eu não ganho nada.

Patrícia Manchini - Existe um vídeo da senhora na internet, no youtube, a senhora concedendo uma entrevista na Casa onde nasceu Frei Galvão. Já estive lá, uma senhora que trabalha na loja de souvenir, disse que é a família que mantém. Como é essa relação com os recursos financeiros, para manter tudo isso?

Thereza Maia - É o seguinte, no momento nós estamos mantendo, agora nós já estamos pensando no futuro, porque tem mês que eu vou dizer para você, conseguimos manter, não sobra nada, mas paga os funcionários, porque se você for lá ver na loja, o que tem para vender são coisas baratinhas. E não podemos colocar lucro nenhum porque as pessoas que vão lá visitar, também não compram. Aí não compram e aí é zero, como dizem aí nem mel nem cera. Então, vai equilibrando, a gente tá procurando gastar em divulgação, em revistas, essas entrevistas, e vai aumentando lentamente, tem um problema sério que infelizmente não depende da gente, que é o estacionamento de ônibus, os carros reclamam muito, chegam e param na porta da Catedral, e o guarda avisa que é só um pouquinho, a maioria dos devotos que vem rezar, não tem onde estacionar.

Patrícia Manchini - Não existe nenhum outro recurso da Prefeitura ou do Estado?

Thereza Maia - A prefeitura sede aqui de manhã uma funcionária que já está aposentada, a Sonny, ela continuou aqui - mas não dá recurso nenhum, aí a gente mantém. Com o mês que da para pagar os funcionários, o mês que não dá a gente intera. É difícil mesmo. E aqui no museu é a mesma coisa. Nós estamos investindo em divulgação para manter.

Patrícia Manchini - A senhora Thereza é a maior responsável por tudo isso (Museu) existir?

Thereza Maia - Sim, porque não tinha quem fizesse. Principalmente do Frei Galvão. E o Museu também, porque o que vem de TV Globo, que esta aqui a toda hora perguntando, pesquisadores, agora calcula se eu não tivesse feito esse trabalho? Então, é uma coisa que eu acho maravilhosa conseguir juntar esse acervo.

Patrícia Manchini - Imagino o trabalho que a senhora teve...não, é?

Thereza Maia - Na verdade é lazer e trabalho. Agora, essa funcionária que fica aqui na parte da tarde (Alice) foi minha aluna de Biblioteconomia, aí recebi algumas alunas voluntárias para catalogar o acervo, a partir daí ela foi contratada, já está aqui há bastante tempo.

Patrícia Manchini - A imagem de Guaratinguetá mudou depois de ter um santo?

Thereza Maia - Sim, mas poderia ter mudado mais. Existem ainda pessoas que não dão valor ao patrimônio que a cidade possui e não aproveitam esses valores culturais, que são hoje do interesse não apenas nacional, mas internacional. Essa é uma das razões da publicação do livro “Guaratinguetá, ontem e hoje”.

Patrícia Manchini - Quando cheguei vi uma moça fazendo um tipo de colagem de algumas fotografias. É sobre algum livro novo?

Thereza Maia - Graças a Deus a editora resolveu fazer esse livro, porque a parte do livro o difícil é a distribuição. Você fazer, até arrumar para imprimir, é uma coisa. Agora, você colocar o livro para funcionar, para acontecer é outra coisa, é o problema.

Patrícia Manchini - O público que vem visitar o Museu, quem são essas pessoas?

Thereza Maia - O maior público é em agosto, são as escolas para ver as exposições de folclore, esse é o maior público. Fora isso são pesquisas como a sua, teve brasilianista que veio dos Estados Unidos, escreveu sobre o Dilermando Reis e mandou a tese em inglês aqui para nós. Agora tem a outra funcionária que atende da parte de informática, porque eu não sei lidar com isso, eu sei o que eu quero. Então, atendemos pela internet, pessoalmente com o maior gosto. E eu deixei guardado para você folheto de uma pesquisa detalhada com as informações do Museu.

Patrícia Manchini - E sobre os projetos educativos do Museu?

Thereza Maia - Eu fui professora de folclore da Fatea de Lorena, então nós temos uma exposição sobre o folclore.

Patrícia Manchini - Fiz um ensaio para uma disciplina do mestrado da Universidade do Porto baseado naquele livro que a senhora escreveu sobre o Comércio de Guaratinguetá...

Thereza Maia - Que bom, fico feliz que foi útil. Eu tenho dois livros sobre Portugal, você sabia? Eu gosto muito de Portugal, eu já estive lá várias vezes. Já fui convidada para vários eventos, tenho um pé aqui e outro lá (risos). Eles sempre me convidam para falar dos livros, eu gostei muito de Óbidos, o Tom quando chegou lá falou: “Nossa! Eu vou desenhar essa cidade, essa muralhas.” Óbidos você não perca, vá visitar. Não é longe do Porto, nada é longe lá (risos). Mas é super povoado, é uma cidade atrás da outra.

Patrícia Manchini - A senhora se identifica com Portugal?

Thereza Maia - Nossa, eu adoro Portugal. E converso bem com eles, “ora pois”, já estive em jantares lá com a minha família. Adoro a história e o patrimônio português.

Patrícia Manchini - O que a população de Guaratinguetá fala sobre o Museu?

Thereza Maia - Alguns gostam, vem visitar e tem interesse pela nossa história, outros ficam sentados ali na praça comentando: “Ah, é? Museu Frei Galvão? Nossa...”

Apêndice 7 – Transcrição da entrevista realizada com Alice Bittencourt

Entrevista feita com Alice Bittencourt - Bibliotecária do Museu Frei Galvão: 23/01/2012 – Museu Frei Galvão

Patrícia Manchini - Em 1957, o jornalista João Martins de Abreu na idealização da “Casa de Frei Galvão”, passou a reunir um acervo de peças destinadas a esse suposto museu, em conjunto com a Sociedade Frei Galvão. Quem é essa Sociedade Frei Galvão? O que foi?

Alice Bittencourt - É um grupo de amigos que se reuniram com a finalidade de divulgar a cultura e prestar serviços beneficentes. O nome é em homenagem ao patrono da cidade.

Patrícia Manchini - Ainda existe?

Alice Bittencourt - Sim, seu Diretor Presidente é o Dr. Antonino Kimaid. Atualmente a função da Sociedade Frei Galvão é administrar o “Jornal O Eco”, com tiragens quinzenais e sua distribuição é feita nas bancas de jornais. E Sobrevive graças aos assinantes e colaboradores.

Patrícia Manchini - Quem são as pessoas que visitam o Museu?

Alice Bittencourt - São Municípios, pessoas de outras cidades, estudantes, pesquisadores e escritores.

Patrícia Manchini - Querem ver o acervo do Museu ou pedem para consultar documentos do Arquivo? Pedem explicação sobre o que está exposto ou só olham?

Alice Bittencourt - Alguns pedem para consultar os documentos, outros pedem explicação sobre o que está exposto e outros só observam.

Patrícia Manchini - E as escolas?

Alice Bittencourt - Há participação das escolas desde a pré-escola, principalmente quando o Museu promove as exposições temporárias com temas variados de acordo com o mês e motivo. Por exemplo: época do folclore, carnaval, semana santa, etc.

Patrícia Manchini - Os profs de História costumam dar aulas no Museu?

Alice Bittencourt - A participação dos professores de História poderia ser maior.

Patrícia Manchini - Quem são os funcionários que fazem a visita guiada?

Alice Bittencourt -

Alice Aparecida Bittencourt dos Santos (Bibliotecária), Ana Maria Maia Braga (Secretária), e a própria Diretora, Thereza Maia, quando precisa, e outros funcionários também. Estagiário do Curso de Turismo, quando tem.

Patrícia Manchini - Quais são os assuntos mais pesquisados no Arquivo? O que as pessoas buscam e para que? Assuntos escolares? Pesquisadores? Universitários? Curiosos? Devotos de Frei Galvão?

Alice Bittencourt - Os assuntos mais pesquisados no museu referem-se a Frei Galvão, sobre a história da cidade, personalidades e sobre o patrimônio histórico principalmente sobre o prédio da Estação Ferroviária. Buscam conhecimento e também para pesquisas escolares, trabalhos de conclusão de curso, historiadores, escritores. Os devotos procuram mais pela Casa de Frei Galvão.

Patrícia Manchini - Como é feita a higienização e conservação dos documentos?

Alice Bittencourt - A higienização utilizada é a básica, na conservação utiliza-se produtos anti-fungos e não possuímos câmara de limpeza.

Patrícia Manchini - A Alice foi aluna da Thereza na Fatea. Como surgiu a ideia de fazer o trabalho voluntário de catalogação no Museu?

Alice Bittencourt - O Pasin era Professor de “História do Livro” no Curso de Biblioteconomia e Documentação da FATEA e resolveu levar os alunos ao Museu para dar aulas práticas, iniciando assim a organização do arquivo e biblioteca do Museu.

Patrícia Manchini - **Em que ano foi feito esse trabalho voluntário e por quantas pessoas? Essa foi a única vez que o Museu recebeu voluntários?**

Alice Bittencourt - Teve início no ano de 1977 e recebeu muitos voluntários e estagiários no decorrer dos anos, atualmente recebe estagiários dos cursos de História e Turismo.

Patrícia Manchini - **Depois disso, a Alice foi contratada como funcionária da Prefeitura. Há quantos anos ela trabalha no Museu?**

Alice Bittencourt - Sou contratada do Museu e completei este mês 25 anos de serviços prestados.

Patrícia Manchini - **Podemos dizer que a Alice acompanhou e acompanha boa parte do trabalho realizado pela Thereza, seria ela o braço direito da Thereza?**

Alice Bittencourt - Sim, acompanhei e acompanha os trabalhos realizados por Thereza com maior prazer, não me sinto o braço direito da Diretora, mas sim, faço parte de uma equipe que está junta há muitos anos.

Patrícia Manchini - **O prédio que está o Museu e Arquivo é alugado especialmente para isso? Existem mais salas ocupadas por outras secretarias/departamentos?**

Alice Bittencourt - O prédio onde o Museu funciona é cedido gratuitamente pelo Centro Social de Guaratinguetá, que é o proprietário do prédio. O Centro Social de Guaratinguetá foi criado com fins culturais e dá apoio financeiro ao Museu. Seu presidente atual é o Tom Maia. O prédio conta com 5 andares, sendo que o Museu ocupa o 1º e 2º andares. Os demais andares estão alugados para a Prefeitura de Guaratinguetá, que tem algumas Secretarias funcionando ali.

Patrícia Manchini - **A Prefeitura já cogitou a possibilidade de construir um espaço próprio para o Museu?**

Alice Bittencourt - Não, pois o Museu não tem vínculos com a Prefeitura.

Patrícia Manchini - **Podemos dizer que o Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá é uma instituição privada?**

Alice Bittencourt - Sim, é particular.

Patrícia Manchini - **Todo o acervo do Museu está dividido em 2 partes: o que está exposto e o que está no arquivo. Existe algum outro espaço para o arquivo (documentos)?**

Alice Bittencourt - O Museu possui duas partes: uma com os objetos e outra com os documentos, por isto é Museu e Arquivo de Memórias. Ele não possui outro espaço fora do prédio. Assuntos da canonização ficaram na “Casa do Frei Galvão”.

Patrícia Manchini - **Existe alguma parceria das Secretaria de Educação, Cultura e Turismo no sentido de promover e divulgar o potencial de todo o Acervo do Museu para a população e turistas?**

Alice Bittencourt - Não existe nada.

Patrícia Manchini - **Como é feita a vigilância/segurança do acervo? Já houve algum caso de roubo?**

Alice Bittencourt - A vigilância do Museu é feita pelos funcionários, não possui câmeras de segurança, nem profissional habilitado, apenas um zelador.

Já ocorreu roubo de fotografias, armamento da Revolução de 1932 e uma imagem de Nossa Senhora de Santana, no Memorial de Frei Galvão.

